

LEILA MIRTES SANTOS DE MAGALHÃES PINTO

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TEMPO DE LAZER
NA ATUALIDADE:
estudo com jovens belo-horizontinos**

Belo Horizonte

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

2004

LEILA MIRTES SANTOS DE MAGALHÃES PINTO

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TEMPO DE LAZER
NA ATUALIDADE:
estudo com jovens belo-horizontinos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora:

Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa

Co-orientador:

Dr. Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves

Belo Horizonte

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

2004

Banca examinadora

Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa – Orientadora

Dr. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves – Co-orientador

Dr. Nelson Carvalho Marcellino

Dr. Giovani de Lorenzi Pires

Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira

Dr. Juarez Tarcísio Dayrell

Dra. Anna Maria Salgueiro Caldeira - Suplente

Dr. Tarcísio Mauro Vago - Suplente

Para Eustáquia,
pelo muito que representa para mim, como amiga, irmã e mestre de vida.
Pelo muito que nos comprometemos juntas na educação.
Pelo que me ensinou desde minha primeira pesquisa sobre o lazer, realizada em
1986 já sob sua orientação competente, sensível e responsável com o outro.

A Deus, nossa Mãe e santos queridos, que me acompanham e ajudam em todos
momentos da vida.

Ao Luiz Alberto, pela atenção curiosidade e desejo de conhecimento que me
instigam, sensibilidade que me provoca, orientação competente
que me sustenta.

Aos participantes desta pesquisa, com os quais, em nossos diálogos, aprendi
tanto sobre o tempo de lazer hoje.

À Lourdinha, pelo carinho ao longo dessa caminhada.

Aos meus professores, colegas e funcionários da Faculdade de Educação da
UFMG pela presença disponível e amiga durante todo o Curso de Doutorado.

Ao Marcellino, Inês, Juarez, Giovani, Anna Maria e Tarcísio, pelas avaliações
criteriosas e competentes sobre meus estudos e suas investigações, que me
mobilizam e orientam para saber mais.

À Patricia, Gláucia e Vânia, de quem não apenas recebi carinho e ajuda em
diferentes momentos da realização deste estudo, mas das quais hoje me tornei
irmã.

À Tucha, pela constante ajuda com o jogo das palavras.

A todos os que dialogam comigo sobre o lazer, ensinando-me nos vários tempos
da minha caminhada como educadora e pesquisadora.

Muito obrigada!

Resumo

Esta pesquisa consiste no estudo dos sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade, que problematizaram um dos dilemas principais nas sociedades industriais modernas: a luta dos sujeitos pela posse do seu tempo existencial e das instituições pela posse das experiências culturais no tempo social. Diálogos foram estabelecidos com 60 jovens, de grupos sociais diferentes, conviventes na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte, reunidos em sete “Grupos Focais”. Esses dados foram ampliados por meio de entrevistas de aprofundamento, realizadas com três adultos. As interpretações pela “Análise de Discurso”, como nos orienta Bakhtin, foram fundamentadas por um quadro teórico, esboçado, principalmente, pelas reflexões de Anthony Giddens, a respeito da “modernidade tardia”, e pela sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli. A investigação evidencia que o tempo de lazer é construído nas experiências culturais lúdicas vividas no cotidiano, as quais, segundo o depoimento dos jovens, significam, principalmente, encontro, pertencimento e repetição criativa. No plano social, o estudo apontou para o tempo de lazer regido pela lógica *kairós* de tempo e, como tal, representando tempo de oportunidades de experiências de livre escolha dos sujeitos, que ocorrem no conjunto de suas experiências cotidianas. Tempo de direito de todos que buscam a superação de limites sociais postos às suas realizações, destacando-se os relacionados aos preconceitos quanto ao gênero e etnia, violência, exclusão, pobreza, falta de sonhos, informações e políticas públicas inclusivas de lazer. Revela o tempo de lazer como âmbito de constituição de sujeitos que, permanentemente, negociam experiências de alegria como prática de liberdade, buscando o reconhecimento de si, do outro e com o outro pelas experiências construídas coletivamente.

Abstract

Study about senses and meanings of leisure time in present moment which has pointed out to one of the main dilemmas of modern industrial societies: the struggle of subjects for the ownership of their existential time and the struggle of institutions for the ownership of cultural experiences in the social time. Dialogues were established with 60 youngsters, among different social groups, all dwellers of Center-South Region of Belo Horizonte, gathered in seven “Focal Groups”. Those data were broadened through deepening interviews carried out by three adults. The interpretations according to “Discourse Analysis”, as oriented by Bakhtin, were based on a theoretic frame drafted specially by Anthony Giddens’s reflections concerning “late modernity” as well as Michel Maffesoli’s quotidian sociology. The investigation evidences that leisure time is built up on the playful cultural experiences lived in the quotidian which, according to the listened youngsters, mean specially encounter, belonging and creative repetition. On the social plan, the study pointed out to leisure time ruled by the *kairós* time logic and, therefore, representing opportunity period of experiences of subjects’ free choices, which occur in the entirety of their quotidian experiences. Due time of anyone which seeks the overcoming of social limits established against his or her realization, highlighting those related to prejudice involving gender and ethnic, violence, exclusion, poverty, lack of dreams, information and inclusive public policies of leisure. It reveals leisure time as a sphere of subjects’ constitution who permanently negotiate joy experiences as liberty practice, aiming self recognition as well as recognition of the other and with the other through collectively built up experiences.

Acho que isso é uma coisa interessante, né? Tem outras condições [de vida] muito perto e também muito diferentes e semelhantes, né? Por que é que a gente tá falando do lazer? Eu acho que tem formas diferentes de buscar lazer? Acaba que todo mundo busca uma mesma coisa, mas de formas diferentes. Então, acaba que as pessoas ficam diferentes por causa disso mesmo, estando tão próximas.

Jovem morador na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte,
participante desta pesquisa

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE	
DESAFIOS DA PESQUISA.....	12
1.1 Que sentidos e significados são atribuídos ao tempo de lazer na atualidade?.....	13
1.2 Que teorias orientam esta pesquisa?.....	25
1.3 Com que sujeitos partilhar essa busca?.....	31
1.4 Que caminho percorrer nesta investigação?.....	40
SEGUNDA PARTE	
(RE)DESCOBERTAS DO ESTUDO.....	75
2.1 TEMPO DE LAZER COMO EXPERIÊNCIA LÚDICA.....	77
2.1.1 Lúdico: experiência plural significativa.....	79
2.1.2 Lúdico: experiência compartilhada.....	81
2.1.3 Lúdico experiência da alegria pela prática da liberdade.....	83
2.2 TEMPO DE LAZER COMO PERTENCIMENTO.....	95
2.2.1 “o dia que eu achei mais engraçado foi quando combinei com meus amigos tipo assim... pra gente dá um rolê de bicicleta...” “a gente tava rindo... zuando tanto que a gente nem percebeu que a gente já tava longe”.....	95
2.2.2 “na laje soltamos papagaio... fazemos churrasquinho... é fresquinho... bom pra tomar uma cervejinha... deita lá no chão oiando as estrelas... ah:: é a coisa mais linda”.....	100
2.2.3 “eu amo praia (...) eu me sinto bem com coisa de natureza...” “eu gosto muito de acampar e fazer caminhada... me sinto livre mesmo (...) nós com as mochilas nas costas fomos caminhando seguindo a trilha”.....	103
2.2.4 “domingo eu fui com um colega meu pra casa dele no condomínio Retiro do Chalé...” “mas lazer também não é só sair de casa... por exemplo... na esquina da minha casa tem uma locadora e eu tô a fim de ver um filme bem legal... eu vou lá pego um filme e vou curtir-lo dentro de casa”.....	105
2.2.5 “shopping... é o primeiro lugar que sempre a gente sai... que a mãe tem confiança...” “pro meu amigo o <i>Diamond</i> é ruim porque lá é muito pequeno... você não encontra ninguém... não tem gente... nesse shopping você só vê gente velha... tia”.....	109
2.2.6 “é diferente a forma de lazer do filho homem da casa”.....	115
2.3 TEMPO DE LAZER COMO ENCONTRO.....	123
2.3.1 “não me lembro de quem não gosta de lazer... pois esse não seria meu amigo” “lazer sem amizade, sem companheirismo... não rola”.....	124

2.3.2 “preparo o lanche e saio com o carro... o som do carro ligado... Lagoa Santa... parada na padaria... futura namorada e mais estrada... o som agora vai baixinho... muita conversa e risada... olhadinha de lado e um suspirinho... chego... peço licença... enconstadinha... uma olhadinha e um risinho... beijinho... pôr do sol do alto é lindo”	127
	129
2.3.3 “gosto muito de encontrar com os amigos pra ficar batendo papo... sem fazer nada... jogar conversa fora... mesmo”	
2.3.4 “tem gente que lazer é ficar na dele também... tipo assim... o cara gosta de ficar no mundo dele né? a descontração realmente é lazer... estamos rindo assim e é bom... é um lazer também fazer os outros rirem” “o pobre se diverte até correndo de tiro cara... é mesmo! a gente corre... corre... depois que pára a gente fica pensando nó:: aquela foi doida! e dana a ri um do outro...” ((risos)).....	131 138
2.3.5 “o lazer é importante como um tempo para você se autoconhecer”	142
2.3.6 “fui na Praça do Papa ver o show do Tia Anastácia... tinha um monte assim de grupos assim de gente assim de todos os lugares de Minas sabe... de todo jeito”	
2.3.7 “meu dia de lazer... eu fui pra fazenda dos meus avós com meus amigos... a gente foi sozinho sem nenhum adulto... aconteceu de tudo... tinha que parecer que a gente tava dormindo... aí aquela coisa só a luz de vela que tava acesa... e aí a gente escutava cada barulho... naquele escuro... cada mosca que entrava era um monstro” “eu gosto de ficar arrumando casa... ouvindo música e ensaiando a vida... sabe?”	144 147
2.3.8 “eu no domingo vou para casa de minha avó... visito as pessoas lá e eu considero isso lazer porque a gente sente que os parentes sentem bem quando a gente vai visitá-los e dar uma alegrada com o pessoal”	
2.4 TEMPO DE LAZER COMO REPETIÇÃO CRIATIVA	151
2.4.1 “o povo anda igual menininho... não tem espaço vai inventando...” “o dia D... é o dia em que os alunos do terceiro ano vão fantasiados assistir aula...” “nos recreios de toda sexta feira o grêmio promove show...” “no sábado fui pro clube porque eu tinha um campeonato tipo esses trens de colégio aqui... mais pra brincadeira mesmo... foi bom demais...” “alguns professores de português... de história gostam muito de promover idas aos teatros e cinemas para começar alguma discussão da disciplina... todo mundo adora”	152
2.4.2 “os alunos sempre acham um tempo na escola e vão brincar”	158
2.4.3 “no sábado fui pro clube porque eu tinha um campeonato tipo esses trens de colégio aqui... mais pra brincadeira mesmo... foi bom demais...” “essa discussão valeu porque a gente voltou pensando nesse negócio da questão pública e tal que deveria ter mais espaço público para o lazer”	161
2.4.4 “eu já tive na minha igreja... tô lembrando aqui de um acampamento que teve... eles alugaram um clube também...” “no feriado de <i>Corpus Christie</i> eu viajei para o Rio de Janeiro”	163
2.4.5 “outro dia tava falando com um menino que era de São Paulo... eu nunca fui em São Paulo... ele tinha um papo legal... conversei com uma senhora que me contou como conheceu o marido ela... minha mãe fala que antes de ter internet... as pessoas faziam isso por telefone...” “gosto de assistir novela acho que só porque tem muito conflito... e eu gosto de ver o circo pegar fogo...”	

adoro uma confusão”.....	166
2.4.6 “dia de lazer foi um campeonato na escola... meu time tava ganhando todas e aí no final perdeu de onze a um e eu fiz o gol de honra... aí eu fiz o gol de honra... foi demais”.....	171
2.4.7 “às vezes você junta o trabalho com diversão pode dá um bom serviço...” “tem gente que tem lazer no trabalho... que faz uma coisa que gosta e se realiza...” “o trabalho dele era ficar brincando com os bonequinhos... testar brinquedos entendeu? entra pra ele aquilo não era trabalho era um lazer” “quando comecei a escalar era lazer puro... 100% era só diversão e agora começo a pensar nesse esporte como opção de trabalho... já que no lazer mesmo venho me profissionalizando”.....	172
2.4.8 “relógio e lazer não combinam muito não porque quando você está no lazer você não está nem aí para a hora... você não se preocupa se o lazer está acabando... pelo contrário... no lazer o tempo passa voando e a gente nem vê passar...” “por exemplo... agora já acabou ((nossa pesquisa)) são seis horas e nós estamos aqui fora e nem percebemos que escureceu tanto... preciso até acendeu a luz”.....	181
TERCEIRA PARTE RE(VI)VENDO OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TEMPO DE LAZER NA ATUALIDADE	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

PRIMEIRA PARTE

DESAFIOS DA PESQUISA

Escrever uma tese. Colocar argumentos “em jogo”. Construir um texto com um mosaico de idéias enunciadas por vários sujeitos, que proponha uma releitura do “real” pelo jogo criativo da própria produção do texto. Escrever o que tantas vezes pensei ou desejei falar, mas não consegui expressar. Tornar presente o passado resignificado pelo “aqui e agora”. Reconstruir o que foi dito por alguém, ou por mim mesma, e sugerir novas formas de dizer. Afinal, o que proponho apresentar como um trabalho científico que a academia deseja que seja “novo”, especialmente por ser uma pesquisa desenvolvida em um Programa de Doutorado?

Aprendi com Barthes¹ que, antes de tudo, a escrita de um texto implica comprometimento do autor com o outro — o leitor e consigo mesmo — que, a cada nova leitura do escrito, desconfia dos seus argumentos e busca ampliar seu olhar sobre os dados e reconstruir fundamentos sobre o que foi e não foi dito. Comprometimento com o outro — você — leitor que nesse momento dialoga comigo, também (re)construindo sentidos sobre o objeto da reflexão mediada por este texto. Barthes² me lembra, ainda, que o fato de eu escrever um texto com prazer não assegura o prazer do outro. Nem por isso reduz a importância da pessoa do outro na produção, leitura e análise das idéias colocadas, pois o outro é a razão de ser da construção realizada.

Desse modo, pela interlocução dialética estabelecida entre as idéias aqui articuladas é que se tornou possível a concretização desta pesquisa. Nesse diálogo, falo de um lugar social, cultural e político que ocupo no mundo, vivendo continuidades e rupturas históricas, consciência e contradições na minha trajetória de convivência com diferentes pessoas e campos de saber, que vêm influenciando

¹ Barthes, 1992.

² Barthes, 1987.

a constituição dos meus discursos e o compromisso sociopolítico que assumo especialmente no campo do Lazer — âmbito e principal caminho das minhas intervenções como educadora e pesquisadora.

É desse lugar que construo este texto, relato de uma pesquisa que é parte de estudos que venho realizando sobre “Lazer e Educação”, desde 1986. Experiências enriquecidas, especialmente, com as interatividades que construí nas últimas três décadas com diferentes sujeitos: alunos, alunas, professores, professoras, colegas do magistério universitário e da educação básica; pessoas de vários grupos sociais e idades, trabalhadores e trabalhadoras de instituições públicas, privadas e do terceiro setor. Sujeitos que me mobilizam, cada vez mais, a perguntar sobre as realidades que vivemos e, a partir da reflexão crítica sobre nossas práticas profissionais, pedagógicas e cotidianas, a contribuir na construção de experiências criativas e significativas no tempo de lazer.

Nessas reflexões, muitas perguntas têm-me instigado de vários modos. No entanto, algumas aguçaram minha curiosidade de tal forma que gestaram a semente deste estudo, definindo o meu objeto de investigação e me orientando na organização do arcabouço teórico-metodológico que fundamenta esta investigação. Assim, a pergunta geradora desse processo é:

1.1 Que sentidos e significados são atribuídos ao tempo de lazer na atualidade?

O que, até pouco tempo, não despertava a minha curiosidade investigativa passou a ser não só objeto do meu estudo no Doutorado em Educação, como também categoria fundamental dos estudos que venho desenvolvendo no campo do Lazer. Chamou-me a atenção o fato de que, nas obras sobre lazer — que estudei até o momento —, o “tempo”, mesmo sendo reconhecido como uma das

categorias estruturantes dos conceitos de lazer, poucas vezes foi assumido como objeto de estudo nesse campo. Entre nós, a obra mais citada como referência de pesquisa sobre tempo de lazer é *Of time work and leisure*, de Sebastian De Grazia. Trata-se de uma investigação sobre a vida norte-americana, publicada em *New York*, no início dos anos 60 do século XX³.

Mais que isso, a dimensão temporal, freqüentemente mencionada como uma das principais explicações sobre usos, possibilidades e limites do lazer na sociedade moderna, é definida, quase que unicamente, como tempo linear medido pelo relógio e calendários. Conceito difundido pela disciplina do trabalho industrial⁴, processo civilizador orientador das tarefas⁵ e do consumo⁶ na sociedade moderna.

A partir daí, o tempo de lazer tem sido considerado, sobretudo, em contraposição aos tempos de obrigações sociais, com destaque aos do trabalho, discussão construída por Dumazedier com base em estudos desenvolvidos no interior da França, em 1956⁷. Fundamentado no “orçamento tempo” realizado por Szalai⁸, Dumazedier sublinha que, na modernidade, o lazer representa tempo e espaço de grande número de práticas sociais estereotipadas, sedutoras e ambíguas, que mesmo limitadas e determinadas, influenciam o conjunto da vida cotidiana⁹.

Discutindo os argumentos desse autor, Munné afirma que,

Dumazedier distingue tres modos básicos de empleo del ocio, que llama las tres D por la inicial de sus respectivos nombres: el ocio sirve para Descansar, Divertirse y Desarrollar la personalidad. Son,

³ De Grazia, 1966.

⁴ Weber (1967), Russel (1977), Parker (1978), Lefévre (1991), Thompson (1991).

⁵ Elias, 1998.

⁶ Riesman, 1971.

⁷ Dumazedier, 1979.

⁸ Szalai (1972) desenvolveu um “orçamento tempo” por meio de estudo comparativo sobre como indivíduos “gastam” seu tempo diário de trabalho e lazer, ouvindo pessoas de doze países: Alemanha Oriental e Ocidental, Rússia, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polônia, Iugoslávia, Bélgica, França, USA e Peru.

⁹ Dumazedier, 1995.

pues, las tres funciones que desempeña en el sistema social. El descanso recupera de la fatiga e incluye el aburrimiento, el tedio, etc.; en la diversión entra el juego como distracción, evasión, etc.; y en el desarrollo personal y social, la necesidad de formación. Las dos teorías expuestas se complementan. El ocio compensador revela la contradicción latente de un ocio transformado en un comportamiento necesario. Y, referido a las 3D, muestra que se trata de actividades compensatorias y por lo tanto no expresivas de libertad. Lo reconocía implícitamente Dumazedier al decir que el descanso se da como recuperación de la fatiga, la diversión como distracción para huir de la monotonía, y el desarrollo personal como un evitar la impersonalidad.¹⁰

Munné critica o fato de Dumazedier não considerar o potencial contraditório do “ócio” [lazer] e, logo, não reconhecer seu potencial libertador.

O tempo de lazer como contraponto do tempo de trabalho tem provocado diferentes discussões no campo do lazer, sendo destacadas, sobretudo, questões relativas à diferentes fatores inerentes à sociedade moderna industrial, a começar pela divisão e os privilégios de classes. Nesse sentido, Marcellino nos instiga a aprofundar nas discussões de Veblen, Riesman e Fromm.¹¹

É importante lembrar que Veblen avançou nessas reflexões, analisando o aparecimento do que chama de uma “classe ociosa”, com maiores condições econômicas e possibilidades de consumo, que surge no mesmo momento da instalação do sistema de propriedade, de lutas pela posse de bens e riqueza no tempo social que incluía o lazer. Já Riesman estudou a sociedade de consumo e “estilos de vida” dos indivíduos com base nas práticas das atividades realizadas no tempo de lazer. Fromm, que também discutiu “estilos de vida”, analisou atitudes dos indivíduos no lazer. Do seu modo de ver, o tempo do lazer acontece, independentemente, de um tempo social determinado.¹²

O tempo de lazer como contraponto do tempo de trabalho vem sendo analisado com base, especialmente, nas reivindicações de trabalhadores pelo

¹⁰ Munné, 1996: 430.

¹¹ Marcellino (1987), Veblen (1983), Riesman (1971) e Fromm (1970).

¹² Diferentemente dessas discussões, num sentido idealista, Bramante (1998), fundamentado em Pieper (1963), discute o lazer como base da cultura, focalizando a atitude mental e o estado de ser da vivência do tempo de lazer como ato de fé, crença e transcendência.

direito a um tempo de repouso e de realização humana fora do tempo de produção. Nesse sentido, Mascarenhas refletiu sobre discussões que Marx teceu sobre a economia de tempo e a distribuição programada do tempo de trabalho na economia capitalista.¹³ Por sua vez, Oliveira analisou Lafargue, ampliando as análises que esse autor faz sobre estudos iniciados por Marx acerca do tempo de repouso na reprodução da força de trabalho.¹⁴

Outra reflexão realizada por Marcellino sobre o uso do tempo de lazer na sociedade moderna industrial o aponta como meio de manutenção, homogeneização e internalização de valores. Para isso, Marcellino investigou a obra de Friedmann, cujas pesquisas se debruçaram sobre influências do progresso técnico da sociedade industrial na organização e disciplina temporal do trabalho e vida social, e de Riesman, cujos estudos sobre o lazer voltam-se à formação dos indivíduos.¹⁵

Já o tempo de lazer compreendido como tempo-espaco de lutas de classe com vistas a manter ou romper relações de subordinação econômica, política e ideológica no contexto vivido é uma discussão que tem sido fundamentada principalmente em Gramsci, cuja obra vem contribuindo com nossas reflexões sobre as relações dos aspectos políticos e ideológicos implícitos nas artes, no direito, na atividade econômica e vidas individuais e coletivas.¹⁶ Contraponto percebido em todas as fases da vida, desde a infância, sendo influenciado pelos valores do trabalho capitalista.

Com base em Gramsci, Marcellino prefere entender o lazer como

cultura vivenciada no “tempo disponível” das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude; fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente; um tempo privilegiado para a vivência de valores que

¹³ Mascarenhas (2000) e Marx (1968).

¹⁴ Oliveira (2000) e Lafargue (1999).

¹⁵ Marcellino (1987), Friedmann (1972) e Riesman (1971).

¹⁶ Gramsci (1979).

contribuem para mudanças de ordem moral e cultural; portador de duplo aspecto educativo — meio e fim de educação.¹⁷

Como se pode observar para esse autor o lazer é visto como um fenômeno produzido historicamente, que ocorre no plano onde tempo e atitude são discutidas a partir da dimensão cultural – são, pois, noções datadas e localizadas. O tempo de lazer passa a incluir, assim, a dimensão dos conflitos e questionamentos à estrutura vigente da sociedade.

Outros estudos críticos brasileiros têm sido também fundamentais para a nossa compreensão do tempo do lazer, porém enfatizando também a discussão de seu conceito na constituição da sociedade industrial, sem considerar as mudanças históricas que essas sociedades vêm vivendo nos últimos anos.¹⁸

A releitura desses estudos mostrou-me o quanto o tema do lazer é rico e complexo, instigando minha curiosidade em sondar sobre possíveis mudanças de sentidos e significados do tempo de lazer no contexto das transformações profundas que vêm sendo operada nos fundamentos materiais da atual sociedade.

Nesse sentido, cada passo dado nessa investigação evidenciou várias outras questões cruciais da nossa realidade, circunscrevendo-se, principalmente, dilemas da democracia como questões dos direitos dos cidadãos, da vivência da liberdade e da produção de identidades, refletindo inúmeros anseios e desejos da população quanto ao tempo de lazer.

Já em investigações anteriores¹⁹, comecei a perceber que, ao interrogar pessoas em diferentes situações — professores, alunos, gestores de políticas públicas e privadas, entre outros — sobre o lazer e atividades correlatas, a idéia de “tempo de lazer”, mesmo com o significado “industrialista” do lazer, apontava para outros sentidos e questões relacionados a esse conceito.

¹⁷ Marcellino, 1996: 2-3.

¹⁸ Gebara (1994); Brunhs (1996); Camargo (1998); Werneck (2000).

¹⁹ Pinto (1992, 1995, 1996-A-B, 1998-A-B, 1999-A-B; 2000; 2001-A-B; 2002-A-B, 2003).

Diante de evidência, o que teria acontecido do ponto de vista macroestrutural, para influenciar e mudar as percepções dos sujeitos em relação ao tempo de lazer?

Em função desse questionamento, decidi avançar nesta minha investigação, buscando não somente reler estudos sobre o lazer, mas também sondando alguns clássicos das Ciências Sociais que se dedicaram a estudar a dimensão “tempo”.

Afinal, qual a noção de tempo que orienta a presente pesquisa?

Antes de tudo, essas buscas mostraram-me que estou tratando o tempo como uma construção social, que não existe sem o sujeito. O tempo é humano. Busco, assim, no presente estudo realizar leituras sobre o lazer em tempos humanos vividos, buscando identificar e entender sentidos e significados socioculturais atribuídos ao chamado tempo de lazer.

Vários estudiosos do tempo propõem que as investigações que considerem a dimensão temporal das experiências humanas precisam levar em conta os diferentes tempos vividos no tempo social. Para Lewis & Weigert, Sorokin & Merton e Torre²⁰, por exemplo, os estudos sobre tempos sociais devem considerar os níveis individual, grupal e sociocultural, cada um deles com suas próprias formas de tempo.

Para esses autores, cada uma das perspectivas individual, grupal e cultural do tempo social representa usos atribuídos à estrutura de tempo socialmente legitimada nos cotidianos diários, mensais ou anuais constituídos na organização e vivência de práticas sociais, envolvendo motivações e interesses diversos.

A perspectiva individual revela que o tempo social não é homogêneo e nem linear, como a princípio muitos argumentos queiram dizer. Essa linearidade não é possível, pois o tempo social expressa tempos pessoais, mais que o tempo da fase de vida. Expressa mudanças na compreensão que os sujeitos têm de seus corpos totalidade — biológica, psicológica, social, cultural, espiritual, seu gênero,

²⁰ Para Lewis & Weigert (1992), Sorokin & Merton (1992) e Torre (1992)

sua etnia e outras dimensões. A leitura da experiência temporal é, pois, uma das formas de compreensão de acontecimentos vividos segundo certas escolhas, hábitos e consciência de cada sujeito.

O tempo social, analisado na perspectiva grupal, revela a subordinação do sujeito ao tempo das interações intersubjetivas institucionais, pautadas por princípios, valores, regras e estratégias que estruturam ações dos grupos na rede social, variando-se de acordo com as diferentes esferas e posições sociais que cada pessoa integrante do grupo ocupa nesse contexto.

A dimensão cultural do tempo social se refere aos modos como são realizadas trocas diversas, em âmbitos diferentes, nos quais se constitui as maneiras como os sujeitos produzem e consomem culturas segundo suas identidades e modos de lidar com o tempo. As estruturas culturais variam, pois, de acordo com as diferentes relações estabelecidas em cada grupo cultural, articuladas por diferentes lógicas de estruturação espaço temporal da relação cultural vivida. Por exemplo, no campo institucional (empresas, escolas, igrejas, clubes, famílias, etc.) as regras que articulam as práticas culturais no tempo e espaço são constituídas segundo valores de cada uma das instituições. Os vários grupos culturais também se utilizam de lógicas próprias na estruturação e no uso do tempo social para a concretização de suas práticas. Isso pode ser observado na diversificação das experiências culturais das comunidades e grupos humanos (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e outros).

A diferença fundamental da perspectiva sociocultural do tempo é que, segundo essa, cada uma das estruturas do tempo social (diário, semanal e anual) se repete em ciclos diferentes, variando-se de grupo para grupo cultural. O tempo não é, pois, cíclico, linear, definindo práticas culturais por meio de intervalos regulares, repetitivos. Sua estruturação implica desejos, escolhas e possibilidades de cada grupo cultural.

Essa discussão é fundamental para os estudos do lazer uma vez que o fenômeno social lazer, da forma como se constituiu e se desenvolveu na sociedade moderna industrial, gestou-se a partir da organização do tempo social,

especialmente considerando o tempo disponível para práticas culturais de livre escolha dos sujeitos. Experiência de tempo social que, historicamente, vem sofrendo mudanças significativas nos últimos anos.

Um dos autores importantes para analisar tais mudanças é Anthony Giddens. Ele nos ajuda a entender como o conceito de tempo tem, historicamente, se transformado no contexto da sociedade moderna industrial.

Segundo seu raciocínio, a civilização moderna se expandiu pelo mundo ocidental a partir do século XVIII, provocando profundas transformações sociais, cujo apogeu — e também crises — foi vivido nas últimas décadas do século XX, especialmente a partir dos anos 70, período que Giddens denomina de “modernidade tardia”. Ao seu ver, esse período histórico é marcado por uma forma de organização baseada na “institucionalização da reflexividade”. Ou seja, nos diversos aspectos da vida social há uma invasão de conhecimentos utilizados para produzir, continuamente, novas informações.

Dito de outra forma, Giddens nos mostrou traços importantes das instituições. Essas passam a produzir conhecimentos e informações e os utilizam para o seu aperfeiçoamento. Por exemplo, os sistemas educacionais ou projetos sociais produzem informações sobre suas próprias ações, usando-as para aumentar a eficácia de suas práticas. Isso é o que se chama “sociedade programada”. Permanentemente reavaliado, o conhecimento torna-se, ao mesmo tempo, confiável e não confiável, pois nunca se sabe se já se encontra ultrapassado²¹.

Giddens destaca também outras características da “modernidade tardia”: uma profunda reorganização das dimensões tempo-espço, aliada à descontextualização (“desencaixes”) e à reorganização (“reencaixe”) das relações sociais alicerçadas por “sistemas peritos”.

Os “desencaixes” provocam deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação estabelecida em extensões

²¹ Giddens, 1991.

indefinidas de tempo-espaço. O que, por exemplo, podemos identificar nas relações de gênero que, por meio de um processo de deslocamento, se recombina no mercado e se colocam já não mais em termos de relações locais.

Discutindo os “reencaixes”, Giddens mostra-nos que a expansão da capacidade social de abarcar maiores extensões de tempo-espaço, dada à globalização econômica e cultural, gera tendência à universalização de valores e relações sociais, bem como relações entre universalidade e particularismo, o que implica “novas” formas coletivas de ação. Os mecanismos de “reencaixe” buscam atuar nas reestruturações locais baseadas em valores concretos e experiências específicas, somados aos elementos morais com potencial universalizante. Para tanto, os diferentes mecanismos de “desencaixe” e “reencaixe” utilizam “sistemas peritos”, que atuam nas diferentes experiências socioculturais, influenciando nas decisões dos indivíduos. Os “sistemas peritos” consistem em sistemas técnicos ou profissionais que organizam largas áreas dos meios material e social do mundo contemporâneo, processos sobre os quais pouco conhecemos.²²

“Desencaixe” ou desenraizamento dos agentes de condições específicas de existência é um fenômeno recorrente em todas as sociedades modernas. A produção de um tempo abstrato (relógio, calendário), e sua desconexão do espaço, separado de lugar, proporciona novas formas de relação social. O lugar é penetrado por influências distantes, que contribuem para moldá-lo. Os “desencaixes”, em grande parte, derivam desse processo, levando os indivíduos a lidar com suas identidades de forma distinta.

Esses elementos tratados por Giddens — reflexividade, reorganização temporoespacial e “desencaixes/reencaixes” das relações sociais — articulam-se, gerando inúmeros efeitos que modificam profundamente a vida social. Em decorrência, há a institucionalização de um sistema de trocas ainda mais complexo e abstrato.

Nesse contexto, as mídias assumem papel fundamental na desconexão dos sujeitos de suas experiências de encontro face a face, instaurando novos tipos

²² Giddens, 2001.

de interação e de consumo, mediados por imagens culturais difusas, que intervêm na vida — nas dimensões social, afetiva, cultural, etc.²³

Nas ações midiaticizadas, o espaço é separado do lugar, reforçando relações entre “ausentes”, distantes em termos geográficos. Ampliam-se condições para que os hábitos locais sejam penetrados e moldados por influências sociais diversas e diferentes e até mesmo geograficamente distantes. Ao ser (re)estruturada pelo que não está presente no lugar concreto vivido, a “forma visível” dessa experiência oculta outros modos de ver, compreender e agir socialmente, que passam a integrar sua constituição. Isso pode ser exemplificado com as mudanças de sentido de privacidade na era moderna, quando passamos a ter intimidade com pessoas que não conhecemos ou com as quais não interagimos face a face.²⁴

Essa configuração de forças provoca um ritmo acelerado na vida societal. Tornando-se globalizadora, provoca interdependência crescente sob diversos aspectos, que inclui mais que a economia mundial: é movida pela revolução das comunicações, o fim da guerra fria, os padrões mutantes da soberania nacional, a reestruturação do capitalismo e mudanças de valores. Com isso, acontecimentos que têm lugar longe de nós, de algum modo, afetam nossa vida²⁵.

Para Castells, esse contexto define o estágio da “sociedade em rede”, que precisa ser considerado nas análises sobre a atualidade. Nesse estágio da sociedade moderna, há um modo de conhecer e atuar no mundo pela compreensão das relações entre os “nós” de uma rede. Para ele, a rede é tudo menos coesão institucional. A rede coloca a noção de instituição em questionamento, pois o conjunto de nós pode provocar vários resultados, um deles é o dinheiro produzido. O fato de não ser uma coesão institucional mostra que a rede é uma síntese altamente dinâmica, forma drástica de organização das relações no tempo e no espaço.

²³ Thompson, J., 1995.

²⁴ Giddens, 1991; Augé, 1994.

²⁵ Castells, 2000-A-B-C.

Assim, os esforços de compreensão das ações na sociedade em rede não são mais centrados, por exemplo, na disciplina, nas instituições ou em uma localidade. É necessário ir além do “nó” e contextualizá-lo, compreendendo o ambiente onde está inserido e as influências possíveis.

A leitura da vida social na perspectiva da rede exige-nos pensamento sistêmico, o que implica a compreensão de equifinalidade, interdependência e complementaridade. A equifinalidade é o que permite afirmar que as partes podem ter objetivos distintos, mas o fim pretendido com o cumprimento dos objetivos é o mesmo. A interdependência é a característica que evidencia as relações, pois nenhuma parte é estanque e tem fim nela mesma. Ela existe na relação de dependência com as outras partes, pois, as mudanças ocorridas em uma das partes, afetam todas. Exemplificando,

são mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. [...] São campos de coca e de papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrizar secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro, na rede do tráfico de drogas que invadem as economias, sociedades e Estados no mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para a cobertura jornalística e equipamentos móveis, gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmago da expressão cultural e da opinião pública na era da informação²⁶.

A constituição de um sistema em rede implica relações implicitamente reguladas pelas finalidades, que fundam as ações em rede, e infra-estrutura material que dê suporte à comunicação e ao fluxo de informações. Do ponto de vista da dimensão temporoespacial, o avanço tecnológico é fundamental na superação de barreiras físicas e o estabelecimento dos contatos necessários ao alcance dos objetivos das ações em rede. Segundo a dimensão social, o tempo-espaço atua em forma de socialização e na superação de barreiras organizacionais ou jurídicas que lhes são colocadas. A dimensão cultural participa da superação de barreiras referentes a relações no tempo-espaço, visando a convivência dos

²⁶ Castells, 2000: 498.

membros da rede e a definição de mecanismos de intercâmbio entre eles.²⁷

Combinam-se, assim, técnica e velocidade necessárias à operacionalização das práticas culturais, influenciando na constituição de sociedades, sujeitos, sentidos e significados de tempo de lazer.

Desse modo, no atual estágio das sociedades complexas, fronteiras culturais se diluem e culturas se interpenetram. É a desterritorialização que, de um lado, influi no condicionamento do aqui e agora, instigando generalizações de atitudes e comportamentos como os presentes no imperialismo americano, buscando a homogeneidade de fundamentos, ações e valores²⁸. De outro lado, ao mesmo tempo provoca nos sujeitos a necessidade de se posicionar perante essa imposição e assumir, nas suas escolhas, posturas políticas e étnicas (desafiadas pelo multiculturalismo)²⁹.

Esse contexto gera dilemas decisivos na constituição de sentidos e significados de tempo de lazer, abrindo a possibilidade de inúmeras investigações sobre esses na atualidade.

Buscamos delimitar as buscas da presente pesquisa, procuro tratar, principalmente, um dos dilemas que chamou muito a minha atenção, ou seja: vivemos “lutas” dos sujeitos pela posse do seu tempo existencial - tempo individual, cultural e, ao mesmo tempo, das instituições. Dilema muito complexo, uma vez que abarca amplo espectro de interesses e estratégias adotados pelos sujeitos e pelas instituições, que inferem nos modos como cada um vive o tempo social e, nele, o tempo de lazer.

Com base nos estudos de Giddens, esse desafio pode ser traduzido por meio de uma crescente interligação entre extensividade e intensividade, isto é, influências socioculturais globalizadoras, de um lado, e tendências pessoais, de outro. E é por isso que esse autor afirma que, no atual momento histórico, para sua rearticulação, o sujeito é flexibilidade: prazer, corpo, história, ética, religião.

²⁷ Tedesco, 2002.

²⁸ Fairclough, 2001.

²⁹ Gonçalves & Silva, 1998.

Enfim, o sujeito não existe a priori. Ele é construído. Sua constitutividade como sujeito se faz no seu contexto sociocultural³⁰. Nada escapa, pois, da busca de novos significados.

A partir desses argumentos, propus construir reflexões sobre o tempo de lazer constituído no tempo vivido por certos sujeitos, atenta para não estudá-lo como se trouxesse em si uma só explicação, como se os sentidos e significados de tempo e de lazer existissem a *priori*. Eles são, permanentemente, (re)construídos nas vivências culturais constituídas em meio às mudanças sociais vividas a cada época e lugar históricos.

Um estudo dessa natureza me faz perguntar: Atualmente, os sujeitos ainda se submetem à lógica da imposição social? Ou não? Afinal, que sentidos e significados os sujeitos atribuem ao tempo de lazer na atualidade?

Essas perguntas definiram o objetivo da presente investigação, que se propôs a identificar e analisar sentidos e significados do tempo de lazer na atualidade, o que requereu lidar com outras questões que discuto a seguir.

1.2 Que teorias orientam esta pesquisa?

Vários autores fundamentam o presente estudo, porém alguns deles estão da base da construção teórica desta pesquisa.

A teia teórica construída como ponto de partida da pesquisa se iniciou com a discussão de sentido e significado.

O sentido não é universal nem intemporal. Não é convencional, unívoco e nem expresso em sua totalidade. É resposta (implícita ou explícita) a uma

³⁰ Giddens, 1993.

pergunta que só se atualiza na interlocução com o outro, ou seja, no diálogo. Isso significa que ele é uma compreensão produzida na enunciação, ou seja, na ocorrência do diálogo entre interlocutores em condição de produção discursiva definida. Assim, a produção de sentidos só se torna possível como acontecimento singular no interior e no limite de determinado contexto social, cultural e histórico — ao mesmo tempo oculto e evidente no jogo do diálogo —, sofrendo interferências e controles sob influências de diferentes significados conviventes nesse contexto.³¹

Por sua vez, a significação, compreendida como significação contextual da palavra, como diz Bakhtin, é produzida por meio de relações de diferentes sentidos, não sendo tratada na presente pesquisa como significação da palavra dicionarizada³². Assim, as significações não são constituídas por meio de diálogos estabelecidos entre interlocutores, como acontece com os sentidos. Elas ampliam o diálogo com outros contextos e tempos, representando modos como uma época, um grupo social ou um conjunto de idéias que respondem às suas questões. São fruto de relações de sentidos entre complexos e diversificados discursos: científicos, sociais, culturais, políticos e outros.

Para Bakhtin, a significação como fato socioideológico não pode ser compreendida como algo que existe em si mesmo. Os sentidos e significados são elaborados nas enunciações concretas e sempre partem de um diálogo social ininterrupto. As condições sociais configuram o quê dizer e como pode ser dito. Assim, nas trocas dialógicas, a palavra é sempre múltipla e integrante de processos, que, para Bakhtin, são constitutivos de sujeitos, linguagens e discursos construídos com os outros sujeitos.

Discutindo a constituição do sujeito, Alan Touraine³³ ressalta que

na modernidade, o sujeito não entendido como um profeta que formula leis: não se refere à utilidade social, nem à ordem do mundo e da tradição, mas somente a si mesmo [cria imagem de si

³¹ Bakhtin, 1992-B.

³² Bakhtin, 1992-B.

³³ Touraine, 1996: 163.

mesmo], às condições pessoais, interpessoais e sociais, de construção e defesa de sua liberdade, isto é, do sentido pessoal que atribui à sua experiência contra todas as formas de dependências, tanto psicológicas quanto políticas.

Giddens discute a compreensão de sujeito fundado na intersubjetividade e nos princípios de uma sociedade democrática, por meio dos quais ele “integra identidade e técnicas, construindo-se como ator capaz de modificar seu meio ambiente e transformar suas experiências de vida em provas de liberdade”³⁴. Meio ambiente que, como esclarece Bakhtin, não é um contexto externo/alheio às ações humanas, mas penetrado, ordenado e significado por elas, por meio das trocas intersubjetivas³⁵.

Nessa dinâmica, os enunciados são produzidos socioculturalmente, materializando-se em significados múltiplos. Pelos enunciados, o eu representa e apresenta aos seus interlocutores certa construção da realidade e, com isso, pode interferir sobre seus julgamentos, opiniões, preferências, modos de ver, de sentir o mundo e de decidir sobre como atuar nele. Nessas interações são construídas questões relacionadas ao eu, ao outro e à vida sociocultural política e histórica vivida³⁶.

Nos movimentos polifônicos, os sentidos produzidos representam perspectivas ideologicamente definidas e a articulação dialógica de múltiplas vozes, realizada em dadas condições de interação, expressão, compreensão, enunciação e réplica, que constituem o processo discursivo³⁷.

Nos processos discursivos, os sujeitos praticam estratégias e competências na busca do reconhecimento de si, do outro e de ambos — que pressupõem significados produzidos em contínuos processos de criação, recapitulação e reinterpretação do passado em relação a um futuro antecipado, operados por

³⁴ Giddens, 1993: 173.

³⁵ Bakhtin, 1992-B.

³⁶ Geraldi, 1994.

³⁷ Bakhtin, 1992-A.

“desencaixes” e “reencaixes”, como diz Giddens.³⁸ Sentidos e significados são, pois, segundo esse autor, constituídos num universo reflexivo de ação sociocultural, no qual todos filtram e reagem às informações circulantes.

Por isso, como diz Dubet, as experiências precisam ser tratadas tanto como um tipo de objeto teórico quanto um conjunto de práticas sociais características de dada sociedade. Melhor dizendo,

cada experiência social resulta da articulação de três lógicas da acção: a integração, a estratégia e a subjetivação [...] que definem simultaneamente uma orientação visada pelo actor e uma maneira de conceber as relações com os outros. Assim, na lógica da integração, o actor define-se pelas suas pertenças, visa mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade [...] na lógica da estratégia, o actor tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses numa sociedade concebida então ‘como’ um mercado. No registro da subjectividade social, o actor representa-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação.³⁹

Como analisa Dubet, essa tipologia da ação, inspirada em Touraine, mostra-nos que cada uma dessas lógicas pode ser decomposta nos princípios analíticos de identidade (integração), oposição (estratégia) e totalidade (subjetivação), segundo os quais o ator social põe em jogo uma definição de si mesmo, da natureza da sua relação com o outro e daquilo que está em jogo. Dubet, porém, — pensando diferentemente de Touraine, que permanece fiel à sociologia clássica segundo a qual essas lógicas de ação mantêm entre si relações necessárias —, entende que, no momento histórico em que nos encontramos, hoje, essas lógicas não se hierarquizam necessariamente no seio de cada sociedade. Por isso, ele prefere falar em experiência a falar em ação, a fim de destacar a autonomia de cada uma dessas lógicas.

Ampliando esse argumento, Melucci ressalta que o fluxo de grande densidade de informações e a existência de inúmeros conflitos nas experiências cotidianas das sociedades complexas têm cada vez mais provocado a imprevisibilidade das ações dos indivíduos. Com isso, as pessoas passaram a

³⁸ Giddens, 2001.

³⁹ Dubet, 1994: 113-114.

dependem mais de negociações e de suas “escolhas”, o que produz efeitos diferentes nelas e nas instituições, gerando desequilíbrios na “ordem” social estabelecida⁴⁰.

Nesse contexto, os sujeitos vêm se interrogando mais sobre os fins e os limites sociais. Desejando viver melhor, os que se posicionam de modo mais “autônomo” enfrentam os conflitos relativos aos processos de construção e reapropriação de sentidos e significados do seu agir corporal. Nisso, as manhas do corpo reveladas pelo riso, a ironia, o silêncio, enfim por meio de toda gestualidade, são algumas das formas de enfrentamento de conflitos, rupturas e aprendizagens que o sujeito constrói ao longo de sua vida, no jogo de suas interações individuais e coletivas nas quais se definem identidades sublinhadas pelas suas diferenças e semelhanças, assim como a consciência do sujeito.

Um exemplo disso é, ao meu ver, desvelado pelas três resignificações atribuídas por Paulo Freire à palavra consciência ao longo de sua obra, constituídas nos diferentes contextos de suas experiências corporais vividas.

Num primeiro momento⁴¹, incorporando uma visão existencial mais idealista que dialética, ele discute consciência como transitiva, transitiva ingênua e transitiva crítica, argumentos reveladores dos enfrentamentos corpo a corpo estabelecidos pelo autor no seu cotidiano em Recife vivido naquela época.

Num segundo momento⁴², já no seu exílio no Chile, Paulo Freire incorpora outro significado de consciência como problematização, revelando uma tomada de posição política, marxista, em relação ao dilema dos oprimidos: serem eles mesmos, ou serem duplos. Nesse sentido, a conscientização, que se identifica com a passagem de indivíduo a sujeito, implica interações do sujeito com ele mesmo, os outros sujeitos e o mundo, buscando alternativas significativas como ponto de partida para a ação cultural libertária.

Entretanto, nas suas experiências vividas na África, registradas no seu

⁴⁰ Melucci, 2001.

⁴¹ Freire, 1959.

⁴² Freire, 1970.

livro *Cartas à Guiné Bissau*⁴³, Freire passou a entender consciência como revolução: algo concreto gestado como ação cultural do sujeito que se desenvolve no jogo das contradições que vive, participando de transformações de si mesmo. Resignificação construída a partir de descobertas corporais. Como diz:

o corpo foi um dos primeiros chamamentos culturais que eu recebi na África (...) a expressão do africano me fez perceber o corpo no mundo, com o mundo e com os outros corpos. Isto foi uma das coisas que me fizeram sentir não chegando, mas voltando à África. A minha ida à África, pela primeira vez, selou minha africanibrasilidade, pela identidade com as ações praticadas, o jeito de contar banana maçã tal qual no nordeste, o jeito de botar o chapéu na cabeça, de andar, de pisar no chão. Eu me senti profundamente brasileiro.⁴⁴

Freire foi pela primeira vez à África durante seu exílio em Genebra. E, em conversa com Faundez⁴⁵ sobre as diferenças de identidade de corpos que viveu na Suíça, enfatizou como foi aprendendo a lidar, conscientemente, com as regras do jogo social sem recusar o básico dele mesmo e, por isso, sem se adaptar ao cotidiano de empréstimo que vivia em Genebra. Cotidiano que lhe pareceu uma violência pela 'distância' fria do se corpo e os corpos diferentes nas relações de alegria, tristeza, afeto. Corpos rigorosamente disciplinados, intolerantes à algazarra, ao barulho, ao toque e que, preconceituosamente no seu ver, consideravam os corpos diferentes como representantes de culturas inferiores, pouco civilizadas. Pistas discutidas pelo autor em *Pedagogia da esperança*⁴⁶, quando enfatiza a conscientização como revolução que se faz pelo corpo com coerência entre o que pensa, sente, fala e faz no exercício da liberdade de sonhar, escolher, comunicar e participar com alegria da definição de fins e agir em função do previsto no seu cotidiano.

⁴³ Freire, 1977.

⁴⁴ Trecho extraído de fala gravada em 15 de maio de 1990, durante aula ministrada pelo professor Paulo Freire em uma disciplina ofertada pela Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp/Campinas.

⁴⁵ Freire, 1985.

⁴⁶ Freire, 1992.

Debruçando sobre a compreensão da vida cotidiana contemporânea, Michel Maffesoli nos remete a uma dimensão especialmente tratada no tempo de lazer: ao ludismo. Para ele, o lúdico se manifesta de diferentes modos, expressando um querer viver fundamental que nos instiga a pensar o cotidiano prazeroso e, ao mesmo tempo, dramático⁴⁷.

Essas teorias sobre a complexidade sociocultural motivaram-me a estudar sentidos e significados de tempo de lazer, analisando-os segundo o horizonte de determinados sujeitos, seu agir e construções de pontos de referências nas suas experiências cotidianas. Por isso, foi necessário tomar outras decisões requeridas pela pergunta que coloco a seguir.

1.3 Com que sujeitos partilhar essa busca?

Considerando que são múltiplas as experiências individuais e coletivas dos sujeitos e grupos sociais, a escolha dos sujeitos desta pesquisa precisou considerar algumas decisões importantes.

Primeiramente, como a proposta deste estudo é investigar sentidos e significados do tempo social de lazer a partir de sua perspectiva sociocultural, é preciso que os sujeitos da pesquisa sejam considerados não apenas como sujeitos inseridos na totalidade de sua existência em transcurso — tempo irreversível — como também sujeitos que vivem outros tempos reversíveis, que se repetem ou se recriam dia a dia nas suas experiências socioculturais, constituídas historicamente⁴⁸.

⁴⁷ Maffesoli, 2001.

⁴⁸ Giddens, 1991.

Por conseguinte, os sentidos e significados de tempo de lazer precisaram ser lidos considerando nas experiências vividas, e não apenas como fruto de situação histórica ou produto de certa conjuntura. Em decorrência, foi preciso levar também em conta motivações e outros componentes das experiências socioculturais estudadas.

Melucci aponta para **uma segunda decisão relevante quanto a escolha dos sujeitos da pesquisa**, isto é, a importância dos jovens como sujeitos-chave para a realização de estudos sobre a complexidade da vida sociocultural no atual momento histórico das sociedades complexas. Isso porque esse autor considera a juventude a etapa de vida em que se vivem as mudanças mais marcantes quanto às incertezas, à mobilidade e à transitoriedade.⁴⁹

Estudos realizados sobre a juventude no Brasil levaram-me, também, a perceber que, desde a adolescência, começamos a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e, até mesmo, contraditória em relação ao corpo, às instituições e à identidade, desafiando significados dominantes, especialmente, no sentido da conquista do controle de nossas próprias experiências no tempo social⁵⁰.

Esses argumentos ganham significados diferenciados nas formas específicas de condição humana vividas pelos jovens na nova configuração de forças em face da complexidade dos cotidianos nos centros urbanos, como mostram resultados de pesquisas realizadas em nosso país, que destacam a construção de novos olhares dos jovens sobre as instituições e cidades, novos sentidos que atribuem às linguagens, regras, relacionamentos e experiências de tempo. Essas e outras investigações evidenciam a categoria “juventude” como construção social representativa de diferentes histórias localizadas em dado tempo e lugar.⁵¹

⁴⁹ Melucci, 1997.

⁵⁰ UNICEF, 2002-A-B.

⁵¹ Ver estudos de Carrano, 2002 e 2003; Almeida & Tracy, 2003.

Discutindo a adolescência e a juventude, Marília Spósito enfatiza que, apesar de esses conceitos, em geral, serem considerados muitas vezes apenas pelos seus aspectos biológicos referentes ao desenvolvimento de fases de vida, é necessário também levar em conta as condições sociais vividas por esses sujeitos, nas diferentes sociedades e grupos culturais. Complementando, a autora lembra que, em nossa realidade, na maioria das vezes são considerados adolescentes os sujeitos de 12 a 14 anos e jovens os de 15 a 24, como mostram vários estudos demográficos. No entanto, alerta que essa delimitação se opera preliminarmente, pois há enormes diferenças de tratamento dos dados, sob vários pontos de vista, revelados por pesquisas sobre esses sujeitos.⁵²

Mas o que é ser jovem? Juarez Dayrell entende que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em certa faixa etária. De outro, diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/fase da vida. A entrada da juventude se faz pela chamada adolescência, marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. Fase que biologicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e auto-suficiência, dentre outros sinais corporais. Ao mesmo tempo, afirmam os autores, a construção social da juventude pode acontecer de forma muito variada, nas diferentes sociedades e momentos históricos.⁵³

No contexto das rápidas mudanças sociais e culturais vividas atualmente, no qual uma “nova liberdade” corporificada no ciberespaço eletronicamente sustentado tem deslumbrado a todos pela instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons, imagens e presença, principalmente, os jovens,

sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Eles devem ser capazes de abrir e fechar seus canais de comunicação com o mundo exterior para manter vivos seus relacionamentos,

⁵² Spósito, 1997.

⁵³ Dayrell, 1999.

sem serem engolidos por uma vasta quantidade de signos. Ainda mais, para abraçar um caminho amplo de experiências que não pode ser confinado dentro de rígidos limites de um pensamento racional, eles precisam de novas capacidades para contatos imediatos e intuitivos com a realidade. Essas exigências alteram os limites entre dentro e fora e apontam para a necessidade de maior consciência de si mesmo e responsabilidade para um contato mais estreito com a experiência íntima de cada um⁵⁴.

Nessa perspectiva, as diversas possibilidades de experiências de limites, ao mesmo tempo que geram problemas fundamentais para os jovens, constituem, também, significativo sentido de tempo de vida para eles, especialmente quando é tempo de experiência lúdica, por excelência, e possibilidade de lazer — como mostram pesquisas realizadas por Paulo César Carraro e Juarez Dayrell⁵⁵.

Os argumentos construídos até aqui orientaram-me para **uma terceira decisão importante na escolha dos sujeitos desta pesquisa**, ou seja, a escolha dos jovens com quem dialogar.

É preciso, assim, delimitar um lugar a ser estudado, que representasse a ordem social complexa, que é base da problemática desta investigação. Um lugar com experiências humanas peculiares no tempo de lazer, identificadas não só por meio de dados estatísticos e documentais, como também por referências históricas reveladoras de construção de sentidos e significados de tempo de lazer no contexto urbano.

O exercício de pensar o tempo de lazer a partir de tempo espacializado mostrou-me que o espaço “é um meio dinâmico que, ao mesmo tempo, exerce influência sobre a história e é moldado pela ação humana”⁵⁶. “Espaço de fronteira”, isto é, de experimentação de limites e possibilidades de reinvenção e

⁵⁴ Melucci, 1997: 11.

⁵⁵ Conclusão destacada por Juarez Dayrell em suas pesquisas com jovens belo-horizontinos (2001) e Paulo César Rodrigues Carraro em seu estudo sobre os jovens e a cidade de Angra dos Reis (2002), dentre outras pesquisas realizadas em nosso País.

⁵⁶ Zukin, 1996: 176.

experiências sociais⁵⁷. Com isso, quero dizer que onde há espaço há, portanto, tempo.

Nessa escolha, a opção da pesquisa foi pelo estabelecimento de diálogos com jovens moradores da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte. Isso porque essa cidade, inaugurada em 1897, foi a primeira grande metrópole brasileira idealizada, planejada e construída num cenário sociopolítico de transformações marcadas pelo início da Era Republicana e modernização no País. Contexto caracterizado pelo crescimento e planejamento racional das cidades, com concentração de indivíduos e instituições em torno das quais não somente gravitava a vida familiar, como, também, a política, a econômica e a cultural.

Na história de Belo Horizonte, desde sua inauguração como Capital do Estado, a cidade atraiu diversos povos e práticas sociais, incorporando o lazer na vida do lugar e integrando a convivência da gente que ali vivia com os migrantes que se instalaram para sua edificação — especialmente populações trabalhadoras vindas de famílias rurais do interior de Minas Gerais e da Itália⁵⁸.

Planejada pelo engenheiro maranhense Aarão Reis, segundo marcos de avanços arquitetônicos fundantes da modernização urbana no Brasil do final do século XIX e início do século XX, os traços iniciais da cidade traduziam o discurso da liberdade liberal, seu símbolo e monumento, pois foi racionalmente edificada com suas ruas cortadas diagonalmente por largas avenidas no “anel da Avenida do Contorno”. O traçado urbano evocava lei e ordem projetadas para uma população de 30 mil habitantes e capacidade máxima de 250 mil.

No entanto, ao longo de sua história, a cidade se expandiu organicamente para além desse anel, possuindo, hoje, uma área total de 335 km². Expansão territorial que definiu uma dicotomia centro-periferia, mostrando as muitas cidades e periferias que hoje sobrevivem em Belo Horizonte, dentro e fora do “anel da

⁵⁷ Hertzberger, 1996.

⁵⁸ Pinto, 1998-B.

Avenida do Contorno”. Hoje, a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) integra 30 municípios com, ao todo, cerca 4,3 milhões de habitantes⁵⁹.

Nas nove regiões administrativas da Capital mineira, que funcionam como subprefeituras, vivem 2.238.526 pessoas, sendo 1.051.263 homens e 1.181.263 mulheres⁶⁰. Diferentes sujeitos e grupos sociais heterogêneos quanto a idade⁶¹, religião⁶², moradia⁶³, condições educacionais⁶⁴ e de trabalho⁶⁵ contrastantes, que

⁵⁹ O crescimento médio da população de Belo Horizonte tem sido pouco superior a 1% ao ano, inferior ao vegetativo. Essa média vem sendo bastante desigual, com um acentuado adensamento da região periférica pobre da cidade. Há perda de população em toda a faixa central do município, nos últimos 20 anos, enquanto as sub-regiões, que fazem divisa com os municípios periféricos da RMBH, apresentam acentuado crescimento. (PBH, 2001)

⁶⁰ IBGE, 2000.

⁶¹ Segundo o último Censo, cerca de 70% da população está na faixa etária economicamente ativa, entre 15 e 65 anos. Da população total da cidade, 37% são crianças e jovens de até 19 anos de idade e, comparando-se os dados do Censo de 1991 com o de 2000, há um observável processo de envelhecimento populacional. (IBGE, 2001)

⁶² A população residente em Belo Horizonte pratica várias religiões: Católica Apostólica Romana (68,84%); Evangélicas (18,10%); Espírita (2,74%); Umbanda e Candomblé (0,27%); Judaica (0,08%); religiões orientais (0,15%) e outras religiosidades (1,38%). 8,04% da população declarou que não têm religião e 0,40% que não tem religião determinada. (IBGE, 2000)

⁶³ De acordo com atuais dados da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL) são 142 vilas, favelas (algumas agrupadas em aglomerados) e conjuntos habitacionais precários com população estimada de 439.449 habitantes — projeção realizada, em 1997, do Censo Demográfico de 1991. Isso significa que 20% da população do município se concentra nas Regionais Oeste e Centro-Sul, seguidas das Regionais Leste e Norte. (PBH, 2003)

⁶⁴ Dados do IBGE (2000), referentes à RMBH, mostram que 90,9% da população era alfabetizada, pressupondo-se melhoria do índice apresentado no município, em 1990. A evasão escolar média, no ensino fundamental, era de 3,9 da população escolar da rede municipal, sendo a oferta considerada universal. As taxas de escolarização são satisfatórias para a faixa de idade de 7 a 14 anos. Entretanto, há sérios *déficits* de atendimento na educação infantil (0 a 6 anos) e elevadas taxas de repetência e evasão no ensino médio, apesar do aumento das taxas de escolarização para esse nível de ensino. Na rede municipal, a evasão média nesse nível de ensino atingiu, em 1997, a taxa de 11,2. A população belo-horizontina é atendida nas 814 escolas das redes de ensino municipal (172), estadual (246) e particular (396). Acrescendo-se a esses dados da rede de ensino federal, ao todo, as escolas da cidade são responsáveis por 637.248 matrículas nos três níveis do ensino básico: pré-escola, fundamental e médio.

⁶⁵ A cidade ostenta uma vocação para o desenvolvimento econômico-social, privilegiando os setores terciários e quaternários de cultura, serviços e negócios do lazer (PBH, 2000-a). No setor de serviços, tomando-se como referência o ISSQN de 1997, as principais atividades são: locação de aparelhos, máquinas e equipamentos, peças e utensílios de informática; serviços de informática; transporte coletivo; locação de mão-de-obra, conservação e limpeza de imóveis; cartão de crédito e vários serviços no campo do lazer. De acordo com estimativas, a distribuição da população por setor é: em torno de 20% empregada na indústria de transformação e na construção civil; outros 20% empregados na administração pública, em seus três níveis — federal, estadual e municipal —; os serviços privados ao produtor e consumidor empregam em torno de 28% da população economicamente ativa. O percentual restante, mais de 30%, é formado por pessoas que

revelam um contexto cuja insensível “mão” do sistema, “joga” muitas crianças, adolescentes e jovens em ilegítimo mercado de trabalho e condições precárias de vida, tornando-os uma geração que enfrenta limites e insegurança, que impõem restrições distintas aos diferentes grupos populacionais.⁶⁶ A distribuição desigual da renda no município e em cada uma das suas regionais amplia a caracterização de situações de extremas desigualdades na cidade.

Com isso, cresce a exclusão social que, especialmente nos jovens, tem provocado efeitos perniciosos sobre a vida futura deles, com reflexos não somente na vida profissional, mas também na psicológica, cultural e social⁶⁷. Em última análise, o que está em jogo é a integração das novas gerações na sociedade.

Noutra perspectiva, porém, dentre vários aspectos que poderíamos salientar, Belo Horizonte é cada vez mais sustentada por uma base tecnológica e por uma ordem ecológica que revelam crescentes avanços nos transportes⁶⁸, na comunicação⁶⁹ e na implementação de uma série de instituições e relações sociais reveladores de diversificadas possibilidades culturais no tempo de lazer⁷⁰.

têm emprego informal, trabalham em outros municípios da RMBH ou estão desempregadas. Segundo informações da Fundação João Pinheiro/MG, a taxa de desemprego na RMBH em agosto de 1997 foi de 13,7%, sendo que para a população com idade entre 18 e 24 anos elevou-se para 21%. Em Belo Horizonte, a taxa de desemprego em 1998 foi de 14,7% e em 1999 de 17%. A crise pela qual passam os mercados de trabalho urbanos tem resultado não só em aumentos sucessivos das taxas de desemprego, como também da precarização das relações de trabalho, da exclusão social e redução paulatina da renda média da população. (PBH, 2001)

⁶⁶ São milhares de famílias do município que não apresentam condições minimamente necessárias para mediar e lutar pelos seus direitos: são desprovidas de recursos, em diferentes níveis, ausentes ou precariamente inseridas no mundo da produção e do consumo. Violência doméstica, abuso e exploração sexual, trabalho infantil, quadros de alcoolismo e drogadicção e altos índices de doenças fazem parte do cotidiano de muitas famílias. (PBH, 2002)

⁶⁷ PBH, 2000-b.

⁶⁸ É interessante observar que, em 1927, circulavam nas ruas da cidade 138 automóveis, número hoje, segundo informação divulgada na internet pelo DETRAN/MG, em torno de 800 mil, e grande frota de ônibus. O metrô de superfície atende parte do município. Intensificam-se o ritmo e a complexidade da vida cotidiana nesta cidade.

⁶⁹ Belo Horizonte possui rede de produção, publicação e distribuição de tecnologias avançadas em telefonia e mídias televisiva, radiofônica e impressa — jornais, revistas e livros de vários gêneros, dentre outras.

⁷⁰ Na década 1980, o belo-horizontino redescobriu as ruas, fazendo delas palco de manifestações, protestos e artes. A cultura passou a ser valorizada como instrumento de conquista da cidadania. Dados da Belotur mostraram que é visível a participação das iniciativas privada, pública e do

Esses contrastes profundos, fruto do modelo de desenvolvimento econômico social e urbano da cidade, desvelam polarizações entre a cidade dos ricos e a dos pobres⁷¹.

A Regional Centro-Sul de Belo Horizonte é o contexto mais representativo desses contrastes. Nela vivem 247.595 habitantes — que, segundo o último censo representa 11% da população da cidade —, e a 4ª maior população jovem do município — 12.362 homens e 14.243 mulheres de 15 a 19 anos⁷².

terceiro setor na proposição e execução direta de serviços de lazer e projetos sociais e culturais desenvolvidos na cidade, contando com recursos na sua manutenção, especialmente alocados por meio de Fundos Municipais, Lei de Incentivo à Cultura e financiamentos de fundações nacionais e internacionais. Atualmente, realizam-se na capital cinco festivais internacionais de arte, com destaque para a dança, o teatro e curtas-metragens, ressaltando a condição de Belo Horizonte como importante pólo cultural. O potencial da cidade como centro de lazer amplia-se com um considerável número de bandas de músicas, grupos comunitários de manifestações culturais vinculadas às tradições religiosas, corais, orquestras, escolas de samba, grupos esportivos, de capoeira e outros. A aprovação da Lei Orgânica do Município, na década de 1990, trouxe avanços importantes para o setor do lazer. Em 1992, criou-se o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município para tratar do tombamento de construções de valor histórico. Em 1996, o Plano Diretor da cidade e a Lei de Uso e Ocupação do Solo passaram a regular e a ordenar o crescimento da capital, reconhecendo a necessidade da preservação de espaços de lazer. A cidade possui 72 bibliotecas públicas e privadas, 17 centros culturais e 16 museus, com serviços e atividades musicais, teatrais, danças, concursos literários, festas, projeções de filmes, encontros culturais, festivais, etc. A cidade possui, também, 97 áreas livres em praças, ruas, avenidas, galpões e estacionamentos utilizados para a realização de eventos artísticos e culturais; 45 auditórios e salões de convenções e outros eventos; 15 cinemas com 46 salas para exibição de filmes do circuito comercial e alternativo, mostras e palestras. Além disso, são mais de 69 salas para exposições e galerias de artes; 23 teatros com capacidade para realizar espetáculos de grande porte; e 13 *shoppings*. Conta com mais de 16 estádios e ginásios esportivos e mais de 130 clubes esportivo-recreativos públicos e privados. Também a localização privilegiada de Belo Horizonte, próxima às cidades históricas como Nova Lima, Sabará, Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Tiradentes e outras, aliada à sua infra-estrutura de qualidade, potencializa a expansão do lazer como turismo na região. (PBH, 2000-a)

⁷¹ O estudo realizado pelo UNICEF e pelo IBGE, a partir de tabulações especiais baseadas no Censo Demográfico de 2000, mostra que as crianças e adolescentes, com faixa etária considerada vulnerável pela fase de desenvolvimento, habitam vilas, favelas ou áreas periféricas mal servidas de serviços essenciais e em situações de precária habitabilidade, sendo: 44% com chefe auferindo renda de até dois salários mínimos; 21,4% chefe com renda até um salário mínimo; 8,1% chefe homem com menos de um ano de estudo; 2,7% chefe mulher com menos de um ano de estudo. Os domicílios situados em tais faixas de renda representam 40,1% e 27%, respectivamente (IBGE, 2001).

⁷² IBGE, 2000.

Além disso, nessa Regional se concentra o maior número de equipamentos, serviços e áreas livres de uso público no lazer⁷³ e o maior número de lugares privados exclusivos para o lazer⁷⁴.

Ao mesmo tempo, a Regional Centro Sul reúne o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e de Qualidade de Vida Urbana (IQVU), mas, contraditoriamente, apresenta, também, o maior Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) da cidade, elemento central do recém elaborado “Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte”.⁷⁵ O IQVU mostra que a Região Centro-Sul ocupa o segundo lugar da cidade em número de população vivendo em vilas e favelas⁷⁶.

Em decorrência disso, também nessa região concentra-se o maior número de serviços sociais, mostrando visível a predominância da iniciativa particular na execução direta dos serviços assistenciais, contando com expressivos recursos públicos na sua manutenção.

Na Prefeitura de Belo Horizonte, as políticas sociais, especialmente para a infância e a adolescência, ganharam peso e legitimidade, sobretudo após 1993, tendo como órgão gestor a Secretaria Municipal de Assistência Social. O trabalho desenvolvido é pautado pelas diretrizes estabelecidas na Lei Orgânica da Assistência Social e no Estatuto da Criança e do Adolescente, que enfatizam a articulação e a integração das ações governamentais e não-governamentais, bem como a democracia participativa por meio dos Conselhos Municipais e de Fóruns Específicos. Assim, prioriza a promoção de parcerias com as entidades sociais, a iniciativa privada e os movimentos sociais, com vista a criar ou fortalecer a

⁷³ Por exemplo, possui em torno de 10 parques públicos, entre eles o tradicional Parque Municipal, situado no centro da cidade e com uma área de 180.000 m² e o Parque das Mangabeiras, com área de 2.350.000 m². (PBH, 2000-a).

⁷⁴ Exemplificando, na Regional Centro-Sul localizam-se 35 dos 130 clubes esportivos/recreativos da cidade. (PBH, 2001).

⁷⁵ PBH, 2001.

⁷⁶ São 65.043 pessoas habitando 17.740 domicílios e área de 1.836.272,27, sendo a maioria de brancos (76,28%) — maior índice de população branca da cidade. (IBGE, 2000)

participação popular, bem como promover iniciativas no campo da prestação de serviços voltados para crianças e jovens.⁷⁷

Nesse contexto, paralelamente à globalização econômica e cultural, acentuam-se diferenças e demandas de lazer de vários “atores sociais” como desempregados, pessoas de todas as idades, gêneros, etnias, com diferentes rendas, culturas e necessidades especiais. Além disso, é crescente a ação de voluntários, promotores, financiadores, políticos, educadores sociais e da sociedade civil no planejamento e na gestão das políticas sociais.

Enfim, a Regional Centro-Sul de Belo Horizonte exemplifica um “mundo renovado” por sujeitos cujas identidades se (re)constróem na convivência com “novos” ritmos de ocupação da cidade, modos de viver, formas comunitárias e de interação, numa rede social ampliada que me desafiou, nesta pesquisa, a construir um desenho metodológico que pudesse revelar contrastes vividos nas experiências de tempo de lazer vividas neste contexto.

1.4 Que caminho percorrer nesta investigação?

Durante minhas buscas bibliográficas e documentais delinee o arcabouço teórico da pesquisa, vivendo momentos de tomadas de decisões metodológicas que contam a história de um estudo com muitas idas e vindas. Esse processo me ensinou muito sobre o problema, as pessoas, os contextos estudados, bem como sobre pesquisas dessa natureza.

A compreensão de sentidos e significados de tempo de lazer me faz considerar que, na atualidade, os cotidianos nos grandes centros urbanos revelam dupla face, composta de uma economia eficaz, racionalmente organizada segundo a lógica dominante do sistema, e de contrastes sociais enormes, quanto à

⁷⁷ Ressalta-se que 77% dos recursos financeiros totais da SMAS destinados ao custeio das ações sociais, subsidiam a rede de serviços prestados em convênio com entidades sociais parceiras. (PBH, 2002)

distribuição de riquezas e acesso aos bens culturais amplamente difundidos no contexto social, que influem de formas diferentes na organização temporal das experiências dos sujeitos.

Analisando essa questão, diz Dubet, na atualidade cada vez mais cresce a tendência das pessoas valorizarem as experiências, com sentido e utilidade para elas, possíveis de serem reduzidas à consciência individual imposta pelo sistema. Porém, como são construídas a partir da razão dos indivíduos, as experiências cotidianas precisam ser compreendidas, também, considerando as maneiras de fazer criadas pelas pessoas em suas condições concretas de vida, nos tempos e espaços de suas experiências e interações com o outro e o ambiente.⁷⁸

Por isso, na presente pesquisa precisei tratar a problemática no ir e vir entre teorias e narrativas com jovens sobre o lazer nos tempos vividos por esses sujeitos. Para isso, a técnica de Grupo Focal, aliada a entrevistas para aprofundamentos necessários, foi um instrumento importante para a coleta de dados, especialmente, pela necessidade de realizar esse levantamento por meio de diálogos em situação de co-presença com os sujeitos da pesquisa.

A organização de Grupos Focais de convivência no lazer, organizados pelos próprios jovens, foi outra estratégia importante do estudo, que se definiu a partir de uma hipótese construída nas buscas bibliográficas, ou seja, na atualidade os sentidos e significados de tempo de lazer variam segundo as experiências pessoais, grupais e institucionais dos sujeitos, considerando as condições socioculturais em que vivem.

As pistas evidenciadas nas coletas de dados em campo, como detalho nesta parte de texto, orientaram-me para a organização de sete Grupos Focais e três entrevistas de aprofundamento, que, ao todo, reuniram 63 participantes do estudo.

Os integrantes dos GRUPOS 1, 2 e 3 são jovens moradores em bairros, pertencentes a uma camada social com maior poder aquisitivo e nível mais alto de

⁷⁸ Dubet, 1994.

escolaridade, com identidade de classe evidenciada de vários modos, com referências de experiências educativas para o lazer, em geral, institucionalizadas segundo a escola, a família e o clube. Duas entrevistas foram realizadas — com um professor e um ex-aluno do Colégio onde estudam os jovens do GRUPO 2 — tendo em vista, a necessidade de ampliar a compreensão da situação discursiva identificada nesse grupo.

Meu ponto de partida de identificação desses sujeitos foi definido pela pesquisa documental sobre história da cidade, que revelou os clubes de lazer como marco referencial da institucionalização do tempo de lazer nesse lugar. Pesquisa que me remeteu, especialmente, ao Minas Tênis Clube, tradicional clube de Belo Horizonte que, hoje, possui quatro sedes, sendo duas – as mais tradicionais - situadas na Regional Centro-Sul.⁷⁹

A história do Minas Tênis Clube entrelaça-se à trajetória política, econômica e sociocultural da institucionalização do tempo de lazer na modernização do País. Revela, sobretudo, a legitimidade do clube como referência urbana de lugar para vivência do tempo de lazer, constituída por leis e costumes que influenciaram não só os hábitos da cidade, como também o imaginário da população que tem e não tem acesso a ele. Esse clube é reconhecido na cidade como referência de oferta de serviços, infra-estrutura e experiências diversificadas de lazer.

Assim, decidi iniciar a coleta de dados da pesquisa por meio de um jovem sócio freqüentador assíduo do Minas Tênis Clube no seu tempo de lazer, a partir

⁷⁹ Segundo Nelson Marcellino (1983), o lazer como esfera específica de tempo/lugar/atividades na sociedade moderna implicou várias estratégias, como a institucionalização de equipamentos específicos e privados para vivência do lazer, fato destacado no estudo histórico sobre Belo Horizonte realizado por Marilita Rodrigues (1996), que desvelou como marco da institucionalização do lazer na cidade a criação do Minas Tênis Clube (MTC), iniciado com a construção de piscina pública, em 1935, pelo prefeito do município, Octacílio Negrão de Lima. O Parque Santo Antônio, idealizado como espaço público, durante sua construção, passou a ter outra finalidade, ou seja, foi arrendado para ajudar a cobrir custos de sua construção e manutenção. Com isso, nasceu o MTC como o primeiro clube da cidade a ser usado não só para o lazer, mas também para a prática do “esporte especializado amador”, processo histórico consolidado com a parceria do Estado. Nesse sentido, em 1937, foi assinado com a Prefeitura um contrato de arrendamento do local por um prazo de 25 anos, com prorrogação indefinida, sendo o clube inaugurado no mesmo ano. Esse fato selou também a parceria do Estado, que passou a participar da construção, organização e administração do clube, bem como da normatização do esporte e organizações clubísticas como meio de seu fortalecimento em Minas Gerais.

do qual constituí o primeiro Grupo Focal do estudo. O jovem que se dispôs a participar da pesquisa, com seu irmão, organizou um grupo de amigos com os quais vivem seu tempo de lazer, reunindo ao todo sete jovens (seis homens e uma mulher). A realização desse Grupo Focal chamou a minha atenção pelo fato de que, mesmo sendo todos sócios do mesmo clube, a referência de identidade de tempo de lazer do grupo, destacada pelas falas dos jovens, é marcadamente construída pela convivência na escola.

A partir dessa evidência, passei a observar as escolas da região de modo a identificar diferentes experiências institucionais voltadas ao tempo de lazer. As observações, conversas informais, análises de currículos e de *folders* mostraram-me que, em geral, as escolas que evidenciavam experiências de lazer demonstravam iniciativas semelhantes à escola freqüentada pelos jovens do GRUPO 1. No entanto, duas experiências diferentes foram destacadas e me levaram à organização de mais dois Grupos Focais. A identificação do lazer como um dos temas sistematicamente tratados pelo ensino da Educação Física de um colégio da região foi o dado considerado para a organização do GRUPO 2 e a identificação do tema lazer como um dos fatores tratados por estudos interdisciplinares realizados por um outro colégio da Regional Centro-Sul foi o fato gerador da organização do GRUPO 3.

Esses achados da pesquisa foram importantes para mostrar experiências educativas diversificadas que poderiam influenciar na constituição de sentidos e significados de tempo de lazer dos jovens. Entretanto, representavam experiências organizadas para sujeitos pertencentes a uma determinada camada social, com maiores condições socioeconômicas. Isso me levou a investigar sobre a existência de experiências institucionais sistemáticas, voltadas às camadas mais empobrecidas da região, que também estivessem educando para o lazer, de modo a garantir a participação de sujeitos que permitissem entender os contrastes sociais vividos neste contexto.

A princípio, observações e conversas informais permitiram-me identificar vários projetos e programas sociais executados pelo Estado e ONGs que estavam

desempenhando papel fundamental na educação de jovens moradores de aglomerados, vilas e favelas da Regional Centro-Sul. Posteriormente, por meio de pesquisa documental, destacou-se um Programa educativo desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte em parceria com Governo Federal, ONGs e comunidades, no qual identifiquei experiências teórico-práticas sistemáticas de educação para o lazer. Esse Programa acabou sendo referência para a organização de quatro Grupos Focais, dois deles constituídos por jovens que não participaram das discussões sistemáticas sobre o lazer — o 4º e o 5º —, moradores de um Aglomerado da Regional Centro-Sul e o 6º grupo formado por jovens moradores em uma Vila e que participaram de experiências teórico-práticas sobre o lazer desenvolvidas pelo mesmo Programa.

Os jovens participantes desse Programa estudam ou estudaram em escolas públicas, sendo um deles não alfabetizado. Todos vivem em condições precárias de vida, em famílias muito pobres, sustentadas por, no máximo, um salário mínimo de renda familiar. Em geral, são sujeitos com histórias de vida traumáticas, que vivem em situações de risco social, sendo que alguns deles estão em liberdade assistida ou pertencem a famílias sob medidas de proteção — trabalho infantil, violência doméstica e abrigo.

Enquanto que os GRUPOS 4 e 5 não participaram de ações específicas de educação para o lazer, o GRUPO 6 teve essa experiência, que foi desenvolvida por alguns estagiários estudantes universitários de Educação Física – jovens integrantes do GRUPO 7.

A organização desse GRUPO 7 nasceu de demandas dos jovens participantes do GRUPO 6. Primeiro porque foram os jovens universitários que conseguiram identificar e convidar os jovens que participaram, com eles, de experiência educativa para o lazer, critério básico da organização do GRUPO 6. Segundo, pela necessidade de conhecer melhor quem eram esses jovens universitários. Ele tinham inserção na vila onde os jovens do GRUPO 6 moravam e conseguiram contactá-los, sendo recebidos com muita familiaridade. Em

decorrência, os jovens do GRUPO 6 convidaram alguns deles para integrar também seu grupo na pesquisa.

Para ampliar compreensão das experiências de desenvolvidas por esse Programa, foi realizada uma entrevista com sua coordenadora geral e uma estagiária que atua diretamente com a coordenação geral.

A visão de conjunto dos dados levantados com todos os sujeitos da pesquisa mostrou-me um quadro com grandes distinções entre os jovens participantes: seja considerando as diferenças econômicas entre os grupos 1, 2, 3 e 7, e os grupos 4, 5 e 6; seja considerando as diferenças socioculturais entre todos os grupos e em cada um deles. Contrastes desvelados pelas diferenças de estilos de vida, de idade, gênero, cor, condição econômica e, a começar, pelas interações estabelecidas desde a organização de cada um dos sete encontros realizados para o desenvolvimento dos Grupos Focais.

Nesse levantamento de dados, segui Debus e Novelli⁸⁰, que recomendam que cada Grupo Focal seja composto de, no máximo, oito participantes, considerando que o tempo disponível para cada encontro, em geral, gira em torno de uma hora e meia de debate. Para esses autores, é preciso garantir que todos participantes possam ter tempo suficiente para ouvir, falar e dialogar. Seguindo essa orientação, em cada contexto selecionado, identifiquei um a dois jovens disponíveis para o estudo e negocieei com eles a escolha e o convite de amigos para participar da pesquisa.

Como as comunidades discursivas produzem e administram, diferentemente, as condições de discurso, o número de Grupos Focais e o número de participantes neles mudaram ao longo da pesquisa. Em nossas conversas, os jovens foram sugerindo modificações na organização dos encontros dos Grupos Focais, dada as peculiaridades de cada contexto e as escolhas pessoais, ampliando minhas possibilidades de conhecimento desses sujeitos e das situações estudadas, como explico nesta parte de texto.

⁸⁰ Debus & Novelli, 1988.

A definição do local, do dia e do horário para a realização de cada Grupo Focal foi outra negociação interessante, pois mostrou modos diferentes de apropriação das condições políticas e institucionais vividas cotidianamente pelos sujeitos da pesquisa, como é detalhado em cada situação discursiva estudada.

Conforme decidido e organizado com eles, todos os encontros iniciaram-se com agradecimento pela participação dos jovens na pesquisa, a explicação do objetivo do estudo e das atividades do Grupo Focal. Esclareci que os dados levantados nesta investigação seriam de uso exclusivo da pesquisa e que, no texto final da tese, manteria sigilo quanto à identificação de cada participante. Registrei os encontros por meio de filmagens ou gravações, preocupada, principalmente, com a identificação dos depoentes e a clareza da gravação das falas. Esse registro foi negociado por ocasião dos contatos iniciais com os jovens organizadores de cada grupo.

A primeira atividade de cada encontro consistiu na apresentação dos jovens por eles mesmos. Essa foi uma estratégia de integração do grupo que provocou, também, a revelação de “auto-retratos”. Em seguida, propus uma “técnica projetiva” como instrumento de mobilização do debate, buscando motivar reflexões, perguntas, interesses e opiniões dos participantes sobre o problema estudado⁸¹. A dinâmica que idealizei para esta pesquisa consistiu na descrição de um dia experiências de tempo de lazer lembrado pelos jovens.

Na realização dessa atividade com o GRUPO 1, logo de início, um jovem colocou em questão a dinâmica proposta, cujo questionamento suscitou dois resultados importantes na investigação: primeiro, a reformulação da orientação da atividade mobilizadora dos próximos seis Grupos Focais. Em seguida, o modo como foi explicada a atividade instigou um debate entre os jovens, enriquecendo o levantamento de dados sobre sentidos e significados de tempo de lazer.

Vejamos este diálogo.

Pesquisadora:

⁸¹ Debus & Novelli, 1988.

“proponho que vocês escolham um dia da semana que consideram um dia no qual mais viveram o lazer e relatem o que vocês fazem neste dia...”

Um jovem perguntou:

“antes da gente começar eu gostaria que você deixasse mais claro o seu conceito de lazer... lazer pode ser qualquer coisa (frase interrogativa) pode ser uma atividade física (frase interrogativa) pode ser sair para um barzinho (frase interrogativa) ”

Pesquisadora:

“esta é uma pergunta interessante para todos debaterem nesta atividade... pode ser (frase interrogativa) então... da forma como você entender o lazer... escolha um dia que lhe dê mais oportunidades de viver o tempo de lazer e nos conte o que aconteceu (frase interrogativa)”

Outro jovem questionou:

“vê se eu entendi... você coloca de 1 a 2 horas uma coisa... de 3 às 5 outra...”

Pesquisadora:

“vocês irão explicar **tudo** que fazem nas 24 horas deste dia, sendo que as descrições podem ser feitas por meio de palavras ou desenhos, colorindo, usando caneta ou lápis, como quiserem...”

Durante a atividade, procurei não ficar próxima dos jovens, que conversavam. A gravação em vídeo de toda atividade mostrou que o jovem que levantou a primeira pergunta ri e fica curioso para saber o que seria esta discussão. Outro jovem brinca dizendo que quer saber quem vai “tirar o total”. Um outro jovem continua o diálogo, perguntando ao colega ao lado: “o que é mesmo lazer?” O segundo jovem a intervém no diálogo, escrevendo e falando alto: 10 e 15. O primeiro jovem desta conversa ri da necessidade dele ele ser tão objetivo e comenta que o importante é a criatividade. Esse é o jovem mais descontraído do grupo. Ao mesmo tempo que escreve, lembra algumas músicas e comenta com um dos participantes do grupo sobre vários momentos que conviveram juntos. Esse colega disse que ficou impressionado como os colegas têm atividades.

A análise dessa situação permitiu-me algumas reflexões importantes para o estudo. Primeiro mostrou-me negociações de significados pelo primeiro jovem a se manifestar, que buscou várias vezes instigar os colegas a pensar: o que lazer significa. Outra evidência que se destacou é revelada pela brincadeira “quem vai tirar o total”, que revelou valores racionalmente concebidos por esse jovem,

subjacentes em seu comentário. Evidência destacada também pelo segundo interlocutor, que organizou suas atividades no tempo, codificando horas e minutos. Em decorrência, afirmou: “o meu dia é isto... não é difícil detalhar o que faço durante o dia...”

Diferentemente, o primeiro interlocutor reflete sobre o tempo das experiências vividas. Em conseqüência, quando relatou ao grupo o seu dia de lazer, começou dizendo:

“eu achei muito complicado fazer este exercício porque eu fiz o sábado... mas não existe um sábado igual a outro... é muito complicado... tentei enumerar aqui com consciência... mas não sei se ficou bom... se bobear é meio utópico... nada é tão certinho assim...”

Esse diálogo remeteu-me a duas idéias produzidas pelos antigos gregos no campo semântico do tempo, criadas para organizar e compreender suas experiências (quantitativa e qualitativa) de temporalidade. A idéia de tempo *chronos* — termo introduzido por Homero —, ou *kronos* — de Hesíodo — ambos elaborados para designar a “noção de intervalo de tempo ritmado por ciclos e cadenciado por rupturas na série de ciclos”⁸², noção que representa o caráter mensurável da seqüência e do esforço. Já com o termo *kairós* os sofistas expressavam o tempo como instante privilegiado, momento sentido, de possibilidade de escolha como mais oportuno para a tomada de decisão e o desencadear da ação. Nele há maior possibilidade de liberdade.⁸³ Noção de tempo que extrapola a do tempo *chronos*, que é mensurável, e abre possibilidades interessantes de leitura e compreensão de sentidos atribuídos pelos sujeitos em suas interações e diferentes experiências ao longo da vida.⁸⁴

O diálogo entre esses jovens fizeram-me pensar, ainda, que, em relação ao discurso, a memória é entendida como interdiscurso, isto é, como aquilo que fala antes, em outro lugar, mas que representa o conjunto de formulações já feitas pelo

⁸² Domingues, 1996, p.29.

⁸³ Mèlich, 1993; Domingues, 1996.

⁸⁴ Esses significados de tempo foram investigados por Inês A. de Castro Teixeira (1998), na sua pesquisa sobre temporalidades (con)viventes na escola, problematizando as experiências de professores.

sujeito e que determina o que ele diz. A relação entre o já dito e o que está sendo dito é a relação entre interdiscurso e intradiscurso, entre a constituição do sentido e sua formulação, como explica Eni Orlandi.⁸⁵

As experiências de tempo de lazer foram expressas por meio de textos escritos ou desenhos, que, após sua produção, foram socializados no grupo. Cada um expôs oralmente, de modos diferenciados, as experiências que rememorou. Uns leram o que escreveram; outros interpretaram o escrito ou desenhado; outros falaram sobre o que foi registrado, acrescentando novos dados à exposição registrada. Com isso, fui ampliando meu conhecimento sobre quem são esses jovens e os contextos de produção de seus discursos e seus sonhos. Em alguns momentos, os episódios lembrados foram narrados por meio de muitos detalhes que revelaram a busca de descrição objetiva do vivido. Em outros, pareciam enriquecidos pela fantasia e, ainda, em outros foram sucintas e pontuais. Com isso, nesse momento, ao falar de si mesmos, os jovens já sinalizaram aspectos importantes para o estudo.

Após a exposição de todos, com a pergunta *o que vocês acharam de interessante na fala do outro?*, propus discussão aberta sobre as idéias colocadas, sendo os próprios participantes os condutores do debate. Orientei-os a falar um de cada vez, de modo que todos pudessem ouvir e ser ouvidos pelo grupo. Esclareci que todas as opiniões eram importantes: não existem idéias certas e erradas, mas, sim, diferentes.

Os debates evoluíram com facilidade, a partir do momento em que os grupos foram se familiarizando comigo e com o tema em debate, o qual, de modo geral, foi uma novidade para todos os participantes do estudo, que se revelaram interessados no assunto. Além disso, a composição dos grupos pelos jovens foi fundamental para que se motivassem nas discussões realizadas. Preocupada em garantir debates não-diretivos, diminuí, ao máximo, minha intervenção nos diálogos, seja pela linguagem oral ou gestual. Apenas introduzi perguntas quando

⁸⁵ Orlandi, 2001.

houve pausas entre as falas, ou quando foi necessário garantir a reflexão e/ou aprofundamento de discussões importantes à pesquisa.

Os dados foram registrados por meio de filmagens e gravações, posteriormente transcritas na íntegra e codificadas seguindo a proposta de Ingedore Villaça Koch⁸⁶, a qual coloco a seguir.

Ocorrências

Sinais

/	Acento na tônica
MAIÚSCULAS	Entonação enfática
::	Alongamento de vogal
-	Silabação
...	Qualquer pausa
(...)	Pausa mais longa
(())	Comentários descritivos
-- --	Comentários que quebram a seqüência temática da exposição
Ligando as [Linhas	Superposição de vozes
(frase exclamativa)	Não se indica ponto de exclamação
(frase interrogativa)	Não se indica ponto de interrogação
Iniciais minúsculas	Início de períodos e frases
()	Incompreensão de palavras
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
?	Interrogação. Exemplo: Certo?
“ ”	Citações literais
Nomes grifados	Nome de obras ou nomes comuns estrangeiros

Ampliando as normas propostas por essa autora, com vista a atender as necessidades do meu objeto de estudo, inclui mais três, que foram importantes na organização e interpretação das narrativas sobre sentidos e significados de tempo de lazer, isto é:

- a) expus as falas com outro tipo de fonte da letra;

⁸⁶ KOCH, 1997.

- b) negritei os trechos dos discursos focalizados nas análises realizadas sobre construção dos sentidos e significados de tempo de lazer;
- c) grifei os marcadores temporais e discursivos articuladores das falas analisadas.

Os encontros dos GRUPOS 1, 2, 3, 6 e 7 foram filmados. Nos dias, lugares e horas combinados eu cheguei acompanhada de um cinegrafista para registrar o encontro. À medida que os jovens participantes da pesquisa chegavam, eu me apresentava como pesquisadora e reafirmava a solicitação para filmagem. Essa autorização dos participantes foi importante, pois precisava ficar inteiramente voltada ao diálogo dos participantes e, nisso, a relação de olhar é essencial⁸⁷.

O cinegrafista se colocou sempre em um local fixo, cujo ângulo possibilitou o registro de todos os participantes. Nos encontros filmados, foram registrados detalhes das comunicações verbais e não-verbais estabelecidas, o que contribuiu para a identificação dos falantes, bem como para a compreensão e a interpretação dos dados.

Os 4º e 5º Grupos Focais não foram filmados, pois nos primeiros contatos com a comunidade a ser estudada fui alertada que ali a gravação por fita cassete era possível, pois, segundo uns jovens a filmagem “não era tão legal porque alguém pode querer pegar sua filmadora... pode não gostar...” Embora essa pessoa não tenha falado mais sobre isso, por uma série de comentários pude perceber um pouco mais a lógica da vida vivida naquele lugar, com suas regras próprias e controle do contexto vivido. Assim, os debates desses Grupos Focais foram gravados em fita cassete com a autorização dos participantes.

Para garantir a nitidez das gravações, organizamos os grupos em roda e o gravador circulou entre os falantes. Essa estratégia, sugerida pelos próprios participantes, no início, gerou certa timidez em quem falava, mas, logo depois da apresentação individual de cada um, todos ficaram à vontade com o gravador e quem queria falar o pedia sem constrangimento. Como esses dois grupos foram

⁸⁷ Cardarello, 1998.

constituídos por número maior de participantes, não consegui observar ou ouvir alguns detalhes durante o debate, principalmente quando uns falavam com os colegas do lado, durante as discussões mais polêmicas.

Os dados levantados foram transcritos na íntegra e tratados com o auxílio de elementos da Análise de Discurso, buscando a leitura de situações discursivas que revelassem sentidos e significados de tempo de lazer na análise de efeitos decorrentes do uso da língua por quem a usa e quando a usa no evento real da fala, considerando condições de aparecimento e efeitos do aparecimento dos enunciados⁸⁸. A intenção foi, pois, procurar compreender a língua fazendo sentido, como trabalho simbólico, constituído pelos sujeitos e suas histórias. Buscando trabalhar os limites como parte dos processos de significação.⁸⁹

Esse trabalho interpretativo iniciou-se com a constituição de um *corpus* para o estudo, que foi organizado considerando evidências identificadas nas situações discursivas levantadas e analisadas. Trabalho que se iniciou pela análise do material bruto coletado e transcrito tal como foi dito.

Esse *corpus* constituiu-se de narrativas sobre diferentes eixos de sentidos e significados de tempo de lazer, derivados da relação entre objeto estudado (tempo vividos como lazer), suporte (mecanismos de constituição, controle e subversão de sentidos e significados desse tempo de lazer) e variantes contrastantes (interações, utilidades e conhecimentos nas experiências vividas de tempo de lazer expressas pelos discursos desvelados).

Assim, com a constituição do *corpus*, realizei um primeiro tratamento de análise dos dados, atenta ao dito, como foi dito, a quem foi dito e em que circunstâncias foi dito. Essa análise forneceu pistas para que eu pudesse compreender sentidos e significados de tempo de lazer, sendo (re)construído pelos discursos dos sujeitos.

O fato de um mesmo fenômeno provocar uma pluralidade enorme de significados analíticos, que podem se manter ou se modificar no tempo pela

⁸⁸ Possenti, 1990: 47.

⁸⁹ Orlandi, 2001.

reavaliação de determinada palavra, com base em outro/s diálogo/s, em outro/s contexto/s apreciativo/s, implicou um ir-e-vir entre os textos elaborados nas condições de produção discursiva da pesquisa com outros, levantados pelas pesquisas bibliográficas sobre o tempo de lazer, circulantes em nossa realidade.

Ao analisar o que foi dito em cada um dos enunciados selecionados e nas relações entre os discursos identificados, procurei encontrar regularidades e contradições, relacionando as enunciações expressas com sua exterioridade. E no ir e vir entre discursos diversos, não me esqueci da observação de Eni Orlandi quando diz que a interpretação implica dois momentos de análise. Em um primeiro, o sujeito que fala interpreta e o pesquisador procura descrever esse gesto de interpretação do sujeito, que constitui o sentido submetido à análise. Em um segundo, o próprio pesquisador está envolvido na interpretação. Por isso, é necessária a introdução de um dispositivo teórico que possa intervir na relação do pesquisador com os objetos simbólicos que analisa⁹⁰.

Assim, a pesquisa exigiu-me mais que ler formas e intenções das palavras. Implicou identificar, transcrever, analisar e interpretar sentidos, para que eu compreendesse enunciações produzidas e identificasse sentidos e significados de tempo de lazer pela análise das situações discursivas, explicitadas a seguir, interpretadas com dados também levantados pela pesquisa bibliográfica desenvolvida no estudo.

Primeira situação

A primeira situação discursiva estudada constituiu-se a partir da formação de um grupo organizado a partir da convivência no lazer de sete jovens, seis homens e uma mulher, todos de cor branca, com idades que variaram entre 13 e 18 anos. Todos são conviventes na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte, moradores nesse e em outros lugares da cidade. Os participantes foram convidados por dois jovens irmãos identificados no Minas Tênis Clube. Todos são

⁹⁰ Orlandi, 2001.

alunos e ex-alunos do Ensino Fundamental de um mesmo colégio religioso da rede privada de ensino dessa região.

A negociação estabelecida com os dois jovens organizadores do GRUPO 1 já começou a revelar indícios importantes para a pesquisa, relacionados aos seus hábitos de lazer e condição social. A começar pela escolha do lugar do nosso encontro que, por sugestão deles, aconteceria no prédio onde moram, num tempo previsto de uma hora a hora e meia: “lá no salão de festas é silencioso e aqui fica fácil pra todo mundo vir...”, disse o irmão, que era o mais novo do grupo. O mais velho teve uma idéia: “nós podíamos combinar um futebol com a turma no mesmo dia na quadra esportiva do prédio...” Sugestão discutida pelo irmão, pois, para ele, “não é legal...”, disse, preocupado que o futebol pudesse atrapalhar a pesquisa. Combinamos que o encontro seria num final de tarde, pois os dois estudam de manhã e um dos colegas lembrados trabalha. Eles iriam fazer os contatos e confirmar comigo.

Esse encontro aconteceu numa sexta-feira, pontualmente às 16 horas, no lugar combinado. Fui recebida por todos com grande atenção e curiosidade. Preferiram ficar na quadra de esporte do que no salão de festas do prédio, pois naquela tarde a condição climática era muito agradável. Sugerir que todos se assentassem em semicírculo, de modo que pudessem ver e serem vistos por todos.

O desenvolvimento da atividade seguiu o plano inicial da pesquisa. Assim, após propor e todos terem aceito filmar o encontro, agradei a participação deles no estudo, explicando o seu objetivo. Na apresentação individual dos participantes, os jovens assim se expressaram⁹¹:

Vanderlei: “tenho 18 anos e **moro em Nova Lima...** na realidade é na estrada de Nova Lima e não na própria cidade... moro lá dois anos... **estudo Jornalismo na PUC... até ontem eu trabalhava na PUC TV...** fazia estágio não remunerado lá... aí... estava meio confuso lá... **tinha muita gente... e pouco trabalho pra mim...** agora eu vou entrar num projeto de pesquisa de uma professora de Sociologia... eu morava

⁹¹ Foram atribuídos nomes fictícios aos jovens participantes do estudo a fim de preservar seu anonimato.

aqui pertinho... no bairro São Pedro... e estudei no mesmo colégio de meus colegas minha vida inteira...”

Vitor: “tenho 18 anos e também faço Jornalismo na PUC... sou da sala dele ((rindo, apontou o colega que acabou de se apresentar)) não tenho muitas obrigações... assim... durante a semana não tenho trabalho... eu estou em busca de trabalho... por enquanto eu não tenho... moro no Sion... aqui do lado... eu até freqüento a Igreja Católica de vez em quando... mas não tenho uma opinião muito formada sobre religião... não tenho uma busca quanto religião... não tenho uma busca muito concretizada não... eu moro no Sion... até os 8 meses de idade eu já morei nessa mesma rua que estamos e depois mudei para o Sion onde estou até hoje...”

Vânia: “tenho 13 anos e moro no Bairro Esplanada... um pouquinho longe daqui... estudo no mesmo colégio de todos e a única atividade que eu tenho na semana é vôlei e violão... faço vôlei no Minas e violão em aula particular...”

Vinícius: “tenho 13 anos... moro aqui ((mostra o prédio; fala rindo e faz todos rirem)) há dez anos... estudo no mesmo colégio... 2ª e 4ª eu faço Inglês... 3ª e 5ª faço futebol... só...”

Valmir: “tenho 13 anos... moro na Savassi há 13 anos... nasci neste prédio... estudo no mesmo colégio... só...”

Volnei: “eu estudei a minha vida toda também nesse colégio e estou no 1º período de Engenharia de Telecomunicações na PUC... sou da sala dele ((mostra um dos jovens anfitriões do encontro))... a vida inteira morei no Sion... é só isso...”

Vlei: “sou irmão dele ((mostra o outro jovem anfitrião)) e moro aqui também ((mostra o prédio))... sou colega dele na PUC também ((abraça o amigo do lado que acabara de falar e todos riem))... estudo Engenharia de Telecomunicações... as minhas atividades durante a semana... faço violão também... eh! minha atividade principal é mesmo estudar...”

A apresentação do grupo revelou características importantes sobre condições de vida de jovens da camada social médio-alta da nossa população com hábitos cotidianos marcados por atividades rotineiras e a organização do tempo social regida pela lógica do mundo do trabalho, mesmo que não estejam inseridos na produção. A convivência entre esses jovens, independente da diversidade de idade entre eles, mostra que a juventude não é só uma questão de faixa etária, mas, sobretudo, representa a construção social cultural histórica que se faz.

Segunda situação

A escolha dos jovens participantes do segundo Grupo Focal ocorreu com a identificação de um colégio particular, também religioso, situado na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, que desenvolvia, sistematicamente, discussões sobre o lazer nas aulas de Educação Física.

Falando sobre esta escola, o coordenador da Educação Física disse-me:

“estou no colégio desde a quarta série... desde 74... já são vinte e nove anos... fiquei lá de 74 a 81 como aluno... depois mantive contato lá jogando no time do colégio... o time do colégio continuava o mesmo quando a gente saía... mas logo em 84... muito antes de eu fazer o curso de Educação Física... eu fazia Engenharia na época... eles me chamaram para ajudar no setor de esporte lá... dar treino de futebol para os meninos e aí em 90 entrei oficialmente como professor de Educação Física e estou lá até agora... hoje sou coordenador da Educação Física...”

A fala desse professor evidenciou a fusão de tempos, revelando marcas das experiências passadas como aluno no presente vivido como professor e coordenador de área no mesmo colégio, e o passado como referência necessária e visível na realidade do hoje⁹². Isso se tornou ainda mais evidente quando esse professor falou de uma aluna, lembrada como uma depoente importante para esta pesquisa sobre sentidos e significados de tempo de lazer.

“já tivemos... por exemplo... alunos que jogam vôlei lá no colégio... já tentaram jogar vôlei no Olímpico... no Minas... que foram dispensados e ficam tentando fazer do colégio o lugar de fazer esporte competição dele... só que do jeito que ele jogou no Minas e no Olímpico ele não encontra esporte lá... porque lá junto com ele tem gente que joga bem como ele e também gente que está aprendendo e que a gente motiva a participar... aí este tipo de aluno entra em um conflito danado com a gente... e ((a jovem lembrada)) fica o tempo todo cutucando esses colegas... é legal... ela acaba ajudando a gente com os próprios colegas desse tipo e também com aqueles que têm um pouco de resistência a esse projeto de esporte... ela não tem o discurso conceitual mas entende perfeitamente o que a gente quer... o processo de inclusão de mais gente... não ficar com essa fissura de resultado no sentido de troféu e medalha... porque na escola a gente pensa esporte como possibilidade de aprendizagem das pessoas... de vivência do esporte mas de uma forma diferente que não é comum...”

Por meio de telefonemas a dois jovens (uma aluna e um aluno) indicados por esse professor, marquei um encontro com eles em uma pastelaria que fica

⁹² Bakhtin, 1992-B.

quase em frente à escola, lugar indicado pela jovem. Eles se dispuseram a participar da pesquisa e a organizar um Grupo Focal com alguns colegas seus lembrados pelas suas experiências de lazer. Segundo nossa negociação inicial, esse grupo seria formado por oito pessoas. No entanto, durante 25 dias esses dois jovens não conseguiram agendar um dia e um horário da semana em que todos os convidados que aceitaram participar pudessem se encontrar para a realização do Grupo Focal. Isso porque é intensa a agenda de compromissos desses jovens, considerando suas atividades escolares e outros compromissos que têm com amigos, família, outros cursos e viagens. A decisão que tomamos foi a desenvolver o Grupo Focal com os três jovens que acertaram um encontro comigo, todos brancos e de camada social médio-alta.

O local escolhido por eles foi o próprio Colégio, pois, como disseram, lá ficava mais fácil, uma vez que um dos jovens tinha aula antes e depois do horário previsto para nosso encontro e os outros moravam no mesmo bairro, perto da escola. No dia e na hora marcados (intervalo para almoço), eu e um cinegrafista nos encontramos com a jovem em frente ao Colégio e entramos juntos na escola. Ela somente falou com o porteiro que eu era uma professora que ia realizar uma pesquisa com eles. Logo entramos e nos dirigimos a uma sala já reservada para esse nosso debate. Conversando, posteriormente, com o coordenador de Educação Física, compreendi melhor minha inserção naquele colégio.

“você me falou que os alunos queriam se encontrar no colégio... eu tinha anotado em minha agenda mas esqueci de falar com o coordenador-geral... naquele dia mesmo, uma hora antes de vocês se encontrarem, eu lembrei e o procurei comentando que está vindo uma pesquisadora que está fazendo doutorado na FAE da UFMG conversar com uns alunos... nisso ele estava assentado em um banco assistindo a um jogo de campeonato interno... tem problema (frase interrogativa) a conversa não durou mais do que dois minutos... e ele disse que não tem problema nenhum e continuou batendo papo com os alunos no meio da torcida... aí eu fui saber da pessoa responsável se tinha alguma sala livre e falei com um dos jovens a sala eles poderiam usar... a gente tem liberdade para fazer no colégio coisas que não são de lá... eu vejo que os professores que não foram alunos do colégio percebem essa marca diferente no tratamento com os alunos... toda a direção do colégio... tem uma relação muito próxima com os alunos... por exemplo... o coordenador-geral é tratado por todo mundo pelo apelido dele... isso para as pessoas de fora sempre é uma coisa estranha porque ele é uma pessoa que tem o cargo mais alto na escola...”

O nosso encontro levou um tempo para iniciar-se porque um dos jovens convidados estava na academia de ginástica, ao lado do colégio, e, pelo celular, seu colega teve de apressá-lo, pois teria aula pouco tempo depois.

Autorizada pelos jovens a filmar esse nosso encontro, as atividades duraram em torno de uma hora, tempo definido pelo debate estabelecido por eles. Seguindo meu plano de atividade, o diálogo iniciou-se com a apresentação dos jovens, da seguinte forma:

Raquel: “tenho 16 anos e estou no 2º ano aqui neste colégio... entrei aqui na 6ª série... aqui no colégio eu faço futebol... handebol e vôlei também... pretendo fazer Educação Física no ano que vem... ou Marketing... ah, quando eu não estou no colégio... porque a maioria do tempo eu não estudo muito... eu saio com meus colegas... fico em casa escutando música... leio um livro... gosto de ler... só... basicamente...”

Renato: “tenho 18 anos e estou fazendo PUC... faço Direito lá... no final do ano eu pretendo fazer Federal... talvez Direito mesmo ou outra coisa não decidi ainda... vou decidir depois e quando eu não estou na Faculdade de noite... quatro horas... quatro e pouquinho tô em casa lendo livros de Direito... aquele monte de livros... adiantando as coisas... de manhã eu estudo... de tarde eu vou pra academia... encontro com meus amigos... faço uma coisa assim... no final de semana também eu saio a noite chego tarde... a gente sai para alguns lugares...”

Ricardo: “eu tenho 17 anos e estou no 3º ano aqui no colégio... mas... oh eu só estudo um pouco... de manhã eu estou aqui no colégio... eu vou na academia de tarde... eu só estudo um pouco... adoro jogar bola... faço esporte... não sei que lá... gosto de RPG... gosto muito de mexer no computador... videogame... ler também... leio de tudo... fim de semana eu gosto de sair à noite tipo assim... eu não costumo ir muito a boate... vou mais é pra restaurante tipo... que a gente fica sentado... batendo papo... mais pra encontrar... jogar conversa fora... mesmo... às vezes vou na casa de alguém... gosto muito de vir na Savassi ficar sem fazer nada... gosto muito de encontrar amigos pra ficar batendo papo... só à toa mesmo...”

Nas suas apresentações, esses jovens revelam diferenças nas opções de experiências de lazer e também algo em comum: o tempo de estudo, especialmente relacionado à formação para o trabalho, é referência principal da vida deles, enfatizado de diferentes modos, seja pelo gosto de todos pela leitura, seja pela afirmação do tempo de estudo para identificar-se, seja pelo uso de expressões reveladoras de duplo sentido de tempo de estudo por meio de

expressões como: “não estudo muito”. Até mesmo os tempos de lazer narrados com muita curiosidade por esses jovens são vividos na escola.

Conversando com o coordenador de Educação Física sobre quem são os alunos e alunas do colégio, esse completou, expressando em seu discurso, também, os valores educativos tradicionais dessa escola:

“o fato é que a gente **tem uma diversidade de alunos...** mas de uma forma geral eles são de **classe média pra alta...** vamos dizer assim... cuja maioria dos pais tem uma vida estável... um ou outro tem dificuldade de pagar a escola ... por exemplo... a maioria tem uma família estruturada socioeconomicamente estável... são meninos que ao longo tempo lá no colégio... até porque eu fui aluno também... **apesar de algumas críticas às estratégias do colégio sobre como coloca os meninos para estudarem... são pessoas que aos poucos... acho que ganham o hábito de estudar... de ter o interesse pela leitura... pelas áreas de interesse principais... academicamente falando...** é um colégio que não só em termos de carga horária mais **em termos de exigência acadêmica é muito pesado mesmo...** os meninos que de uma forma geral você tem... **são alunos fáceis de lidar...** principalmente à medida que os meninos vão ficando mais velhos... a gente percebe mais que são meninos de uma forma geral muito tranquilos... tranquilos assim... fazem bagunça... são agitados e tal... mas **tranquilos no sentido de como agem individualmente ou em grupo...** na Educação Física a gente percebe isso... não são violentos sejam verbalmente ou corporalmente... de uma forma geral são meninos que **eu percebo que a gente tem capacidade de trabalho com eles... apesar de ter conflitos e de ter problemas com eles de vez em quando...** são meninos que geralmente quando se aproxima do vestibular **ainda sofrem uma pressão social muito forte de procurar determinadas áreas para trabalharem...** por exemplo... Direito... Medicina... o colégio é ainda uma escola que talvez... pelo fato de ser exigente academicamente... alguns alunos têm às vezes uma sensibilidade diferente para as artes... a Educação Física ou a Pedagogia... Letras ou o que seja... **a percepção deles é que sentem uma pressão da escola e até dos pais que investiram na escola como um espaço de formação diferencial e muitos desses meninos às vezes são levados por uma onda de tradição** de que existam alguns cursos que se espera que o aluno do colégio procure...”

Essas falas motivaram-me a ouvir um ex-aluno, identificado por meio de conversas informais fora do colégio. Em entrevista individual, ele também afirmou a importância da educação dessa Escola na constituição da sua identidade, revelando diferenças em relação aos três participantes do Grupo Focal e, ao mesmo tempo, semelhanças quanto à formação de hábitos, dizendo na sua apresentação inicial:

“eu tenho 21 anos e vou fazer 22 neste ano de 2003... **sou uma pessoa reservada e discreta mas que gosta de tudo...** eu gosto de... adoro música... adoro literatura... adoro ver televisão... cinema... viajar... **são minhas maiores paixões...** e eu gosto de **raciocinar...** talvez o segredo de todo o evento da minha vida é isso... **raciocínio...** tudo que envolve raciocínio lógico eu gosto... **independente da área...** eu nasci no interior de Minas **na cidade de Itabira** e fiquei lá até os 7 anos de idade... **fiz as escolas maternal e primária lá e aí com 7 anos eu mudei pra cá junto com minha mãe...** e moro aqui desde 88... foi o ano que eu mudei pra cá... de 88 até 2000 eu vivi aqui em Belo Horizonte... **estudei neste colégio durante 11 anos de minha vida desde a 1ª série até me formar no colegial em 99...** uma boa parte de minha vida... hoje moro em Campinas e **faço Faculdade na Unicamp...**”

Terceira situação

A escolha dos jovens do terceiro Grupo Focal deveu-se ao fato de uma das jovens desse grupo, espontaneamente, ter me solicitado informações sobre o lazer, pois estava participando de um estudo interdisciplinar sobre Belo Horizonte, no qual um dos temas tratados foi o lazer, realizado por sua escola, que é também particular, religiosa e localizada na Região.

Como ocorreu nos grupos anteriores, entrei em contato com essa jovem, que aceitou participar da pesquisa e organizar um Grupo Focal com sete colegas que vivenciaram a experiência interdisciplinar identificada e aceitaram o convite para integrar esse grupo. Uma vez, porém, que os jovens convidados estavam em um período intenso de provas escolares, tive dificuldade de reuni-los em um só horário, o que gerou a organização de um Grupo Focal com apenas três participantes - um jovem e duas jovens, todos moradores na Regional Centro-Sul.

Diferentemente do que aconteceu na pesquisa até aqui, o local escolhido por eles para o desenvolvimento do Grupo Focal foi a minha residência, que é próxima do colégio em que estudam, pela manhã.

Numa quinta-feira, cerca de uma hora depois das aulas, os três jovens chegaram ao meu apartamento com lanches comprados no *MacDonald*, próximo da sua escola. Lanchando, iniciamos o encontro como planejado, sendo que, logo na apresentação do primeiro participante, o diálogo entre eles iniciou-se da seguinte forma:

Antônio: “tenho 14 anos... estudo no mesmo colégio das minhas amigas... sempre morei aqui em Belo Horizonte... nasci aqui nesse bairro Savassi... no centro de Belo Horizonte mesmo... sempre fiquei nessa região mesmo... do colégio e tal e sempre estudei nesse colégio quase a vida toda... meu dia a dia foi no Minas Tênis Clube... gosto de tênis... gosto de ler no meu tempo de lazer... gosto de ler... de cinema... gosto de filmes também... então é isso que acho que eu sou...”

Alana: “ele esqueceu de falar que estuda muito... ele é muito inteligente... MUITO... É SIM... tudo que a gente vai conversar com ele ele sabe... eu acho que ele... a gente chama ele de ((fala o apelido do colega)) sabe? é o apelido dele... então eu estou acostumada... não vou chamá-lo aqui pelo nome... aí ele... sei lá é muito estudioso mas ao mesmo tempo ele não é... entendeu? ele pega as coisas fácil... ele é crítico...”

Antônio: “as pessoas falam isso mas eu posso tirar notas boas no colégio e tal, mas eu acho que as pessoas exageram um pouco... quero falar uma coisa a mais... estou escrevendo... não tem nada pronto mais é um projeto que eu tenho a nível de crônica mas ainda está em fase de fazer sabe (frase interrogativa) mas eu pretendo... vamos ver como vai ser... gosto de escrever sobre tudo assim... bem variado... eu escrevo assim desde coisas simples até coisas mais pesadas...”

Alana: “eu tenho 14 anos... atualmente eu estudo no mesmo colégio aqui de todos... tem dois anos que eu mudei pra lá... eu nasci na França e depois mudei pra Belo Horizonte... aí depois eu mudei pra Uberaba... depois voltei pra cá... assim... eu já morei em vários lugares e tal e eu sou uma pessoa extrovertida... alegre... estou sempre rindo e tal... fazendo palhaçada... a coisa que mais gosto de fazer é assim... estar com meus amigos... conversar... sair ... ir ao cinema... adoro ler também... e acho que é basicamente isso...”

Arlene: “tenho também 14 anos... eu estudo neste colégio há três anos... eu moro aqui na Região Centro-Sul mesmo... aqui no bairro Funcionários... sempre morei aqui... eu adoro música... sou muito ligada ao esporte... faço esporte... amo esporte... esse é o meu *hobby*... eu gosto mais de tênis e faço ginástica todos os dias da semana... só isso...”

Analisando o diálogo inicial deste Grupo relacionado aos anteriores, fica cada vez mais evidente que estamos falando de “juventudes”. Apesar desses jovens serem da mesma camada social média-alta, estudantes também de escola privada religiosa da Regional Centro-Sul, revelam-se como sujeitos com especificidades de vidas bem diferentes entre si e os demais. Embora todos vivendo um momento de vida que assume uma importância em si mesmo. Processo que é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve, e

com qualidades diferentes, as interações de cada sujeito e de seus grupos de amigos. Diferentemente dos demais jovens, os participantes desse grupo se identificaram destacando suas experiências culturais vividas principalmente fora da escola, revelando gostos pessoais, desejos, potencialidades e experiências sociais e culturais diversas.

Quarta situação

Nesta pesquisa identifiquei vários programas socioeducativos voltados aos jovens, o que me levou a selecionar um deles, tendo em vista ampliar a participação dos jovens da Regional Centro-Sul nesta investigação. Esta definição ocorreu a partir de conversas informais, quando constatei que a Regional Centro-Sul é um dos locais de maior número de participantes do Programa identificado, com participação numérica significativa não somente nessa região, como em Belo Horizonte.

O pólo escolhido localiza-se em um grande Aglomerado dessa Regional, que reúne quatro favelas: três delas com saídas para grande vias de acesso na Região e uma que fica mais retirada nesse Aglomerado e que é considerada pelos moradores do lugar como a “periferia da favela”. Essa “favela da favela” tem saídas para lotes vagos próximos a algumas casas de um dos bairros ao redor, ficando debaixo de um esgoto que escoava desse bairro. Nessa quarta favela os barracos são de lona ou de tábuas, com telha de amianto ou sem telha, sendo as vias locais sem calçamento. A vida lá é a mais precária. A pobreza “salta aos olhos”. O nível de vulnerabilidade dos jovens que moram nesse local é maior do daqueles que moram nas outras três favelas desse Aglomerado, cujas vias principais são calçadas e limpas, num traçado de ruas e becos com lógica difícil de ser compreendida pelos que não moram ali.

Foi em uma dessas três favelas que realizei o 4º e o 5º Grupos Focais, que reuniram jovens de todo Aglomerado, participantes do Programa identificado. Esse é um programa de preparação do jovem para exercer o protagonismo como agente de desenvolvimento de sua comunidade. Foi criado tendo como meta

capacitar jovens em situação de risco pessoal e social, de baixa renda e escolaridade, moradores em vilas, favelas e Aglomerados de Belo Horizonte.

Conversando, posteriormente, com a coordenadora do Programa, pude saber mais sobre ele:

“a gente hoje tem 40 grupos de jovens em Belo Horizonte... são 1.000 jovens que atendemos... esses núcleos estão espalhados nas nove regionais da cidade... esse Programa começou em 2000 como um projeto piloto... eram seis núcleos...”

A estagiária do Programa, que atua junto à coordenação, complementou, dizendo:

“no caso dos jovens que você articulou nesta pesquisa, esse pólo tem a participação da Visão Mundial, que tem uma estrutura e acúmulo maior de trabalho do terceiro setor... ela trabalha também com recursos do exterior... acho que capta recursos ligados à igreja... e neste Aglomerado temos também a participação de outras entidades da comunidade... acontece em um local que a comunidade articulou... agora a entidade cumpre um pouco esse papel de articular a ação com a comunidade e isso é importante pra gente porque tem comunidade aí que é complicada pra gente chegar... e os jovens participam dessa negociações... ali neste Aglomerado eles participam bem”.

Disse a coordenadora:

“uma dificuldade que o programa tem é o local onde ele vai acontecer na comunidade... então você tem que movimentar e buscar parceria nas escolas... igrejas... nos salões comunitários [...] lá no Aglomerado onde você está pesquisando com os jovens o pessoal tá construindo lá... prevê quadra e tal... lá eles conseguem quadra com o Batalhão da Polícia...”

Os educadores confirmam que os jovens recebem ajuda financeira (bolsa) para participar do Programa, o que demanda ações alegres e atrativas para que o interesse deles não seja unicamente econômico. Os educadores não querem que os jovens tenham essa relação mercadológica só pelo dinheiro, e, sim, que possam ir ao núcleo sem pensar só na bolsa. Só atingiram o nível de participação livre e espontânea quando o programa tornou-se significativo na vida deles.

A respeito, a coordenadora comentou:

“na verdade a gente aposta um pouco na política social do conhecimento... quer dizer... que essa ampliação do horizonte possa fazer esse jovem ter novos sonhos... pensar novas perspectivas... construir novos caminhos... construir projetos de vida novos para si e pra comunidade na qual ele está nascido... por isso a gente está propondo momentos de diagnósticos das comunidades deles... esse programa trabalha o eixo de construção de novos valores... porque a gente vive uma crise muito grande de valores... paradigmas... de referencial e isso reflete muito no jovem e no

adolescente... tanto no sentido de perspectivas... de sonhos... como também nas condições concretas objetivas de vida... quer dizer a sociedade altamente consumista e divulga pra todo mundo uma série de possibilidades de ser feliz... de se realizar através do ter e isso é muito forte não é? o tênis... o local pra namorar... todo mundo é bombardeado pela mídia e esse jovem tem uma condição social econômica muito ruim... complicada... qual é a possibilidade de eu ter isso tudo que é preciso ter pra ser feliz (frase interrogativa) é uma contradição muito grande... não é (frase interrogativa)”

Eles saem do núcleo quando atingem 18 anos — idade limite do Programa — mas, no Aglomerado onde realizei este estudo, observei que muitos continuam participando sem receber a bolsa e dizem que fazem isto porque ali “é um espaço bacana para eles”. O núcleo passa a ser um espaço deles, e isso é muito importante naquele lugar. Eles sentiam posse, quase que somente, só da casa onde moram. Fora dela, os espaços que têm para conviver - a rua, a escola – são controlados de diversos modos, destacando-se a influência dos líderes que controlam o tráfico, como afirma a coordenadora:

“a gente às vezes conversa com os pais e tal e eles falam que hoje é muito difícil... é difícil o pai segurar o filho porque eles querem coisas que eu não posso dar e aí vem o outro o contexto... a gente vive no contexto onde a questão de algumas alternativas que aparecem pra eles né:: fáceis... por exemplo o tráfico é muito forte... a sedução do dinheiro fácil através do tráfico é mais forte... e esse tráfico acaba... vai levando à morte muitos desses jovens que estão morrendo mais do que matando... então esse contexto é muito complicado...”

As falas levantadas nos primeiros contatos nesse contexto enfatizaram que a casa, a rua e a escola são lugares estigmatizados: a família não se estrutura e não tem espaço para o diálogo; a rua, menos ainda; para eles, é um poço de autoritarismo. As escolas nos lugares onde atua o projeto, em geral, não são abertas a inovações e controlam tudo pela nota, separando o que o aluno que sabe do que não sabe. Completa a coordenadora:

“a gente tenta trabalhar também... conhecer um pouco essas famílias... a escola... a relação deles com a escola é muito complicada... em alguns casos ela não dá conta desses jovens porque eles são tratados como jovens problema ou então eles passam pela escola sem realmente vivenciar a experiência que deveriam ter da educação... uma experiência de paixão pelo conhecimento... então eles mesmos falam sempre que têm o diploma... mas não têm o conhecimento... eles percebem que há um dualismo na política da educação no Brasil... que existe escola e escola... existe escola de

qualidade que te prepara para uma série de coisas e existe escola que ele tem que os professores faltam... onde tudo é muito desorganizado... é uma escola que não interessa muito... ela não consegue fazer o jovem sonhar... a própria escola não trabalha com sonhos... não trabalha com interesse... os conteúdos são muito desconectados da vida e aí:: o jovem não tem motivação de ficar nessa escola...”

Como disse um educador social que atua no Aglomerado,

“os jovens querem mostrar que têm luz própria que são capazes de fazer as coisas próprias deles... que não precisam de ninguém extra terreno ou extra corpóreo que determine a atividade que eles precisam...”

Minha inserção nesse lugar foi acompanhada por esse educador social do Programa, conhecido de todos no Aglomerado. A primeira vez que lá estive, subi a pé a rua principal da favela, em companhia desse educador. Estreita, essa rua permite duas “mãos” de tráfego, sendo que as manobras de retorno têm de ser realizadas entrando em becos muito estreitos, o que mostra uma “ordem” de controle do ir e vir com veículos nesse lugar. À medida que subia a rua, com bastante informalidade, o educador social que me conduzia foi cumprimentando e falando com várias pessoas do lugar, a maioria jovem, que ficam conversando ao longo dessa via principal de acesso, atentos a todos que ali chegam a atudo que acontece. Era meu “ritual de apresentação” à comunidade para que todos soubessem dos meus objetivos ali.

Descobri que esse Aglomerado tem lógica e organização próprias, com poder local evidente, linguagem e comunicações diferentes. O lugar mostra certa “independência” da favela em relação ao centro da cidade, pois ali se encontram comércio, igrejas, escolas, posto de saúde, jornal e rádio locais, grupos culturais diversos, enfim, como outros Aglomerados, Tudo é controlado por quem ali vive. É uma cidade dentro da cidade.

Durante a primeira tarde que passei lá, fomos aos lugares mais estratégicos do Aglomerado, considerando o meu interesse de pesquisa, ou seja, onde, em geral, os jovens que participam do Programa se reúnem. A Igreja Católica foi visitada primeiro. O padre é reconhecido no lugar como um porta-voz da comunidade. No centro social dessa igreja funcionam biblioteca, projetos sociais e culturais diversos, promovidos pela própria igreja, outros promotores e a

comunidade. Fomos, também, ao Centro de Referência do Cidadão, realização do Governo Estadual, que apoia os movimentos comunitários do lugar e onde acontecem também encontros dos jovens do Programa. Dentre várias ações educativas e preventivas, estavam sendo realizados no local cursos de capacitação e qualificação profissionais, formação para criação de cooperativas populares e, ainda, funcionando quiosques da COPASA, CEMIG e outras empresas parceiras.

Minhas inserções seguintes no Aglomerado foram de carro, sempre acompanhada por um dos jovens, que se oferecia para subir comigo até os locais dos nossos encontros. Sempre subi devagar, conversando com eles e seguindo o mesmo “ritual de (re)conhecimento” pelas pessoas do lugar. Cumprimentávamos todos que víamos: senhoras sentadas nas portas de suas casas, comerciantes e muitos jovens “de papo” nas esquinas.

Os educadores do Programa destacaram que, logo que chegaram, os jovens pichavam muito as entidades. Então, houve conversas com os jovens e sugeriu-se a criação de oficinas de grafite, que, para os educadores, foram importantes, pois, com todas suas limitações para resolver essa problemática, a arte tem contribuído para certa “libertação” desses jovens. De fato, pelo que pude ver, num primeiro contato, não havia pichações nos lugares por que passei.

Mas os educadores disseram que, no início, surgiu muita dificuldade de estabelecer contatos com os jovens pela arte, principalmente porque alguns diziam que “aquilo não era bom porque eles iam lá só para brincar”. Era como se brincar não fosse algo que não pudesse ser levado a sério. Como se brincar não fizesse parte da vida deles desde a infância. Na favela, vários jovens disseram que é proibido brincar. Eles também não têm onde brincar porque, segundo eles,

“NA ESCOLA (frase interrogativa) IMPOSSÍVEL (frase exclamativa) se a gente brinca a professora põe de castigo ou tira da sala de aula... brincar na rua não pode porque é estreita tem carro tem tiros... não tem espaço para brincar na comunidade... às vezes transitar na comunidade não é muito tranquilo... principalmente se o tráfico está em guerra... tem lugares aqui que tem toque de recolher e daí? você vai brincar como (frase interrogativa)”

Por isso, disse o educador ouvido, que o Programa buscou espaço para

“mediações dos artistas com os jovens, que liberam o desejo de brincar... de rir e isso passou a ser algo necessário em todos os encontros com eles... precisava haver a brincadeira para ficar gostoso... ficar atrativo...”

No período de minha familiarização com esses jovens, pude acompanhar, como observadora, uma reunião com quatro lideranças jovens do Programa nesse pólo e levantar outros dados interessantes que falam desse contexto. Avaliando um dos diagnósticos realizados pelos jovens educadores que moram no Aglomerado, eles destacaram seis aspectos: (1) as festas constituem demanda de todos os jovens; (2) as preferências culturais mais evidentes são dança de rua, afro, forró, grafite, artesanato, esporte, pagode, capoeira e teatro; (3) a rádio local atende ao interesse do seu único dono; (4) a Igreja Católica (Centro Catequético) e o Centro de Referência apoiam as atividades promovidas pelos jovens, cedendo espaços para a realização de seus encontros e projetos; (5) as outras igrejas do lugar não promovem atividades para os jovens; (6) vários jovens reclamam da excessiva burocracia e falta de vontade política de alguns secretários e dirigentes regionais para agilizar as tomadas de decisões necessárias para a implementação de novas etapas do Programa, como previsto. Em conseqüência, os jovens educadores requerem maiores espaços aos dirigentes para defender os interesses políticos da juventude do Aglomerado.

Nessa reunião pude também conversar com essas lideranças jovens e convidá-las a participar da pesquisa. A minha intenção, inicialmente, era organizar um Grupo Focal apenas com jovens moradores desse Aglomerado. No entanto, os que foram contatados se interessaram pelo meu estudo e julgaram que o levantamento de dados com um número maior de jovens poderia me ajudar a entender melhor as pessoas daquele lugar. “aqui nós temos muitos jovens com diferentes cabeças... a gente queria que todos pudessem conversar com você...”

Com isso, dois Grupos Focais foram organizados por eles e realizados durante mais de duas horas, em datas e locais que os grupos julgaram mais adequados para a realização dessa coleta de dados, isto é, os dias de encontro do Programa. Cada um dos grupos dedicou uma tarde de terça-feira para o levantamento de dados.

Assim, o 4º Grupo Focal foi formado por 20 jovens, em sua maioria negra, sendo 12 mulheres e 8 homens que, no início das atividades se apresentaram:

Lindalva: “tenho 15 anos... **moro no Aglomerado...** eu estudo no primeiro ano do colégio ((escola da rede estadual de ensino))”

Luís: “tenho 17 anos... só isso mesmo...”

Lincoln: “tenho 17 anos... **estou estudando** na ((escola da rede municipal de ensino))”

Lorena: “tenho 17 anos... **estou estudando** no terceiro ano...”

Larissa: “tenho 17 anos...”

Laura: “tenho 17 anos e **estou no primeiro ano** da ((escola da rede estadual de ensino))...”

Leco: “tenho 17 anos...”

Leonardo: “tenho 16 anos e **estudo** na ((escola da rede municipal de ensino)) no quarto ano...”

Letícia: “tenho 16 anos e **estou no primeiro ano...**”

Lúcia: “tenho 16 anos e **estou na sétima série** da ((escola da rede municipal de ensino))...”

Lucas: “tenho 15 anos... **estou na 6ª série** no ((escola da rede municipal de ensino))...”

Lina: “tenho 16 anos... **estou na 8ª série... estou estudando na** ((escola da rede estadual de ensino))...”

Luisa: “tenho 15 anos e **também estudo na** ((escola da rede estadual de ensino)) na 7ª série...”

Luri: “tenho 20 anos... **sou educador do Programa e estou tentando Ciências Sociais...**”

Ludmila: “tenho 18 anos e **estudo** na ((escola da rede estadual de ensino))...”

Luzia: “tenho 15 anos e **estou no segundo grau...**”

Lenita: “tenho 16 anos...”

Lindomar: “tenho 16 anos e estudo na ((escola da rede estadual de ensino))... Colégio ruim!!!”

Luciana: “tenho 15 anos... nasci dia 20 do 10 de 1987... estudo no primeiro ano do Ensino Médio... pratico aula de dança...”

Lindolfo: “moro no Aglomerado... estou no Programa e estudo na ((escola da rede estadual de ensino))... estou fazendo oitava série e tenho 16 anos...”

E o 5º Grupo Focal foi formado por dezoito (18) jovens, sendo onze (11) mulheres e sete (7) homens, que assim se apresentaram:

Milton: “tenho 15 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Mariana: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... eu adoro o lazer... uma das coisas que eu mais gosto de fazer...”

Marluce: “eu tenho 15 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Maria: “tenho 20 anos e sou educadora aqui do projeto...”

Miriam: “tenho 15 anos... estudo na ((escola da rede estadual de ensino))...”

Marília: “tenho 15 anos e não estudo...”

Marilene: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Márcia: “tenho 16 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Matilde: “estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... e adoro encontro de jovens...”

Mário: “tenho 18 anos... ex-agente do Programa e não trabalho...”

Marcos: “estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... e adoro praticar esportes... enfim várias coisas...”

Marcelo: “tenho 17 anos e estudo e participo do Programa...”

Mércia: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... e o lazer que eu gosto é música... mais coisa de música mesmo...”

Mateus: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... estou cursando o 2º ano do ensino médio...”

Madalena: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Márcio: “tenho 15 anos e gosto muito de futebol... pronto...”

Mônica: “tenho 17 anos... estudo na ((escola da rede municipal de ensino))...”

Morgan: “estudo na ((escola da rede municipal de ensino))... e curso o Programa...”

É interessante observar que a referência de apresentação utilizada pelos jovens desse grupo também foi a escola, revelando também a influência dos valores socializados pelo Programa do qual todos participam.

Nos dois encontros, fui recebida com atenção e alegria pelos jovens. No dia do levantamento de dados com o 4º Grupo Focal, organizado por um jovem educador no salão do "Centro de Referência do Cidadão", por orientação dos jovens participantes, estacionei meu carro em um beco, em frente ao local onde iria desenvolver minha coleta de dados. Todos disseram:

“aqui está tudo bem... quem pára o carro não é estranho... todos sabem que é alguém que foi recebido pelo Centro de Referência...”

No dia do levantamento de dados com o 5º Grupo Focal, organizado por uma jovem, foi diferente. O ponto de encontro escolhido pelo grupo foi o salão da Igreja Católica, que fica na via de principal acesso ao Aglomerado. Logo que cheguei, um jovem do grupo, que eu não conhecia ainda, aproximou-se de mim e, com muita delicadeza, disse baixinho que ele achava que eu não deveria deixar meu carro ali. E sugeriu que eu o estacionasse na casa dele, que ficava próximo do lugar onde estávamos. Disse que seu pai é um negociante do lugar, e lá meu carro ficaria protegido. Ampliando sua cautela, preferiu não ir de carro comigo e subiu a rua a pé, à minha frente, brincando com todos que encontravam pelo caminho. É interessante registrar que subimos uma ladeira bem íngreme, o que deixou bem clara a intenção de proteção desse jovem. Fui recebida com muita atenção pelo pai do rapaz, que me orientou a estacionar o carro no terreno da casa dele, de onde pude fazer outra leitura do lugar.

A entrada para essa área exigia manobras difíceis. No lugar, três casas foram construídas em volta de um pátio redondo, e nos fundos dessas casas existem várias escadas largas que dão acesso à praça principal do bairro em frente à favela. O contraste ali é interessante: uma vista linda da Praça e de todos os bairros ao seu redor — com muitos edifícios e amplas casas, largas e bem traçadas avenidas — contrastava com a arquitetura do Aglomerado: ruelas e becos difusos e estreitos, com moradias muito pequenas.

Quinta e sexta situações

As duas últimas situações discursivas estudadas interrelacionam o vivido no 6º e 7º Grupos Focais, que foram organizados a partir da identificação de jovens participantes da única experiência sistemática, teórico-prática, de educação para o lazer, desenvolvida no Programa selecionado, no ano de 2000.

A organização dessa etapa da investigação iniciou-se com contatos com os estudantes universitários, que desenvolveram, à época, a experiência de educação para o lazer em vários pólos do referido Programa. Após os estudantes terem aceito o convite para a pesquisa, realizamos algumas reuniões para organizarmos um Grupo Focal com jovens de vários pólos que participaram desta experiência educativa.

O primeiro desafio posto, e o maior enfrentado para a constituição desse grupo, foi o contato com os jovens dos pólos que vivenciaram a experiência educativa em 2000, dada a perda da familiaridade dos universitários com as comunidades onde ficam os pólos e, com isso, a dificuldade de localizar endereços dos jovens moradores nessas vilas e favelas. Para isso, os estudantes universitários tomaram a iniciativa de buscar com a coordenação do Programa endereços de lideranças comunitárias, e, por meio de telegramas, buscaram localizar os jovens com os quais conviveram no desenvolvimento do Projeto. Dada as dificuldades de contato com esses jovens, o 6º Grupo Focal foi composto por apenas três jovens brancos (uma mulher e dois homens) moradores de uma outra localidade, uma vila de Belo Horizonte.

O lugar sugerido pela pesquisadora e os estudantes universitários para a realização do encontro foi o Centro Cultural da UFMG, considerando que sua localização, no centro da cidade, é de fácil acesso a todos. No horário marcado, às 14 horas de um sábado, os jovens não haviam chegado. Curiosamente, nenhum dos participantes conhecia esse Centro Cultural, o que gerou a minha primeira descoberta nesse encontro.

Como explicou o jovem universitário que deu carona para os três jovens do Programa moradores da Vila,

“assim... na hora que a gente estava chegando aqui no Centro Cultural da UFMG eu falei assim meu Deus aonde será que é a entrada do lugar (frase interrogativa) aí chegamo e achamo né? aí eu perguntei pra eles se algum deles já tinha vindo aqui... porque é perto lá né? da Vila onde moram até aqui é perto... aí eles falaram que nunca tinha vindo aqui... eu falei também que eu nunca entrei aqui dentro... nunca... sempre vi esse prédio aqui como uma coisa assim quase que abandonado né? e não é... acabou que a gente viu até uma exposição de arte ali muito interessante né?”

Esse Grupo Focal iniciou-se de modo diferente, pois, à medida que os estudantes universitários e os jovens da Vila chegavam ao Centro Cultural, foram ficando curiosos por conhecer o lugar e as atividades ali desenvolvidas. Visitaram uma exposição de arte que estava aberta; perguntaram sobre os projetos que são ali desenvolvidos: o que acontece, quem poderia participar, quando acontecem as atividades. Com entusiasmo um jovem da Vila me disse:

“eu perguntei ao moço ali o que tem aqui e ele tava contando pra gente que aqui acontece muita coisa... gostei muito de saber...”

O contexto “novo” gerou descobertas e a alegria do reencontro entre os participantes, que demonstravam saudades uns dos outros. Servi um lanche a todos no momento em que eles chegaram à sala definida para o nosso encontro, o que contribuiu também para a familiarização minha com esses jovens, criando um ambiente agradável para a conversa entre eles. Ficando mais à vontade, logo no início das atividades da pesquisa, os jovens da Vila me perguntaram se os estudantes universitários não iriam participar também da pesquisa. Com essa nova negociação comigo, foi constituído um grupo de cinco participantes, com jovens de grupos sociais diferentes, que iniciaram as atividades do Grupo Focal apresentando-se da forma seguinte.

Paulo, um participante do Programa, foi o primeiro a falar: “Tenho 18 anos... não estou estudando... não trabalho... eu gosto de sair muito... jogar uma bola e fica lá na madrugada ouvindo música e trocando idéia... conversando com os amigos... é isso aí!”

O segundo a se apresentar foi Pedro, que também é participante do Programa: “eu estudo... estou na 8ª série... cho vê:: gosto de andar de bicicleta... praticar esporte... é lá o que eu mais faço né:: quando não é bicicleta eu solto muito papagaio... passo o tempo todo só soltando papagaio... cho vê que mais! tipo assim... se a menina... não... se na hora... vamos supor... na hora que eu chego eu sou tímido

mais depois quando eu começo a entrosar mais começo a ficar... como eu posso falar... vamos supor tipo... assanhado sabe? ((todos riem muito)) modo de falar...”

Patrícia, outra participante do Programa, se apresentou em seguida: “tenho 18 anos... estudo... gosto de ficar em casa escutando música e gosto de estudar... é só isso...”

Sílvio foi o primeiro estudante universitário que se apresentou: “eu formo agora em Educação Física... em junho eu formo... entrego minha monografia... gosto de música... de futebol... gosto de artes marciais... gosto de muitas coisas... gosto de política também... de vez em quando gosto de assistir alguma coisa... e é isso...”

Sandro foi o segundo estudante a se apresentar, dizendo: “tô com 24 anos... não vou formar agora... vou gastar mais seis meses pra formar... mais vai ser supertranquilo... eu trabalhei no Programa com os três que estão aqui hoje ajudando a fazer essa pesquisa sobre lazer e estou muito alegre de rever essa turma...”

Como aconteceu nos grupos 1, 2, 4 e 5, também no GRUPO 6 o estudo foi a referência principal de vida dos jovens participantes.

O 7º Grupo Focal, formado por estudantes que atuaram como educadores do Programa identificado nesta pesquisa preferiu se reunir na casa da pesquisadora, pois seria também um lugar de fácil acesso aos participantes. Assim se apresentaram:

Soraia: “eu tenho 35 anos... estou formando em Educação Física... no momento não estou trabalhando... sou nascida e criada em BH... amo essa cidade e vivo muito intensamente essa cidade também...”

Sandro: “tenho 24 anos... nascido em Brasília mas criado em BH... faço Educação Física e gosto de escalar muito...”

Sérgio: “tenho 26 anos... nasci em BH e estou cursando Educação Física...”

Sílvio: “tenho 24 anos... nasci em BH... vivo aqui... estou formando em Educação Física... adoro o meu curso... adoro minha profissão... trabalho na área mas também sou muito ligado às artes marciais e gosto muito de música...”

Simone: “tenho 21 anos... também estou no 8º período... formando em Educação Física... nasci e sempre morei em BH... sou muito feliz...”

Esses participantes, na sua apresentação, enfatizaram também a educação, destacando a importância que atribuem a formação profissional como realização de vida. Revelam-se também como formadores dos valores sustentadores do Programa social no qual trabalharam com os jovens participantes desta pesquisa.

Analisando as situações discursivas identificadas, observo que os jovens participantes de cada uma delas lida e representa de maneira diversa os tempos sociais narrados e neles os tempos de lazer. Diversidade que se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, condições educacionais), de gênero e de localização geográfica (moradores no centro urbano ou nos aglomerados), dentre outros fatores que podem ser considerados. Esse é um dado que já mostra que não podemos enquadrar nem a juventude e nem o tempo de lazer em critérios rígidos. Não existe, assim, um único modo de ser jovem e de avaliar o tempo social. Convivemos com sentidos e significados plurais, reveladoras de diferentes condições sociais, culturais e de identidades.

E de posse dos dados levantados na transcrição desses Grupos Focais, vi claramente que não seria possível tratar todos em uma só pesquisa. Os depoimentos foram muito ricos e densos, gerando o maior desafio da pesquisa: a identificação de sentidos e significados de tempo de lazer expressos pelos jovens participantes do estudo. Reflexões que foram detalhadas na próxima parte deste texto.

SEGUNDA PARTE

(RE)DESCOBERTAS DO ESTUDO

A análise dos dados tratados nesta pesquisa possibilitou-me perceber diferentes construções de sentidos e significados de tempo de lazer atribuídos por jovens moradores da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte, identificados no contexto das reflexões sobre suas experiências cotidianas.

Os discursos analisados conduziram-me à compreensão de que o principal sentido atribuído pelos jovens é o de do tempo de lazer como experiência lúdica, constituída com base em dois significados essenciais: a alegria e a liberdade.

Na maneira como fui (re)lendo a totalidade das (re)descobertas da pesquisa, como pode ser observado em todo texto desta pesquisa, pude entender que o lúdico - cuja vivência pode ser construída com inúmeros significados, até mesmo contraditórios - foi enfatizado como resultante da construção da alegria vivida com o outro, plena de reconhecimento do eu, do outro e das experiências socioculturais que ambos constroem pelo brincar com base nas condições materiais possíveis e lidando com os limites de tempo, lugar e ação. Nesse contexto, foi destacada a liberdade como significado essencial da alegria vivida no tempo de lazer como jogos da alteridade. Jogos que implicam escolha, negociação, autonomia e diferentes possibilidades.

Ao mesmo tempo, os discursos dos jovens denunciaram, que nas condições sociais onde esses jogos são construídos, ao mesmo tempo em que espaços são abertos para a concretude do lúdico no tempo de lazer, limites de diferentes naturezas são também enfrentados. Mostram, assim, que o tempo de lazer se contextualiza em meio aos dilemas sociais da vida cotidiana das pessoas e os grupos sociais a que pertencem.

Reafirmando, implícita ou explicitamente, a experiência lúdica como o

principal sentido do tempo de lazer, perpassa por todas as falas dos jovens, quando expõem sua compreensão sobre o tempo de lazer. Esse para a ter uma conotação especial de tempo de realização de desejos e direitos à prática da liberdade e alegria, mesmo que a maioria dos jovens tenham se manifestado conscientes de que as vivências no tempo de lazer implicam também dor, desprazer, ironia.

Essas reflexões sínteses esboçam jogos complexos e contraditórios construídos em um mosaico do qual todos participamos, que (re)constituem sentidos e significados que organizam as experiências dos sujeitos nos momentos que consideram tempo de lazer.

Essa é outra evidência do estudo, ou seja, o tempo de lazer é a expressão de sociabilidade, de experiências socioculturais, logo estabelece organização e vivência de tempos, espaços e atividades diferentes, que variam para cada indivíduo e grupo, dependendo da condição de existência de cada um deles.

Assim, ao mesmo tempo em que o estudo suscitou inúmeras possibilidades de compreensão de sentidos e significados de tempo de lazer, ele também apontou para a possibilidade de algumas evidências que se repetiram nas falas dos jovens participantes da pesquisa. Isso permitiu que eu identificasse dentre os discursos analisados, o sentido principal de tempo de lazer como experiência lúdica, como já foi dito, e três significados especiais de tempo de lazer atribuídos pelos jovens participantes do estudo, ou seja: o tempo de lazer como (1) momento de pertencimento, (2) de encontro e (2) de repetição criativa da prática cultural vivida. Sentido e significados analisados nesta segunda parte de texto.

2.1 TEMPO DE LAZER COMO EXPERIÊNCIA LÚDICA

As discussões sobre as experiências narradas me desafiaram a (re)descobrir os fundamentos do lúdico, porque todas as falas, direta ou indiretamente, atribuíram como principal sentido do tempo de lazer a alegria e liberdade, como pode ser observado nas experiências narradas ao longo de todo texto.

Essa descoberta gerou a necessidade de um retorno imprescindível à literatura clássica sobre o lúdico e uma tomada de decisão diante dela, considerando os desafios da atualidade. Busca que implicou, especialmente, meu diálogo com Johan Huizinga⁹³, cuja obra é, na maioria das vezes, citada como sustentadora das reflexões sobre o lúdico nos estudos desenvolvidos atualmente no campo do lazer em nosso País.

Nessa retomada fiquei especialmente curiosa por saber como Huizinga pode me ajuda a analisar o tempo de lazer hoje, mesmo sabendo que o seu contexto histórico é muito diferente do atual. Isso porque ele viveu na Europa no período de 1872-1945 e, em 1939, publicou, em Amsterdã/Holanda, na língua alemã, o livro “*Homo ludens*; o jogo como elemento da cultura”. Essa obra foi construída com base em pesquisas realizadas pelo autor desde a primeira década do século XX e foi difundida no Brasil, especialmente, a partir de sua publicação pela Editora Perspectiva, em 1980.

Analisando as discussões sobre a experiência lúdica, que vêm sendo produzidas no campo do lazer nos últimos anos, observo que, de um lado, tem sido reconhecida a importância das categorias de análise usadas por Huizinga na explicação de como funciona o jogo lúdico. Porém, de outro, várias reflexões têm colocado em questão não somente o que esse autor nos diz, como também o que “não diz” sobre os fundamentos da experiência lúdica. A respeito, diz Umberto Eco, Johan Huizinga

⁹³ HUIZINGA, 1980.

podia estudar o jogo cultural como *langue*, e o estuda como *parole*; podia estudá-lo como *competence* e o estuda como *performance*. Não faz uma gramática do jogo, examina frases e, mais ainda, as modalidades de pronúncia das mesmas e o fato de que as pessoas gostam de falar. Não faz uma teoria do jogo, mas uma teoria do comportamento lúdico. Podia estudar o jogo jogante, o jogo que nos joga, e estuda o jogo jogado, e o hábito de jogar. É claro que estamos pedindo a Huizinga algo que ele não estava pensando em dar-nos e estamos relendo-o depois de ter lido os textos da teoria dos jogos, os estudos wittgensteinianos sobre a matemática como jogo, os paralelos saussurianos com as peças de xadrez, Lévi-Strauss e Lacan [...] enfim, se Huizinga perdeu uma ocasião, não é desculpa para que nós a percamos também. [...] Quem postulou uma noção mais radical da cultura como jogo não pode participar deste jogo. O jogo [...] é jogado mais a fundo [...] Huizinga nos convida para uma partida que é preciso continuar jogando, mesmo sem a ajuda dele.⁹⁴

As falas dos jovens na presente pesquisa, ao meu ver, destacaram o lúdico como o principal sentido do tempo de lazer, constituído dos significados de vivência plural e significativa; compartilhada com o(s) outro(s) participantes; cujas regras e ordem são definidas pelos que brincam e a síntese vivida é a alegria resultante da prática da liberdade.

Mas, o que isso significa?

2.1.1 Lúdico: experiência plural significativa

“eu fiquei com dificuldade de escolher um dia de lazer, por isso eu escolhi ontem... porque eu acho que eu vivo a alegria todo dia...”

A experiência lúdica tem vários sentidos e significados para quem brinca e para quem estuda o brincar. Em geral, quem brinca entende a experiência lúdica como diversão, recreação; brincadeira ou jogo; momento de construir e realizar descobertas com os brinquedos, festar, comemorar com muita animação. Entendimentos sobre os quais se debruçam os estudiosos da ludicidade, que são

⁹⁴ Ver: ECO, 1989, p.276-284

unânimes em dizer que a experiência lúdica constitui em um dos fundamentos da cultura e, como tal, representa modos particulares de ser, fazer, criar, expressar e interagir.⁹⁵

Sendo cultura, a experiência lúdica não acontece somente no lazer. É possível de se concretizar em qualquer atividade humana.⁹⁶ Porém o tempo de lazer como experiência cultural lúdica integra redes de significados e de interações, que tornam possível a vida em sociedade, com significados muito especiais para quem as vive, o que é exemplificado pela fala da universitária integrante do GRUPO 7:

“vivo o lazer todo dia... bom... o meu dia de lazer... ontem... fiz um estágio no Minas de judô... revi amigos... fui a um lugar que eu tenho paixão que o Minas Tênis Clube... tirei fotos... bati papo... discuti política... futebol e escola... além de estar ali obrigatoriamente para fazer estágio... mas não foi por nada pesado para mim estar lá... estava lá porque fui com prazer... fiquei até o final porque estava gostoso lá... depois corri em casa... fui almoçar... voltei... tive um treino de vôlei... joguei duas horas e foram duas horas assim de prazer... brincando... gritando... me estressando quando a gente estava jogando mal... mas estar lá para mim também foi... para mim jogar vôlei é muito mais do que lazer... depois fui assistir na casa de ((um amigo)) o segundo tempo do jogo do Atlético pela TV... uma cervejinha... muito bate-papo... briga... discussão por causa do jogo... muita piada... então foi bom demais e ver futebol para mim é lazer total... não perco a oportunidade de estar vendo... depois fui para um boteco com ((outros dois amigos))... muita risada... mais cerveja... telefonemas para amigos... batemos papo... revi muita gente legal nesse boteco também que sempre que vou nesse boteco encontro com esse pessoal... aí fui para casa e como eu passei o dia inteiro fora as duas cachorrinhas que eu tenho fizeram a maior festa para mim... foi uma correria... uma lambeção... correria... pata em minha cara... é um momento que eu também adoro muito... que eu curto muito com elas... depois tomei um banho e fui para minha cama... eu adoro quando chego em casa e tenho o carinho da minha mãe quando ela deixa a minha cama arrumadinha para eu dormir... só o fato dela tirar a colcha... arrumar um pouco meu travesseiro... eu durmo... parece que ela abençoa a minha cama para eu dormir... então eu adoro quando ela me faz esse carinho para mim... então ontem foi um dia em que eu vivi muito bem o meu lazer... e dois a um ((para o Atlético)) foi demais...” ((risos))

A narração dessa jovem mostrou-me que a experiência lúdica mantém

⁹⁵ Benjamim (1984); Alves (1986); Oliveira (1986); Callois (1990); Marcellino (1990; 1999); Kishimoto (1993; 1999); Santin (1994); Wajskop (1995).

⁹⁶ Dentre outros, podemos citar: Callois, 1990; Bakhtin, 1999.

coerência com os motivos que a mobilizam e lhe dão sentidos e significados, que revelam as intencionalidades e os modos de estruturação do vivido pelos que brincam. Como processo/produto da construção cultural realizada, culmina na alegria, sobretudo, entendida como satisfação pelo reconhecimento dos sujeitos — de si, do outro, pelo outro e de ambos —, que revelam suas curiosidades, sua cognição, suas expressões, sua comunicação, seus modos de aproximação, de trocar afetos e negociações para a superação de limites e dos conflitos que a convivência coletiva gera.

Enfim, como cultura, o lúdico implica o reconhecimento de sujeitos e experiências circunscritas como algo próprio e, ao mesmo tempo, geridas em dado contexto sociocultural e histórico com o qual mantém relações: sofre influências dele e também pode influenciá-lo. Não é, pois, uma atividade previamente pronta, repetida mecanicamente. Ao contrário, cada sujeito a (re)vive segundo seus desejos, suas vontades, curiosidades, habilidades, estratégias e táticas (re)criadas para lidar com as necessidades de cada jogo e condições concretas de sua realização.

Assim sendo, o assumir da experiência lúdica como cultura torna indispensável nosso rompimento com a visão naturalista do brincar colocada por Huizinga logo no início do primeiro capítulo de *Homo ludens*, quando o autor afirma que “os animais brincam tal como os homens”⁹⁷. Essa explicação científica do lúdico fundada na etologia, ou seja, no estudo do comportamento dos animais, foi uma das primeiras tentativas de explicação das brincadeiras com base em argumentos construídos sobre o papel biológico do jogo, como discute Gilles Brougère.⁹⁸

Nas experiências lúdicas, os sujeitos vão se diferenciando uns dos outros e diferenciando-se com os outros, desenvolvendo modos e preferências particulares de construir alegrias. Passam a ser identificados porque gostam de coisas parecidas, enfrentam problemas do mesmo tipo, festejam do mesmo jeito. Ao

⁹⁷ Huizinga, 1980:3.

⁹⁸ Brougère, 1997.

mesmo tempo, passam a conviver com diferentes “grupos”, que não agem da mesma forma, mas participam do mesmo processo de construção sociocultural.

2.1.2 Lúdico: experiência compartilhada

“o lazer é uma oportunidade... uma hora boa da gente conhecer mais os colegas...”

Para Huizinga, a satisfação do jogo está na realização da atividade. Por isso, destaca o caráter desinteressado do lúdico, enfatizando que essa experiência não se relaciona com seu contexto externo, o da vida habitual. Melhor dizendo, Huizinga nos diz que o jogo lúdico é desligado de qualquer interesse voltado à obtenção de lucros materiais.

A experiência lúdica tem, pois, um contexto interno próprio. Mas, diferentemente do que pensa Huizinga, o contexto interno do jogo, ao meu ver influencia e é influenciado pela totalidade da vida social e cultural onde acontece. Contexto amplo, que gera limites e possibilidades para a sua concretização.

Aliada à natureza desinteressada do lúdico, Huizinga enfatiza a liberdade como um dos princípios do jogo, mas não a concebe segundo o princípio de solidariedade como as discussões críticas o entendem hoje. Isso fica claro quando, ao falar sobre o lúdico na infância, diz que a liberdade não existe para as crianças, pois, no seu entender, elas brincam por força de seu instinto e necessidades físicas e seletivas. Esse entendimento de Huizinga contraria o que, hoje, especialmente nossa Constituição proclama: não só as crianças, mas todos os cidadãos têm direito à cultura em liberdade e a serem reconhecidos em suas diferenças. Argumento subjacente a muitas falas dos jovens quando, ao refletirem sobre suas experiências de lazer dizem que:

“é interessante porque a gente aprende né:: porque nós somos diferentes cada um pensa diferente nas coisas... dá para aprender muita coisa com os outros...”

“tipo assim... é bom porque ocê conhece o tipo de lazer do outro... sabe que cada um é cada um ((risos)) foi um papo legal...”

"cada um aqui tem um modo de pensar diferente... discutindo... falando o que a gente pensa... o que sente... a gente vive melhor o lazer.."

"é isso... a gente descobre que aquilo que talvez pra nós é chato pra outros pode ser uma forma de lazer..."

"e se conhece mais né:: conhece mais uns aos outros... isso é bom... a gente fica mais amigo... conhece pessoas novas vive mais o lazer..."

O tempo de lazer, como experiência compartilhada, cria ambiente favorável para o diálogo entre os participantes, para a expressão de seus sentimentos, suas dificuldades, sugestões e opiniões, no sentido de contribuir com o trato dos problemas surgidos.

"olha... eu sempre... eu faço amizade muito fácil... MUITO FÁCIL... então em todos os lugares que eu vivi eu sempre fiz amizades... você vê as diferenças de como as pessoas se divertem... de como essas pessoas agem... do jeito que elas são... é super diferente de um lugar pro outro... na cidade onde morei... então o que as pessoas fazem... eles se reúnem em casa de amigo pra gente conversar... pra fazer um esporte... pra ir pro clube..."

"eu escolhi um dia que foi um dia cheio de surpresas pra mim com pessoas que eu gosto... o meu aniversário de dez anos... eu acordei com uma buzina na porta da minha casa... era a minha madrinha... ela foi fazer uma surpresa ... passaríamos o dia juntos... apenas eu e ela... primeiro fomos ao *shopping*... ela comprou roupa pra me dar de presente... assistimos a um filme e depois almoçamos... de lá fomos pro Parque Municipal e ficamos lá por um bom tempo... depois teve teatro... saímos de lá já estava escuro... fomos para casa... paramos e compramos um bolo... lá em casa uns amigos e parentes estavam esperando pra uma festinha surpresa... depois de muita farra boa noite de sono... esse foi um dia de lazer que ficou marcado..."

A comunicação entre os parceiros se dá de formas variadas, utilizando múltiplas linguagens e códigos. Essa variação de jogos comunicativos contribui para o estabelecimento de vínculos entre os participantes e o respeito do jeito de ser e de comunicar de cada um. Como diz Huizinga, os jogos são assumidos, conscientemente, como opostos à sisudez e levados a sério pelos sujeitos que os constroem que são inteiramente absorvidos por eles.

Um dos pontos de chegada das experiências dessa natureza é a socialidade, aqui entendida, como diz Maffesoli, como a coexistência social como forma lúdica de socialização. Um compartilhar da experiência que não tem como

meta a finalidade, a utilidade. Uma praticidade que estiliza a experiência, que faz ressaltar as características essenciais do estar-junto, que no lúdico é essencial.⁹⁹

Concordando com Huizinga, a experiência compartilhada do lúdico gera a tendência de formação de grupos de parceiros por afinidades, reunidos em torno de interesses comuns, segredos e cumplicidades. Experiência que motiva a repetição do vivido, uma vez que, por ser construção do próprio grupo, é especialmente significativa para todos.

A alegria do encontro com o outro tende a promover a formação de grupos pactuados pelo afeto, pela afinidade, pelo respeito, pelo comprometimento, pela cumplicidade, o que amplia as possibilidades de (re)criar experiências e realidades. E as experiências lúdicas se enriquecem com o potencial de reflexividade, como diz Giddens. Se enriquecem mais ainda com a sensibilidade e produção cultural dos sujeitos, sua capacidade de sonhar e agir no sentido de construir a ação pretendida.

2.1.3 Lúdico: experiência da alegria pela prática da liberdade

“é a minha liberdade... isso... lazer é um momento assim... nossa:: agora não tem ninguém me comandando... nem tem relógio de ponto... nem chefe... eu é que vou e decido o que quero fazer... dá uma alegria demais...”

Os fundamentos aqui destacados mostram que a experiência lúdica é circunscrita num contexto interativo próprio, mantendo relações com o contexto sociocultural histórico mais amplo onde acontece e constitui-se na alegria pela prática da liberdade.

E é exatamente por isso que o lúdico pode, especialmente, ser representado pelas brincadeiras em roda. A roda é símbolo de parceria, proximidade, conversa, expressão e troca; de movimentos brincantes que tecem laços de afeto, compromissos, disciplina e tenacidade, transformando nossa

⁹⁹ Maffesoli, 1987.

perplexidade em possibilidades concretas. Tempo-espço que configura o encantado, o sagrado, o humano; que permite a utopia e a esperança de novas experiências; tempo-espço enriquecido pela diversidade cultural vivida e a alegria gerada pelo sonhar, fazer e conquistar.

O tempo de lazer como experiência lúdica, caracterizada pela liberdade, nasce da autonomia dos sujeitos, de seus sonhos, escolhas, tomadas de decisão, negociação e ação com o outro. Experiência cultural singular e significativa que educa para tomadas de decisões no jogo da vida social, desafiando as práticas obrigatórias e disciplinarizadoras do corpo no mundo.

Como experiência utópica, é fundada no sonho possível; experiência ética originada no grupo, resultante de circunstâncias materiais e simbólicas, interação basicamente empática alicerçada pela confiança no outro, a amizade e o afeto. Experiência ética mediada pelo diálogo estabelecido nas construções e negociações da ordem do jogo pelos seus parceiros. As regras da experiência são, assim, sujeitas às variações decididas pelo grupo.

Alicerçada na liberdade com o significado de autonomia, a experiência lúdica implica auto-reflexão e determinação, o que requer leitura crítico-criativa das condições de realização no tempo-espço vivido. Essa experiência educa para escolhas e responsabilidade na ação com compromisso nas tomadas de decisões com o outro. Nesse sentido, em toda experiência lúdica é negociado um contrato aberto sobre a natureza da intenção e a ação jogada. Isso, em consequência, instiga o desejo do sujeito de jogar e sua decisão em permanecer ou não jogando. Há um pacto entre os participantes e comunicação livre e aberta entre eles, sendo que o jogo termina quando quem joga escolhe não jogar mais. O tempo do jogo é, desse modo, fundado na noção *kairós*.

“e eu escolhi uma viagem que eu fiz de Mariana até uma fazenda... e era uma caminhada por uma estrada abandonada de trem... antes disso o lazer já começou na preparação da viagem na expectativa na organização dos materiais... essa coisa toda... é muito bom... a gente reúne para combinar tudo da viagem... organizar as coisas... era eu e mais dois amigos e tinha uma turma esperando a gente lá na fazenda...”

Como mostra a fala desse jovem, uma das características do lúdico é a

liberdade, a começar pelo fato de o jogo ser construído segundo a sua ordem particular, definido por meio de regras criadas e/ou aceitas pelos sujeitos brincantes nas tomadas de decisões sobre a organização e a realização do jogo no seu tempo e lugar próprios, utilizando materiais disponíveis à sua concretização.

Essa prática implica a capacidade das pessoas de dialogar, julgar, escolher, deliberar e agir de modos diferentes nas oportunidades possíveis, o que combina justiça, equidade, pluralidade, igualdade e amizade.

A experiência da construção de regras no jogo lúdico mostra-me que o lúdico começa quando todos desejam jogar e termina quando algum dos participantes desrespeita ou ignora as regras do jogo, desfazendo os pactos estabelecidos entre eles.

Mostra-me também que o lúdico lida com os limites como experiências de criatividade, construídas nas repetições realizadas segundo a vivacidade, a harmonia, o ritmo e a dinamicidade de cada grupo. Esses fatores tendem a gerar motivação para brincar cada vez mais, de modos diferentes e continuar brincando após o término do jogo, o que implica flexibilidade nas regras do jogo para atender aos diferentes motivos que mobilizam o lúdico.

A experiência lúdica é, pois, processo/produto de criação realizado em dadas circunstâncias, nas quais os sujeitos expressam suas qualidades, respeitam as habilidades dos outros, aprendem sobre si mesmos, sobre suas interações com o outro, aperfeiçoam suas estratégias e regras para lidar com as condições de associação, negociações de decisões e expansão de oportunidades com vista a atingir os objetivos e as aspirações dos sujeitos brincantes.

Nisso há algo muito desafiante no lúdico, pois ele não se desenvolve com base em normas preestabelecidas e articuladas às obrigações. As diferenças entre os sujeitos valorizam os modos de interagir e negociar pactos. Os diálogos permanentes, que permitem construir e atualizar as regras do jogo entre parceiros, legitimam a base ética a ser respeitada por todos que “topam” brincar juntos, em liberdade.

O lúdico é experiência construída segundo a ordem particular de cada jogo. Exercício de poder que transforma sentidos e significados de tempo, espaço e ações, submetendo-o à ordem estabelecida pela experiência do brincar com o outro. Se os limites, coletivamente estabelecidos, forem transgredidos abusivamente, passa a representar uma violência pela mudança dos seus fins, segundo outras intenções explícitas ou ocultas. Assim, deixa de ser liberdade.

Noutra perspectiva, quando, na experiência lúdica, os sujeitos vivem possibilidades de expansão e redefinição de limites de tempo e de lugar, (re)descobrem estratégias individuais em resposta aos novos desafios. Argumento que pode representar uma explicação da pluralidade de identidades, da sensibilidade dos sujeitos em relação aos acontecimentos e, sobretudo, aos diferentes modos utilizados para articulação nessas ações. O que influi são mudanças de sistemas de sentido (culturas), abrindo espaço para a substituição de construtos simbólicos pelo conteúdo material e sensível das experiências, as quais invadidas pelo aspecto simbólico, ampliam possibilidades do protagonismo das pessoas, fazendo parte do processo de libertação individual.¹⁰⁰ Experiências estéticas construídas sobre base ética cidadã, alicerçada na sensibilidade coletiva: no sentir, experimentar e fluir na experiência de liberdade construída com o outro.

Como já dito, a categoria liberdade aqui é assumida, portanto, de modo diferente como entende Huizinga. O autor destaca a liberdade como uma das características do jogo lúdico, revelando-nos a sua compreensão desse conceito a partir de análises de situações, como ao falar sobre o comportamento das crianças no jogo. Para ele, a liberdade não existe para as crianças, pois, segundo seu modo de entender, elas brincam por força de seu instinto, suas necessidades físicas e seletivas. Com isso, o autor não reconhece as crianças como cidadãs e, por isso, com o direito a ser respeitadas pelas suas necessidades não somente biológicas, mas também culturais, sociais, espirituais, políticas e outras demandadas pela totalidade corpo.

No entanto, a liberdade nem sempre é conquistada.

¹⁰⁰ Tedesco, 2002.

“aqui nessa brincadeira com ocê eu não escolhi o dia ((de lazer)) porque não lembro... aí eu fiz do jeito que ocê falou... eu falei de um dia que eu gostaria de ter...”

Essa fala de um jovem de 24 anos morador da Vila, participante do GRUPO 6, revela as condições de vida e de liberdade desse jovem, que iniciou sua participação no “Grupo Focal” de modo muito significativo. No primeiro momento do encontro, na sua apresentação ao grupo, ele foi o primeiro a falar:

“tenho dezoito anos... não estou estudando... não trabalho... moro na Vila ((nome da Vila)) ah:: eu gosto muito de sair... jogar uma bola e ficá lá na madrugada trocando idéia... conversando com os amigos... isso aí?”

No entanto, no segundo momento da realização do Grupo Focal, esse jovem me disse que não podia realizar a atividade mobilizadora do debate porque ele não se lembrava de nem um dia de lazer em sua vida — o único entre os 60 participantes do estudo que fez esse tipo de depoimento. Imediatamente, todo o grupo começou a conversar com ele e desse diálogo nasceu uma sugestão: narrar um dia que gostaria de viver tendo lazer.

A abertura para a fruição do sonho mudou totalmente a postura desse jovem no grupo, que, a partir desse momento, se colocou à vontade e participou de todo o debate. O que chamou mais ainda a minha atenção foi que ele narrou experiências que considerava lazer, porém todas vividas fora da Vila onde mora, repetindo nos seus discursos o que, implicitamente, mais denunciava: a situação de desemprego, falta de infra-estrutura para o lazer na cidade, falta de ar puro e a convivência com riscos e violência não abre espaço para o lazer. Por isso, ele disse:

“eu falei de um dia que eu gostaria de ter... ah:: eu gostaria de conhecer uns lugares diferentes que eu não conheço ainda... queria também que lá perto de casa tivesse um clube com piscina... uma quadra... é isso aí mesmo...”

O reconhecimento das crianças, adolescentes e jovens como cidadãos de direito enfatizando as experiências lúdicas como possibilidades de conscientização sobre o que é vivido e possível de ser mediado por eles.

Experiências que precisam tratar também dos problemas nelas imbricados. Demanda que ficou muito evidenciada no estudo, especialmente quando, ao mesmo tempo em que os jovens relacionavam o tempo de lazer ao lúdico se relacionavam também a diversos problemas nele vividos.

“a gente nem sabe direito sobre lazer... pra todo mundo acho que o lazer fica assim meio limitado... quando a gente tem pouco o que fazer é falta de informação... na escola e nem na televisão... aparece um monte de coisas mas ninguém discute o lazer...”

“precisamos ter mais políticas direcionadas ao lazer... e tempo pra curtir...”

Os jovens participantes da pesquisa, em geral, revelaram-se surpresos com a discussão estabelecida sobre o lazer, pois poucos haviam falado sobre ele antes. Ao considerar o lazer como parte essencial do tempo vivido, recordavam como o lazer é carregado de preconceito em nossa sociedade. Trato declarado por eles como subalterno e que gera muitas descrenças nas políticas de lazer.

“é... tudo isso que nós estamos falando é importante... mas ocê me diga fico sabendo agora que **tem leis que falam que a gente pode ter lazer (frase interrogativa) mas a gente nunca sabe nada sobre o lazer...**”

“eu acho que é assim... **as propostas dos candidatos eram todas maravilhosas né?** lazer é muito importante... aquela coisa... eram propostas muito boas... eu lembro de candidato falando de socialização do espaço e tal... eu achei interessante pra gente ter conhecimento de que isso tinha importância na política mas nos planos né? **não sei infelizmente se o que foi falado chegou a ser verdade em termos de proposta... não sei se hoje tá dando pra ser cumpridas as promessas né?** quer queira ou não eu acho que um dos problemas da política é que as atenções voltam sempre para as questões que são consideradas fundamentais né? **questões econômicas... desemprego e tal e que com certeza são muito importantes lógico... mas há outras coisas que também precisam ser consideradas se eles querem o bem estar da população** e que são tão importantes quanto a de um bom salário... e que às vezes passam despercebidas... essa foi a impressão que eu tive...” (Um jovem do GRUPO 3)

“eu já acho que... assim... nessa área da política tem tanto problema tão sério assim... que eles acabam deixando umas promessas dessa de lazer para últimos termos sabe? porque hoje **tá difícil até pra você sair na rua sozinha...** mas eu achei muito interessante as propostas dos candidatos... eu acho assim... que se desse para eles cumprirem seria muito bom porque prometeram muitas coisas e tal... até nos espaços eles prometem... aqui em Belo Horizonte **já vi político prometer fazer reforma no Mineirinho...** não sei o quê... eu achei muito interessante aumentar o espaço...”

priorizar essas questões assim... importantes pra muita gente né (frase interrogativa)”
(Uma jovem do GRUPO 3)

“entendi... então aí vai ter que ser cada um... vamos dizer cada um por si... então **não vai ter como vamos montar no governo uma equipe que tome conta do lazer** (frase interrogativa) não vai ter como... porque uma equipe de... **vamos dizer... cinco vereadores não vai ter como promover lazer pra dez milhões de pessoas... porque vai ser cada um por si... é isso** (frase interrogativa)” (Um jovem do GRUPO 3)

Dos vários lugares sociais que ocupam na sociedade, vivendo experiências diferentes, os jovens reafirmaram o mesmo discurso quando assumem o tempo de lazer como oportunidade de manifestação de desejos, de expressão de demandas e, principalmente, de direito de todos à felicidade.

As idéias desses jovens coincidem com as de André Quintão, quando diz que,

em última instância, as pessoas querem felicidade, querem ter dignidade, querem viver bem. O lazer, portanto, projeta esse tipo de sociedade. Há uma diferença importante a ser feita no âmbito dos valores, porque esta é uma discussão atual. Nós projetamos, sonhamos e construímos uma sociedade onde o valor fundamental é o ser humano, ou seja, a dignidade da vida humana e não o valor unicamente do lucro, da propriedade privada. Aí, dependendo desse enfoque, nós atribuímos olhares bastante diferenciados sobre o público e o privado, na questão do lazer.¹⁰¹

Desejo que, num primeiro aspecto levantado, é limitado pela própria questão do tempo. A “luta” do sujeito pelo seu tempo existencial é, na maioria das vezes, “luta” enfrentada contra o tempo de produção e do capital e quem vence domina a vida do outro.

Nesse sentido, depois da posse do próprio tempo, os jovens enfatizaram as dificuldades que enfrentam para ter acesso às experiências culturais múltiplas de que nossa cidade dispõe. E, nesse sentido, são muitos os dilemas a enfrentar:

“mas o caso... assim é que agora... **todo mundo está precisando de dinheiro...** às vezes as pessoas acabam esquecendo de fazer o que gostam para fazer o que dá dinheiro... tipo assim... às vezes a gente pensa no que fazer... aí todo mundo parece que pensa primeiro no que dá dinheiro pra depois se divertir...” (Uma jovem do GRUPO 4)

¹⁰¹ Quintão, 2002: 165-166.

“pra ter lazer tem que **acabá com a fome... o desemprego... a falta de moradia...** tem várias pessoas que hoje assim... quem tem filho... filho pequeno tá debaixo do viaduto... debaixo de ponte...” (Um jovem do GRUPO 5)

“ah:: precisamos ter mais políticas direcionadas ao lazer... **ter mais acesso aos esportes...** essas coisas... mais diálogo da escola com a comunidade pro final de semana a gente poder praticar esporte na escola... essas coisas também... **o que influi no lazer é a violência** né (frase interrogativa) então faria política mais avançadas contra a violência... porque tem violência no lazer também...” (Um jovem do GRUPO 4)

“**eu diminuiria a passagem do ônibus...** tá muito cara... como é que a gente pode ir pros lugares pra curtir o lazer (frase interrogativa) os azul tão R\$1,30... os vermelhos R\$1,80... como vai divertir num lugar desse... só a pé... só a pé (frase interrogativa)” (Um jovem do GRUPO 6)

“o que me marcou mais nessa discussão nossa foi na hora que a gente começou a imaginar a cidade que a gente gostaria de ter pra ter lazer e o pessoal falou coisas muito concretas... não teve ninguém falando de um sonho... tipo assim... aí... **eu queria ter um parque onde a gente pudesse andar naqueles carros bate-bate a R\$0,50 ou queria ter vários campos para a gente jogar bola a baixo preço R\$0,10...** então assim essas coisas... sonhar com o lazer assim para a cidade é sonhar com uma vida melhor...” (Uma jovem do GRUPO 4)

“como a gente não pode escolher... **a gente sempre acha que não tem opção nenhuma na cidade...**” (Um jovem do GRUPO 1)

“é... eu acho que **falta um pouco de espaço público pro lazer em nossa cidade** e nós assim que estudamos **num Colégio como o nosso temos uma certa condição de ter um espaço bom de lazer aqui ou ir para a praia quando temos um tempo...** agora... na nossa cidade onde ficam os espaços públicos (frase interrogativa) são o Parque Municipal... uma coisa assim... então eu acho que falta um pouco de espaços público pra todo mundo em Belo Horizonte... numa cidade de praia a praia é aberta... a praia é pública... é pra todo mundo... então eu acho que favorece convivência... porque igual ela falou... é importante conviver com pessoas... com certeza uma cidade com praia favorece uma série de coisas... essa convivência... esse acesso de todos... então eu acho que o espaço público é importante no lazer e a praia cai bem...” (Uma jovem do GRUPO 3)

“ah a gente **precisa de mais praças... mais quadras pra ter mais esporte** pra incentivar os jovens... todos que quiserem fazer esporte aprender esporte...” (Uma jovem do GRUPO 5)

“**ter competência também pra manter o que que cê tem** né (frase interrogativa) se ocê tem um campo de futebol e não ter competência pra cuidar dele... não ter ele

ali... você vai ter durante uma semana... daqui a duas semanas ele vai estar estragado... e aí como fica seu lazer (frase interrogativa)” (Uma jovem do GRUPO 5)

“lazer é uma coisa tão assim que não faz parte assim do cotidiano de todo mundo... **a gente nem sabe direito sobre lazer...** pra todo mundo acho que fica assim meio limitado o lazer... eu acho... porque olha só... **nem todo mundo pode viajar... nem todo mundo tem condições de ir para um lugar legal... fazer uma coisa legal sabe...** tem gente que não pode fazer isso... às vezes tem gente que não tem condições de jogar uma bola porque não tem bola e não sabe nem jogar... mas as pessoas acabam por conseguir alguma maneira de lazer... entendeu? só que pra muitas o lazer é muito limitado...” (Uma jovem do GRUPO 2)

“eu acho que a gente começa saber um pouco mais das opções de lazer quando a gente está conversando mais... perguntando mais... comunicando e ficando mais atento aos cartazes espalhados pela cidade... a gente... principalmente quando estamos no colégio... **fica naquela rotina de estudar de manhã dormir à tarde e depois vai pro clube você não conhece nenhuma opção de lazer realmente...** o clube não informa nada... mas quando a gente vai a outros lugares na cidade a gente conhece mais opções... na universidade é diferente do colégio a gente fica sabendo do que acontece na cidade porque todo mundo lá gosta de sair bastante... **quando a gente tem pouco o que fazer é falta de informação...**” (Um jovem do GRUPO 1)

“é uma coisa ainda que não tá muito bem estabelecida nas escolas... esse novo mundo... essa revolução da globalização na era da informação que a gente vive hoje... as escolas ainda não se adaptaram completamente a esse novo ambiente... **falta ainda educar a criança para ser múltipla... a fazer múltiplas atividades...** esse tipo de coisa sabe... não necessariamente você ficar sentado em uma carteira assistindo aula e tentando absorver sem interatividade e criatividade... tem que ter mais criatividade nas escolas... atividades que despertem a capacidade de realizar tarefas... de buscar informação rapidamente... esse tipo de coisa... tá melhorando né? nas melhores escolas isso já está sendo feito mais ainda falta ter uma filosofia pra isso... todo um planejamento pra isso é o que falta... eu acho...” (Um jovem do GRUPO 2)

Em síntese, em muitas falas os jovens participantes da pesquisa, de todos os grupos participantes, assumem o lazer como uma das condições de busca da dignidade humana e, como tal, implica a superação de limites sociais de modo que possam ter condições concretas de exercício da liberdade e de acesso aos lugares e práticas culturais disponíveis no tempo de lazer. Ressalta-se, assim, a importância da liberdade para a universalização do direito à vivência concreta do tempo de lazer.

Subjacente às suas denúncias de limites, os jovens falam, assim, da necessidade de políticas sociais articuladas ao lazer — planejamento urbano, transporte, construção e manutenção de espaços, oferta de serviços, política educativa para o lazer, de segurança e informação —, destacando com isso condições precárias para que o direito social ao lazer seja garantido. Argumenta que desafia todos os setores da sociedade a participar juntos no provimento de condições básicas para a conquista desse direito.

Os jovens, assim, confirmam Marcellino quando diz que,

falar numa política de lazer significa falar não só de uma política de atividades, que na maioria das vezes acabam por se constituir em eventos isolados, e não em política de animação como processo; significa falar em redução de jornada de trabalho — sem redução de salários —, e, portanto, numa política de reorganização do tempo, numa política de transporte urbano etc.; significa, também, falar numa política de reorganização do solo urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno; e, finalmente, numa política de formação de quadros, profissionais e voluntários, para trabalharem de forma eficiente e atualizada. Resumindo: o lazer tem sua especificidade, inclusive como política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais.¹⁰²

Segundo as falas dos jovens participantes da pesquisa, a discussão do lazer no contexto das políticas sociais, refere, sobretudo, a sujeitos em condições diferenciadas de vida, umas bastantes precárias. Ao mesmo tempo, alguns desses jovens buscaram olhar essa situação para além de denúncias. Seus anúncios foram construídos a partir de experiências vividas no presente, reveladoras de possibilidades concretas de sujeitos em busca de consciência cidadã — maior desafio posto para as experiências de tempo de lazer nas condições sociais que vivem hoje.

Nesse sentido, a pesquisa aponta para um dos resultados da pesquisa de Patricia Zingoni sobre políticas socioeducativas de lazer para crianças e adolescentes em Belo Horizonte. A respeito, diz a autora:

é interessante observar que, segundo os estudos realizados no campo do lazer, a questão do lazer como direito social é

¹⁰² Marcellino, 2003:12.

habitualmente relacionada à questão do trabalho [...] No entanto, o cotidiano estudado, ao meu ver, deu outro enfoque a esta discussão e destacou a questão do lazer como direito social relacionado a cultura, sobretudo como condição para expressão da livre criação, livre fruição, participação e acesso aos bens culturais, livre difusão, o direito à identidade cultural e à subjetividade ¹⁰³.

Nesse sentido, lazer se insere, pois, em ação cultural possível de ser livre. Que se situa nos limites de variabilidade estrutural do sistema de relações sociais onde ocorre, requerendo recriação de interações nascidas não somente pelo (re)criar regras sociais, como a construção de ambientes como campo de ação cultural no qual se situa o sujeito, como fala Melucci, das experiências participativas. ¹⁰⁴

O conjunto dessa reflexão ressalta a humanização como ponto de partida e também de chegada do lazer como experiência de liberdade. Foca o constituir-se sujeito nas interações com outros sujeitos em condições concretas de vivência social do tempo de lazer.

¹⁰³ Zingoni, 2001:152.

¹⁰⁴ Melucci, 2001.

2.2 TEMPO DE LAZER COMO PERTENCIMENTO

Essa dimensão de leitura de sentidos do tempo de lazer focaliza os contextos imediatos dessa experiência vividos por sujeitos que buscam pertencimentos do seu lugar no mundo. Pertencimentos esses que se tornam laços. Tempo espacializado que traduz a agregação nele constituída como um dado básico da socialidade construída pela experiência lúdica. Experiência identificada pelos meios de mobilidade e comunicação dos corpos; pelos modos como os sujeitos lidam com as fronteiras que limitam seus movimentos no tempo-espaço; pelas situações de co-presença dos sujeitos em comunhão com os lugares onde foram construídas suas experiências de lazer, como discutido a seguir.

2.2.1 “o dia que eu achei mais engraçado foi quando combinei com meus amigos tipo assim... pra gente dá um rolé de bicicleta”

“a gente tava rindo... zuando tanto que a gente nem percebeu que a gente já tava longe...”

As duas situações a partir daqui analisadas, são exemplos que representam o tempo de lazer como pertencimento pela aventura, construído por meio de um processo do qual não se conhece o fim e cujo transcurso está sempre submetido ao acaso e ao perigo, como mostram as narrativas analisadas neste item de texto.

Uma é de um jovem morador na Vila (GRUPO 6) — que vê na rua o lugar possível do jogo lúdico vivido com seus amigos — e a outra foi narrada por uma jovem moradora de um bairro (GRUPO 3). Em ambas, o jogo é diversão repleta de situações de vertigem, acaso e humor¹⁰⁵, identificadas pelos jogos dos corpos realizando proezas em passeios pela cidade.

¹⁰⁵ Callois, 1990.

A primeira narração, descrita por um jovem do GRUPO 6, conta, de forma linear, uma história de como o narrador chegou e saiu da Pampulha, percurso durante o qual acontecem várias situações de risco numa das avenidas mais movimentadas da cidade. Essa narração remeteu-me a Giddens¹⁰⁶, quando fala sobre segurança ontológica, isto é, como as pessoas aprendem a confiar nas coisas. Vejamos.

“deixa eu falar... deixa eu fazer uma colocação aqui... o **dia que eu achei mais engraçado** foi o dia que eu **combinei com meus amigos** tipo assim... **pra gente dá um rolé de bicicleta** sabe? aí fomos... **foi eu e mais três pessoas**... aí tipo assim... nós fomos **dar um rolé de bicicleta só que o outro tava de patins**... aí nós **íamos lá pra Pampulha** ((pela Avenida Antônio Carlos, uma das principais da cidade))... aí de repente nós estávamos indo aí quando estávamos quase chegando lá na Pampulha aí chegamos lá... tipo assim... **não é tão longe assim mas da Lagoinha lá é um bom caminho**... aí nós chegamos lá... **aliás antes de chegar quer dizer aí pegô**... o meu colega **tava bem na frente andando de bicicleta**... tipo assim... **na frente assim**... tipo assim... **bem um pouquinho antes da gente**... **mais distante**... aí de repente ele **tava desaparecido e pegou bateu no passeio**... bateu o saco né? ((risadas)) bateu o saco no negócio da bicicleta lá e ficou lá sentindo a maior dor lá... **aí de repente o outro de lá perto de casa viu**... começou a rir... **a hora que foi ri ele desequilibrou**... **caiu**... o **ônibus quase passou encima dele**... não... eu não achei engraçado que o **ônibus ia passar por cima dele não**... ((risos)) **achei engraçado que ele olhou**... viu o colega dele sentindo dor e **começou a racha os bico** aí **pegô ficou desaparecido também cabô caindo no passeio**... **caiu assim do lado do passeio**... o **ônibus vum:: passou pertinho do passeio**... aí olhei assim... eu nó:: **meu coração quase saiu pela boca**... aí eu comecei a racha os bico e aí nós **pegô prosseguimos**... aí nós fomos... aí **na hora que chegô na beira da Pampulha**... na Lagoa lá... **de repente o pneu do menino vai lá e fura**... aí nós não estávamos prevenidos com algo pra colar o pneu... essas coisas sabe? aí foi lá de repente o pneu dele furou aí o outro olhou aí nó:: ((amigo)) seu pneu tá furado... eu ca... ca... ca... ca... ca... **eu comecei a racha os bico** e aí nó:: **e agora? voltar a pé** e a minha ((bicicleta)) estava tipo assim em boas condições né? aí ele foi lá ele pegou olhou assim... nossa e agora... logo agora que chegou aqui que furou o pneu... aí foi lá nos descemos uma rua lá que eu não conheço... aliás eu conheço essas parte lá também que eu dô rolé de vez em quando... **aí pegô nós descemos e o menino que**... tipo assim... **era mais sabido tipo assim;** **conhecia mais ou menos lá embaixo**... aí **tinha um posto mais embaixo da rua**... aí na hora que colocou o negócio lá no posto que **foi encher o pneu** pra ver se tava furado ou não... **pegô encheu**... aí nós estávamos indo embora **a gente não passou do posto**... a hora que o menino montô na bicicleta **começou a pedalar o pneu fúuuu:: esvaziou de novo**... **AÍ FOI O MOMENTO DE NÓS RI MESMO**... aí nós falou assim - enche o

¹⁰⁶ Giddens, 1993.

pneu rapidão ai você mete... vamos supô você senta na bicicleta começa a pedalar pra gente ir rapidão pro pneu... pra dar tempo pelo menos pra chegar perto de um certo lugar... mais não adiantou não... esvaziava rapidão... **ai pegô nós tínhamos que fazer uma gambiarra lá... o outro levou a bicicleta lá dele... o que tava ainda de patins levou ela... ah:: foi andando de patins levando ela sabe e o outro foi de carona com a gente...** depois chegou na rua de descida ele pegou a bicicleta e desceu com ela com o pneu furado mesmo... e outro só... voltando atrás... porque eu esqueci... e o **outro também que tava rindo que quando o outro bateu o saco no negócio... foi ri caiu lá... ai chegou lá no negócio também... a bicicleta dele tava sem freio... ele tava metendo o pé no chão pra frear... ai na hora que chegou lá ele pegou o sapato errado... que tava furado... que tava com um buracão debaixo do sapato... ele pegou o sapato errado... ai em vez dele pegar o sapato que tava com buraco ele pegou e jogou o que tava com em bom estado... jogou lá na lagoa... de repente ele nossa e agora comé que eu vou frear o sapato tá com buraco aqui debaixo... **nossa joguei o sapato errado... joguei lá no meio da pampulha... ai é que eu rachei os bico ((risos))**”**

A riqueza de detalhes e a expressão de alegria da narração deste episódio mostraram-me como situações comuns, ocorridas de forma e em tempos imprevisíveis na vida cotidiana se transformam em momentos lúdicos, especialmente quando é vivido o inusitado nas ruas, correndo riscos de vários modos em busca de espaços possíveis de liberdade e alegria. Narrativa que destaca que, para esses jovens, o tempo de lazer é momento de brincar com situações onde o risco está presente. Situações baseadas na relação interindividual e também numa relação cujos sentidos e significados são construídos a partir do pertencimento das ruas da cidade, divertindo-se com o movimento urbano diário: seus transeuntes, automóveis, etc.

Experiência de tempo espacializado a partir do qual a história do lugar se torna história de pessoas, como diz Maffesoli ¹⁰⁷ ou estar no mundo, como analisa Simmel ¹⁰⁸. Na experiência lúdica o lugar considerado não é somente o físico, mas também o construído na relação temporal localizada que dá sentidos e significado à ele.

¹⁰⁷ Maffesoli, 1998.

¹⁰⁸ Simmel, 1990.

O tempo de lazer espacializado se modela de diversas maneiras. Nas ruas da cidade é uma delas, revelando a expressão plural da vida social e, por isso mesmo, de várias desigualdades.

Nesse sentido, a primeira narrativa dá voz a sujeitos que vêm na rua suas possibilidades de viver desafios.

Já na segunda narrativa, colocada a seguir, de uma jovem moradora de um dos bairros da Regional Centro-Sul (GRUPO), a rua é também um desafio, mas principalmente considerando as condições da jovem depoente como mulher e adolescente de classe média alta, convivendo com experiências medidas pelo controle da família. Controle que gera outros desafios para essa jovem, como mostram seus comentários ao dizer que

“teve muita festa que a minha mãe não deixou ir por causa disso... aí vai ter **marginal**... ah cuidado tem um moleque do seu lado sabe... a gente não pode sair a noite... a noite que é mais legal... a noite... igual todo mundo fala é uma criança né... cê começa... faz muita coisa a noite... a noite que é divertida... **muitas vezes você não pode sair por causa disso porque tem marginal na rua a noite... você pode ser assaltada... você pode ser isso... pode ser aquilo... e também tem vários fatores que influem... por exemplo... você não pode comprar uma coisa que vai chamar muita atenção que ladrão vai querer roubar... então você não ter aquilo entendeu** (frase interrogativa) **que adianta você gastar aquele tanto com uma coisa que poder ser roubada... então... muitas vezes tem esses poréns aí...tem criminalidade... essas coisas...**”

Um episódio vivido por essa jovem foi encenado em locais diversos, em ruas dentro e fora do bairro e Região onde mora e que foi narrado da seguinte forma:

“olhe só... toda sexta-feira **todo mundo** [[perspectiva de infinito]] **vai pra Savassi... nesse dia acontecia o Axé Brasil... um evento que acontece todo ano no Independência ((Campo de Futebol))... é um monte de jovens e tal... um monte de artistas de Axé e tal... é tipo um *pop rock* e tal... vai um tanto DE GENTE e tal... é muito legal... e são dois dias... sexta e sábado... e sexta feira tinha um monte DE GENTE indo pro Axé... e [[muda de assunto]] **eu e minhas amigas resolvemos ir pra Savassi porque estava lotado DE GENTE... e aí A GENTE tava almoçando e tal e de repente começou uma guerrinha de comida do nosso lado... lá no *McDonald*... aí A GENTE tava almoçando e começou... de repente uma guerra de batata frita... uma veio parar no sutiã de uma amiga nossa! A GENTE começou muito a rir e tinha uma****

bola de sorvete na cadeira da outra sabe? então A GENTE começou a rir muito e tal... aí A GENTE saiu de lá... aí A GENTE foi na Feira *Shopping* PRA GENTE fazer umas comprinhas básicas né:: aí as nossas amigas viram um menino muito bonito e tal... aí A GENTE começou seguir o menino... aí quando A GENTE viu A GENTE tava perdida no meio do nada... A GENTE não sabia aonde A GENTE tava... A GENTE seguiu esse menino tanto tempo... A GENTE tava rindo... zuando tanto que A GENTE nem percebeu que A GENTE já tava longe... aí foi sorte que uma amiga nossa sabia aonde era o ponto pra casa dela... A GENTE pegou o ônibus e fomos lá pro Barroca ((Clube em outro bairro e Região da cidade)) aí o ônibus parava na porta do clube mesmo... e do lado desse clube tem o estúdio do Tio Anastácia ((conjunto musical de sucesso entre jovens e que, nesta pesquisa, foi citado por sujeitos de diferentes camadas sociais)) A GENTE já tinha conhecido um integrante do grupo e tal... aí A GENTE foi lá... tava batendo o maior papo assim com eles e tal e nisso A GENTE percebeu que já estava tarde... A GENTE ficou subindo e descendo altos morros até encontrar um ponto que levasse A GENTE de volta pra Savassi... aí nós conseguimos... aí A GENTE tava subindo a Savassi de novo pra ir pra porta do Colégio e tinha umas amigas nossas que estavam indo pro Axé... aí elas estavam sendo assaltadas e A GENTE conseguiu salvar as meninas... eu cheguei e puxei uma amiga minha e a outra percebeu que o cara tava roubando ela assim e A GENTE saiu correndo... A GENTE conseguiu salvar todas as meninas... eram umas cinco meninas assim e A GENTE conseguiu salvá-las... aí depois A GENTE foi subindo pro Colégio... nossa! mortas de cansadas... A GENTE tava muito cansada mesmo... aí A GENTE parou na porta do Colégio... aí uma olhou uma pra cara da outra e começou a rir... ninguém conseguia parar de rir... foi aí que A GENTE percebeu assim que não foi um dia exaustivo assim e tal... foi um dia muito legal... A GENTE adorou...”

Esse relato, realizado sem orientação lógica, coloca em evidência o inesperado e múltiplas formas de riscos vividos pela jovem para tentar superar limites que a desafiam e motivam para o jogo do pertencimento da cidade no tempo de lazer. Seu discurso simbolizado, sobretudo, pela expressão A GENTE, demasiadamente usada na narração do evento, reafirma o grupo mobilizado pela aventura e motivado pelas reconstruções de rotas e ações ao longo do episódio narrado. Nesse operam-se mudanças de ritmos orientadas pelas informações de que os jovens foram descobrindo na trajetória da aventura vivida.

Episódio imprevisível com muitos pontos de referência, a começar pela menção no evento Axé citado apenas no início e fim da história, situando o contexto simbólico de festa referente ao tempo de lazer a ser narrado, festa definida pelo calendário artístico da cidade.

O depoimento enfatiza a diversão na vivência de riscos cotidianos, segundo referências de classe. Riscos vividos no ir e vir pelo “proibido”, gerando situações de aventura e medo, cujos relatos misturam simulacros e realidade, mas, ao mesmo tempo, denunciam problemas sociais vividos na cidade.

Essa narrativa, de uma jovem de 14 anos, remeteu-me, ainda, à reflexões de Caillois sobre o jogo lúdico nas experiências vividas como “ritos de passagem”. Segundo esse autor, esse consiste, antes de tudo, na familiarização com a natureza humana das “máscaras” da vida cotidiana, sendo construídas por meio de jogos de simulacros que constituem horizonte teatral, imaginário, de representação da existência, exercício e conhecimento de limites e superação de desafios.¹⁰⁹ Circuito de relações, acontecimentos que possibilitam a luta por alguma coisa pelo acaso, ou seja, enquanto se procurava outra. Experiência determinada por seu território, seu grupo ou sua “tribo”, aberta às mudanças de sentido, propiciadas pelas experiências lúdicas.

2.2.2 “na laje soltamos papagaio... fazemos churrasquinho... é fresquinho... bom pra tomar uma cervejinha... deita lá no chão oiando as estrelas... ah:: é a coisa mais linda...”

A experiência de tempo de lazer como pertencimento se expressou também por meio de jogos afetivos constituídos nas relações dos sujeitos com lugares no tempo de lazer.

Aí, no espaço onde se exprimem tantas alegrias e desapontamentos e onde têm tantas conversas, constitui-se pouco a pouco a sólida trama social (...) nesses espaços é que melhor se vive a relação de alteridade em toda sua alegria e todo seu trágico.¹¹⁰

¹⁰⁹ Maffesoli, 1998.

¹¹⁰ Maffesoli, 2001: 92.

Essa premissa destacou-se na pesquisa a partir da análise do seguinte diálogo do GRUPO 6:

Pesquisadora:

“mas você falou que o lazer para você é soltar papagaio... **aonde você solta papagaio** (frase interrogativa)”

O 2º jovem:

“na porta da minha rua... **encima da minha laje...**”

Pesquisadora:

“laje é lugar de lazer” (frase interrogativa)

O 2º jovem:

“claro que é... **tem escada** né? terceiro andar né? na minha não né? de todos né?”

O 1º jovem:

“**minha mãe quando eu era mais novo** ela passava mal comigo... ficava correndo **encima do teiado atrás de linha... papagaio...** o que passava eu saía correndo atrás pra pega...”

O 2º jovem:

“que nem eu tô falando... tipo assim... **a laje não é só minha não...** tipo assim... é de todos... é que são seis famílias só que porém... uns... não usam porque não que...”

Pesquisadora:

“o que acontece nessa laje” (frase interrogativa)

O 2º jovem:

“soltar papagaio ué? **hoje** mesmo eu tava pintando meu quadro de bicicleta lá em cima...”

A jovem:

“**um dia** eu fui brincar com meu irmão lá na laje e aí quase que ele caiu lá embaixo... aí eu passei um aperto no coração... eu segurei meu irmão pela blusa aí eu falei meu Deus salvei meu irmão... aí peguei meu irmão ele ia cair lá embaixo... **e meu tio... uma vez teve a maior festa na minha casa... aí ele cochilou... ele ficou na beradinha** né? aí ele cochilou lá... **ele dormiu... ele foi dormir e caiu lá embaixo... era aniversário da minha mãe** aí ficamos lá porque tinha mais espaço né? aí ele foi ficou na beradinha aí ele caiu... aí ele foi no médico não deu nada... ainda bem que não deu nada... **na laje a gente toma banho de sol né? lava roupa... coloca as fofocas em dia...**”

O 2º jovem:

“fazemos um churrasquinho também encima da laje... fresquinho... tomar uma cervejinha...”

A jovem:

“a gente fica lá encima oiando pro céu... deita lá no chão oiando as estrelas... ah:: é a coisa mais linda... tomando um arzinho né... é bom... engraçado né? a minha irmã também sobe na laje... também eu subo mas eu morro de vergonha... ela sobe de biquini... às vezes subo de short... aí às vezes eu fico lá na laje... coloca o biquini e fica lá tomando sol... fica queimadinha... é bom... a gente não pode ir pra praia... não pode ir pro clube... toma sol em casa mesmo...”

O 2º jovem:

“a laje serve também pra cuspi nos outros... cuspi e escondê né?” ((risos))

Esse diálogo sinalizou para a constituição lúdica de tempos espacializados onde as casas são reapropriadas pelos jovens por meio das “lajes”. Revela traços socioculturais de certos grupos sociais, especialmente dos moradores de favelas.

Consideradas lugares privilegiados para vivências nos tempos de lazer, as “lajes” são colocadas em destaque por simbolizar espaço privilegiado para partilha de afetos no tempo de lazer.

Seu pertencimento com esse sentido se inicia nas suas construções, que representam ocasiões para festejar o hábito particular da prática da solidariedade e socialidade pelos mutirões organizados para “bater laje” na casa dos amigos nos dias de folga das pessoas. Momentos que se transformam em festas regadas com bebida e comida gostosa.

Essa reflexão fundamenta-se em Maffesoli, que nos lembra que para apreender o sentimento e a experiência partilhados, que encontramos em numerosas situações e atitudes sociais, é conveniente considerar a abordagem estética, entendida como a faculdade comum de sentir e de experimentar o vivido.¹¹¹

¹¹¹ Maffesoli, 1987:10.

A concepção de pertencimento no tempo de lazer pela espacialização do tempo lúdico muda o significado que, nos últimos anos, vínhamos atribuindo aos “locais de lazer”. As discussões no campo do lazer, em geral, identificam a discussão espacial em termos de suas propriedades físicas e características definidas pelas circunstâncias materiais disponíveis, ou pela combinação destas com artefatos humanos, como no caso da caracterização dos espaços e equipamentos de lazer como específicos ou adaptados para esse fim.

Ao contrário disso, a reflexão requerida pelas falas dos jovens, aqui analisadas, instiga-nos a compreender lugar e equipamentos pelos significados de pertencimento atribuídos pelas pessoas e cultura vivida nas experiências do tempo de lazer.

Nesse sentido, os lugares passam a ser entendidos como cenários de interações, abertos para usos diversificados segundo a contextualidade das experiências humanas no tempo-espaço.

2.2.3 “eu amo praia (...) eu me sinto bem com coisa de natureza...”

“eu gosto muito de acampar e fazer caminhada... me sinto livre mesmo (...) nós com as mochilas nas costas fomos caminhando seguindo a trilha...”

Sentidos de tempo de lazer se revelaram também pelos rituais de evasão vividos no tempo social, atribuindo significados de pertencimento a relações de comunhão entre sujeitos desejantes de viver o presente e, destes com diferentes territórios, como nos contam os relatos a seguir.

“viagem para **cidade praiana é muito melhor**... gente... praia pra mim é ótimo... meus pais não gostam muito... por isso que a gente não frequenta muito praia... mas **eu amo praia...** eu me sinto bem com a coisa de natureza... então **eu tenho muitas amigas** assim que moram no meu prédio... e lá assim quando a gente chega uma liga

pra outra... a gente combina de sair... faz altas coisas... só que nas férias tava tendo uns jogos de vôlei... que só vai aquelas pessoas mais boas sabe? aí a gente resolveu se inscrever... eu e mais umas cinco amigas montamos um time... aí a gente foi jogar com eles... só que tava muito difícil e tal... lutamos porque **todo mundo assim adora esporte**... aí a gente vai toda hora pra praia... faz um tanto de coisa... e a gente ficou em terceiro lugar...foi demais...”

“dentre as várias coisas que eu gosto de fazer que eu relaciono com o lazer... que eu me sinto livre mesmo... eu gosto muito de acampar e fazer caminhadas... eu escolhi uma viagem que eu fiz de Mariana até uma fazenda... e era uma caminhada por uma estrada abandonada de trem... essa era a nossa única referência... então nós chegamos bem cedo a Mariana... antes disso o lazer já começava na preparação da viagem na expectativa na organização dos materiais... essa coisa toda... é muito bom... a gente reúne para combinar... organizar as coisas... então nós chegamos cedo a Mariana... eu e mais dois amigos e tinha uma turma esperando a gente lá na fazenda... aí nós com as mochilas nas costas fomos caminhando seguindo a trilha... tiramos fotos... a gente parava pra conversar... descansar... quando encontramos um lago pra nadar... e era um lugar assim interessante que era um lugar totalmente novo para gente... a trilha não é? isso é muito excitante... muito bom... a gente não sabia... por exemplo... aonde a gente ia dormir mais ou menos a gente sabia onde íamos parar mas não sabíamos como é que era lá... no final da tarde a gente pára... monta o acampamento e dormimos... então é um dia todo assim onde além do prazer de estar ali... sem compromisso... sem hora para fazer aquilo ou isso... e para mim é fundamental... a sensação de liberdade... a gente passa o tempo mesmo aproveitando aquela caminhada... reparando cada canto daquela mata reparando as coisas mesmo... isso aí me descansa muito mesmo... eu fico muito à vontade mesmo... de dia caminhada... montamos acampamento à noite... banho de rio... muito bom assim... continuamos a caminhada no outro dia... chegamos a fazenda muito cansados assim... aquele cansaço... mas aquela sensação muito boa de liberdade... ter conseguido chegar na fazenda... legal... então assim passamos os outros dias na fazenda... muito carrapato... mas uma sensação maravilhosa...”

Essas narrativas abrem muitas possibilidades de interpretações de significados de tempo de lazer como pertencimento. Mas, em ambos os casos me remeteram aos desejos dos sujeitos de se deslocarem no espaço, sair de seu território cotidiano e viver outras possibilidades de pertencimentos no mundo, buscando o desconhecido, a apropriação de referências geográficas e históricas que instigam interações lúdicas. Os passeios na natureza compõem o cenário dessas interações do sujeito consigo mesmo, o outro e o ambiente. Expressam sentimentos de pertencimento constituídos com base em partilha emocional e vínculos com o local.

O tempo de lazer dá permissão para essas experiências, especialmente no vivido nas férias, nos rituais de evasão que acontecem muito para as praias. Permitem viver formas de comunhão eufemizadas, ou seja, menos rude, mais agradável num mesmo lugar onde convivem pessoas, com muitas diferenças, algumas até mesmo sutis.

Nesse sentido, os amontoados de pessoas nos mesmos lugares apresentam sutis diferenciações, colocando em destaque preferências quanto às roupas, hábitos sexuais, esportivos, artísticos e outros. Os moradores do lugar dividem seu território com os estranhos (turistas), recriando, assim, um conjunto comunitário com funções diversificadas e complementares.

Esse significado de tempo de lazer nos leva também a repensar o gosto pelo sol que o brasileiro tem. Como o sol é parte da nossa cultura, a praia, lugar privilegiado para se curtir o sol (muito mais que a água) torna-se uma instituição pública, estrutura material/humana que serve à realização de interesses sociais coletiva, especialmente desejada pelo setor privado. Vivemos em uma época em que é cada vez mais crescente a privatização do lazer, disseminando ambientes estilizados – com formas estéticas diferentes das originais - e estilizando ambientes naturais.

2.2.4 “domingo eu fui com um colega pra casa dele no condomínio Retiro do Chalé”

“mas lazer também não é só sair de casa... por exemplo... na esquina da minha casa tem uma locadora e eu tô a fim de ver um filme eu vou lá pego o filme e vou curtir-lo dentro de casa...”

Em ambientes estilizados, os sujeitos atribuem outros sentidos e significados de tempo de lazer como foi evidenciado na presente pesquisa a partir de relatos relacionados à experiências de lazer em condomínios e residências.

Sobre tempo de lazer nos condomínios residenciais, precisamos considerar o quanto, na atualidade, é cada vez mais sedutora a auto-segregação dentro da

cidade. Cercados de forte esquema de segurança, como “ghetos” às avessas, os condomínios refletem o poder de pertencimento da “nova” classe média e “novos” ricos. Nesses buscam-se diferentes oportunidades de lazer nos locais onde se mora com insegurança. Viver em redutos isolados, projetados para excluir marginalizados, parece uma das “saídas” da camada da população com alto poder aquisitivo.

São áreas de vultosos investimentos em projetos de ambientes e de estilização de formas da vida cotidiana. Tais grupos procuram cultivar um estilo de vida com interesse pelas artes, os esportes, os encontros, festas e atividades junto a natureza, como mostra a fala seguinte de um jovem do GRUPO 2:

“o meu dia de lazer aqui foi um domingo... eu acordei... no sábado eu saí à noite com um colega meu... ele tem uma casa no Retiro do Chalé... aí nos saímos à noite e aí de manhã nós acordamos lá pela dez horas... tomamos café e fomos correndo pro clube ((do condomínio Retiro do Chalé)) jogar futebol... aí nós jogamos futebol até três horas da tarde assim... almoçamos rapidinho lá pelo clube mesmo e depois fomos para uma cachoeira... da cachoeira pra sauna... da sauna pra cachoeira... e como era domingo a gente tinha que ir embora mais cedo porque segunda feira... a gente tinha aula... aí quando foi cinco horas o pai dele passou e me trouxe aqui para Belo Horizonte... fui pra minha casa... comi alguma coisa... fui ver televisão... Faustão... Beleza... Gugu e depois Fantástico ((risos)) ...”

Essa narrativa permite levantar dois aspectos do sentido do pertencimento do tempo de lazer por meio da posse de ambientes estilizados. O primeiro, mostra que, na sociedade atual, cada vez mais os sujeitos tendem a se diferenciar não pelo consumo, mas por intermédio do “valor-signo”, como designa Baudrillard¹¹². Com isso, diz esse autor, os estilos de vida e valores são mais e mais enfatizados como a base da vida social hoje. Um exemplo é o pertencimento a condomínios fechados seja como proprietário seja como convidado, que passa a ser considerado essencial, não tanto pelo pertencimento como consumo conspícuo, ou seja, facilmente visível, atrativo como afirma Veblen¹¹³, mas, especialmente como *status*, como analisa Baudrillard.

¹¹² Baudrillard, 1981.

¹¹³ Veblen, 1983.

A narrativa aqui destacada termina com uma cena cotidiana habitual em nossa realidade, ou seja, ir para casa ver TV. A respeito, analisa Baudrillard, a televisão nos confronta com um fluxo infinito de imagens e simulações fascinantes, de modo que ela para representar o mundo.

Nessa hiper-realidade o real e o imaginário se confundem, e a fascinação estética [sensível] está em toda parte, de modo que paira sobre tudo uma espécie de paródia não intencional, de simulação técnica, de fama indefinível à qual se fixa um prazer estético [...] A arte ingressa na produção e reprodução, de modo que tudo, mesmo que seja a realidade cotidiana e banal, é por isso mesmo classificado por arte e se torna estético.¹¹⁴

Contexto que Featherstone explica pelo fluxo veloz de signos e imagens que saturam o dia a dia na sociedade contemporânea, que, segundo ele, é um dos sentidos de estetização da vida cotidiana.

Sentido que pode nos ajudar a compreender as experiências cotidianas hoje em ambientes estilizados, que expandem a cultura dos entretenimentos no tempo de lazer (a arte ingressa no processo de produção e reprodução capitalista e no fluxo veloz de imagens e signos) não só nos espaços característicos da renovação urbana pós moderna baseada em ambientes simulacionais como os *shoppings*. Mas, também, da (re)valorização das residências como locais de divertimentos e consumos diversos.

“mas lazer também não é só sair de casa... por exemplo, na esquina da minha casa tem uma locadora e eu tô a fim de ver um filme bem legal, eu vou lá pego um filme e vou curtir-lo dentro de casa...”

Essa jovem depoente vive em residência protegida por sistema de segurança sofisticado. São porteiros, portões eletrônicos, cercas elétricas, muros altos, seguranças e outros mecanismos e tecnologias. Segurança que revela, no mesmo nível, a insegurança de todos. Uns desconfiam dos outros; os que se julgam mais honestos se sentem aprisionados e injustiçados por entenderem que a liberdade das ruas passou a ser dos desonestos. Enfim, mudam-se os critérios

¹¹⁴ Baudrillard, 1981:148-151.

de reconhecimento de socialidade e do pertencimento. Passam a ser fundados na aparência, no estranhamento e reconhecimento da residência como “porto seguro” também para a vivência do tempo de lazer. Mudança evidenciada na presente pesquisa, com a ênfase na transformação das residências como espaço para viver o lazer, muitas vezes de forma consumista, tornando-se espaços de mercado.

O que mostra um diálogo do GRUPO 1:

Diz um jovem

“pros meus pais lazer é sair pra jantar... comprar... gastar dinheiro ((risos)) falando sério! uma pessoa rica vai pro *shopping* gastar dinheiro ou gasta de casa mesmo...”

Um colega pergunta:

“e os pobres (frase interrogativa)”

O primeiro jovem responde, imediatamente:

“ficar em casa vendo TV... é isso...”

As falas desses jovens, ampliadas pela observação dos contextos de suas residências, mostram que cada vez mais os vários grupos sociais vivem sob a influência da difusão do consumo pela TV e o desenvolvimento da comunicação eletrônica, dos sistemas de informação e entretenimento, vendas à crédito e débito automáticos pelo telefone e internet, influência da propaganda, dentre outros aspectos a considerar. Tudo isso tem contribuído para aumentar a centralidade do tempo de lazer no interior das casas.

As residências, que sempre articularam diversão, encontro e tarefas caseiras, hoje são apropriadas como lugares de investimentos da “economia do lazer”. Esses expandem-se de tal modo que influem nos avanços arquitetônicos e da construção civil de casas, edifícios e condomínios, fazendo com que, hoje, áreas de lazer residenciais sejam um dos critérios considerados básicos no comércio imobiliário. As residências e os prédios daqueles com maior poder aquisitivo possuem salão de festa, quadra esportiva, academia de ginástica, salão de jogos, sauna, bar, sala de massagem, sala de cinema, churrasqueira, praça de lazer, *playground*, piscina e outras comodidades voltadas ao usufruto do tempo de

lazer dos seus moradores.

2.2.5 “*shopping*... é o primeiro lugar que sempre a gente sai... que a mãe tem confiança...”

“pro meu amigo o *Diamond* é ruim porque lá... você não encontra ninguém... não tem gente... nesse *shopping* você só vê gente velha... tia...”

No entanto, a ênfase dada pelos jovens do GRUPO 1 tanto ao pertencimento de suas residências — com infra estrutura disponível para experiências culturais diversificadas — como dos *shoppings* no tempo de lazer destacou a espacialização, especialmente, pelas trocas afetivas entre amigos.

Para Featherstone, no interior de *shoppings*, mesmo para fazer compras

raramente uma transação meramente econômica, calculada e racional, destinada a maximizar o caráter utilitário, mas basicamente uma atividade cultural, de lazer, na qual as pessoas transformam em platéias que se movimentam através do espetacular panorama imagético planejado para mostrar suntuosidade e luxo, ou evocar lugares ideais, distantes e exóticos, e uma nostalgia de harmonias do passado. Resumindo, ir ao *shopping* deve se tornar uma experiência.¹¹⁵

É o que nos dizem algumas falas e diálogos com os jovens do GRUPO 1:

“acho legal que [os colegas mais novos] consideram o *shopping* como momento de lazer... realmente nesta faixa etária a gente ia muito pra *shopping*... a gente ficava lá fazendo nada... acho que nesta idade o primeiro lugar que sempre a gente sai e que a mãe tem confiança é no *shopping*...”, disse um jovem.

O 2º jovem indagou:

“é por causa que lá não tem problema... agora o interessante é que pra nós (colegas mais velhos) não apareceu o *shopping*...”

O 1º jovem voltou a falar dizendo:

¹¹⁵ Featherstone, 1995:43.

“não acho bem assim... normalmente nesta idade os pais não deixam os filhos ir pro bar... pra coisas assim... pois não têm a segurança como o *shopping*... lá é relativamente fechado... tem sempre um segurança tomando conta ali e isto protege o filho... por isso nesta idade o pai só deixa ir pra *shopping*... e isto é a única coisa que ele pode fazer...”

A 3ª jovem argumentou:

“também acho... do contrário é ficar dentro de casa ou muito perto da mãe...”

O 2ª jovem diz:

“quando chega a segunda-feira eu já penso no sábado...” (risos)

“sexta-feira vou cedo pro Colégio...eu emendo o Colégio com o clube... saio do Colégio com meu colega e vou direto pro Minas... fico no Minas até umas oito horas... dependendo... depois eu vou pro *shopping* ainda... aí acaba o dia... volto pra casa e caio na cama.”

“pra gente ficar no *shopping* ver um filme é super legal... mas todo sábado a mesma coisa enjoa... meu colega só gosta do *BH Shopping*... eu falo com ele pra irmos no *Diamond* e ele diz: de jeito nenhum (frase exclamativa) mas... lá não tem nada também (frase exclamativa) só cinema e é mais vazio...”

“pro meu amigo o *Diamond* é ruim porque lá é muito pequeno e você não encontra ninguém... não tem gente... no *BH Shopping* você encontra com um mundo de gente do Colégio... no *Diamond* só vê gente velha... tia...” (risos)

Esses dados falam, pois, de uma série de situações de um ir e vir entre diferentes lugares, que mostram, por um lado, passagens temporárias entre um e outro, com pertencimento que se caracteriza pela vivência de experiências com os amigos — referência do tempo de lazer espacializado de uma camada social economicamente privilegiada.

Argumento que muda de significado quando o diálogo é realizado com jovens do GRUPO 4:

“*shopping*... é local onde só um tipo de pessoa freqüenta e às vezes você quer freqüentar esse local mas você não pode né... tem segurança atrás sabe... as pessoas já olham diferente...”

“se pudesse iria abrir um clube que tenha mais... como se diz... pessoas de baixa renda... clube é /muito caro...”

Essas falas denunciam a desigualdade social, a exclusão, o preconceito, a falta de segurança, que instigam sentidos de injustiça e violência. Mostram que os

shoppings são espaços evocados como locais desejantes e possíveis para vivências do tempo de lazer para os jovens de todas as camadas sociais. Espaços desejado, principalmente pelos adolescentes, como ressalta o seguinte diálogo do GRUPO 1:

Disse um jovem:

“acho legal que [os colegas mais novos] consideram o *shopping* como momento de lazer... realmente nesta faixa etária a gente ia muito pra *shopping*... a gente ficava lá fazendo nada... acho que nesta idade o primeiro lugar que sempre a gente sai e que a mãe tem confiança é no *shopping*...”

O segundo jovem indagou:

“é por causa que lá não tem problema... agora o é interessante é que pra nós (colegas mais velhos) não apareceu o *shopping*...”

O primeiro jovem voltou a falar:

“não acho bem assim... normalmente nesta idade os pais não deixam os filhos ir pro bar... pra coisas assim... pois não têm a segurança como o *shopping*... lá é relativamente fechado... tem sempre um segurança tomando conta ali e isto protege o filho... por isso nesta idade o pai só deixa ir pra *shopping*... e isto é a única coisa que ele pode fazer...”

A terceira jovem argumentou:

“também acho... do contrário é ficar dentro de casa ou muito perto da mãe...”

Falando a respeito dessas experiências dos jovens, aos seus 17 anos, Simone Campos, uma romancista carioca, publicou seu primeiro livro *No shopping*. Com esse título ela não apenas colocou uma das questões mais discutidas atualmente, quando o debate sobre tempo de lazer enfoca as práticas mercadológicas mais “em moda”, especialmente entre os adolescentes. Com uma reflexão sutil, que nos permite ler duplamente os sentidos do título dessa obra — *No* (em ou não) *shopping* — essa jovem discute jogos de identidades mediados por relações entre a nova ordem mundial e a velha culpa, entre o sorvete de baunilha e Dow Jones & Nasdaq, entre a tecnologia de informação e a fuga para as drogas. Com um olhar severo sobre sua geração, analisa o jeito jovem de sentir, ver e viver a atualidade nos grandes centros urbanos de nosso país, fazendo-nos pensar sobre nossas experiências no mundo e nas práticas

mercadológicas, que vêm participando da constituição de culturas no lazer e, ao mesmo tempo, revelando-nos formas que jovens, como ela própria, vêm refletindo essas práticas e buscando novos caminhos para seu cotidiano.¹¹⁶

Nesses lugares, em geral, o alto grau de vigilância gera a sensação de estarmos em um lugar e em lugar nenhum, um “não-lugar” como diz Augé.¹¹⁷ Onde o sujeito mantém com o lugar uma relação contratual representada por diferentes mecanismos de controle externos e internos. Os externos são evidenciados por vários símbolos: cartões de créditos, telefones celulares, câmaras, seguranças, dispositivos eletrônicos fixados nas mercadorias, portas e acessos eletronicamente controlados.

Os mecanismos internos são representados por uma disciplina “silenciosa” explicitamente “autorizada” pela confiança depositada pela instituição família, especialmente a mãe, e por um controle autoritário preconceituoso, implicitamente, dito por dizeres como: “lá é relativamente fechado” e, explicitamente, denunciado pelos jovens do GRUPO 5, enfatizando que no dito tem algo mais a ser declarado, quando, repetidamente diz: “tá entendendo? “tá entendendo? entendeu?” Sobre o assunto, um diálogo desses jovens coloca em debate a questão, iniciado por uma jovem:

“eu acho que o preconceito também influi muito nisso... porque em determinado local só um tipo de pessoa freqüenta e às vezes você quer freqüentar esse local mas aí:: você não pode né? porque ou vão pensar coisa de você ou você não vai se sentir bem porque tem certas pessoas que não agradam da sua presença... isso é comum... eu acho que o preconceito é o que mais vale assim na cidade... acho que nem é tanto a violência porque o preconceito já puxa a violência...”

Um jovem acrescentou outros dados ao debate:

“falando encima disso aí... tipo assim... **uma questão** de uma forma do lazer assim... é o *shopping tá entendendo* (frase interrogativa) a gente aqui junta uma turma e diz ah:: vamos no *shopping* e tal... chega lá... assim... a **questão do preconceito é forte**... tem segurança atrás sabe... as pessoas já olham diferente... então a gente não vai sentir legal naquele local tá entendendo (frase interrogativa) não vai sentir bem...

¹¹⁶ Campos, 2000.

¹¹⁷ Augé, 1994.

então não é uma forma de lazer quando tem preconceito entendeu (frase interrogativa) o preconceito influi demais...”

Outra jovem, com um argumento, fez o grupo destacar o questionamento sobre as conseqüências da privatização para o acesso ao cinema no tempo de lazer:

“eu colocaria mais praças... teria que retornar aqueles cines que tinha em Belo Horizonte... o Cine Paladium... aquele Cine Brasil... mas não deixar só naquela coisa de *shopping* que não sei o quê... mudaria nesse sentido assim... mais teatro né (frase interrogativa)”

Todas as falas referentes ao *shopping* como espaço de lazer nos remetem a pensar nos sujeitos que não têm acesso a ele e, por isso, são vítimas de preconceitos, que limitam suas experiências de lazer. Esses sujeitos, em estado de absoluta carência, estão aprisionados em uma cadeia de privações oriundas da própria operação da ordem social e econômica, que reduz suas chances reais de acesso a recursos que tornem possível saírem de sua miserável condição. A política social convencional deve operar para além dessa fronteira. Nos seus limites atuam as políticas específicas de erradicação da pobreza. Nesse sentido, afirmam os jovens:

“acho que uma das facilidades que tem hoje em dia é que tem espetáculos gratuitos... como é que chama aquele negócio (frase interrogativa) ah:: tem a campanha da popularização do teatro que o ingresso é R\$3,00... fica mais fácil da gente ir ao teatro espetáculo... essas coisas... até criança pode ir...”

“eu já acho que assim... a gente não pode vincular o lazer a ter dinheiro... essas coisas... eu acho que as pessoas buscam o lazer de várias formas... mas eu acho também que a crise econômica limita muito mesmo... porque falta opção né (frase interrogativa) porque só poder aquisitivo alto que te dá opção de lazer... né(frase interrogativa) porque tem pessoa que consegue mas será que é justo umas pessoas terem muitas opções e outras não terem nenhuma né(frase interrogativa) ou têm poucas opções... eu acho que o dinheiro não limita o lazer mas limita as opções seu acho que é justo que as pessoas tenham opções assim razoavelmente diversificadas...”

“hoje tava anunciando uma peça no rádio e a entrada era de R\$30,00 a R\$60,00 tá entendendo(frase interrogativa) a gente não tem como adquirir esse tipo de cultura... a gente que mora na favela não pode ter esse lazer...”

“não dá pra pensar em lazer com a barriga vazia né? e eu também criaria oportunidades pros jovens também que querem às vezes escolinhas uma coisa assim de futebol... eu acho que os meninos gostam muito disso sabe? e acabaria também com o preconceito assim... pro cê ter oportunidade de tá entrando em qualquer lugar que cê quiser sem se preocupar se você tem dinheiro ou não e da maneira que você está vestida ou não... da sua cor ou não... sabe? eu fazia isso...”

“o desemprego tá muito grande e influi na falta de lazer também... porque no emprego a gente tá trabalhando... a gente tá ganhando dinheiro e lazer entendeu? a gente não tá trabalhando assim sem querer sabe(frase interrogativa) pô a gente no fim do mês vai receber... (risos) com aquele dinheiro ali a gente faz o lazer entendeu(frase interrogativa) aí entra a questão financeira porque tá faltando emprego pra todo mundo... então não tem como... mas de uma forma ou de outra a gente aperta aqui aperta ali escapa ali... a gente acaba se divertindo mais ou menos... mas é bom...”

“o pobre sempre dá um jeito... ((risos)) É SIM... sempre a gente dá um jeito nem que seja ali no campo... você desce ali no campo você brinca com seus amigos... vai joga uma bola sem gastar dinheiro...”

GRUPO 5:

“(se pudesse iria)) abrir um clube que mais tenha... como se diz... pessoas de baixa renda... tá entendendo (frase interrogativa) não dá pra freqüentar clube porque hoje em dia clube pra você entrar como convidado você paga R\$10,00 tá entendendo? então pô... cara... a gente tirar R\$10,00 de um salário é demais hoje em dia entendeu? “fora o que ocê tem que comer né? comer lá e tal se divertir... aí fica apertado mesmo...”

GRUPO 6:

“bom pra mim todo dia é um dia de lazer mais eu coloquei aqui um dia que eu fui no clube com os colegas do curso que eu fazia sabe... e foi muito legal... nós jogô bola... nadô... diverti pra caraiio mas pra mim não tem disso não pra mim qualquer hora é hora mesmo de divertir e não ligo muito não...”

Pobreza é destituição, marginalidade e desproteção. Destituição dos meios de sobrevivência física; marginalização no usufruto dos benefícios do progresso e no acesso às oportunidades de emprego e consumo; desproteção por falta de amparo público adequado e inoperância dos direitos básicos da cidadania. É, portanto, inegável, o quanto essa situação social limita as experiências lúdicas e as possibilidades de pertencimento dos espaços disponíveis de serem vividos no tempo de lazer.

2.2.6 “é diferente a forma de lazer do filho homem da casa...”

O tempo de lazer como possibilidade diferenciada de pertencimento pelos homens e mulheres foi muito destacado neste estudo, trazendo à tona inúmeras discussões, sobretudo, da situação da mulher no que tange ao seu direito de acesso às oportunidades de lazer nos espaços públicos. O preconceito, a diferença de possibilidades em relação aos homens, a discriminação e reivindicações ficaram evidentes em muitas falas.

Essas discussões trouxeram à tona várias questões de gênero, evidenciando análise de condutas esperadas pelas mulheres, de modo geral, e pelas mais pobres, particularmente. Apresentam, desse modo, posições diferenciadas segundo o círculo social em que cada um vive, com regras implícitas em cada grupo, segundo as quais a segurança ontológica é mantida no desempenho das rotinas diárias e de várias sanções operadas, sobretudo, no convívio familiar.

Exemplo disso é traduzido pela fala da jovem do GRUPO 5 que, ao mesmo tempo em que expressa suas experiências de lazer, coloca a condição da mulher num contexto social que limita suas experiências aos espaços/tempos privados, especialmente vividos no lar.

“meu dia de lazer é quando eu ouço música porque todo dia eu ouço música lá em casa... eu coloco as músicas que eu mais gosto... coloco na maior altura e quem não tiver gostando eu não tou nem aí... o que importa é que eu tô gostando... eu também **adoro** cuidar das plantas de lá de casa... fica tudo verdinho porque só eu que cuido porque eu **amo** planta... e dá banho nos meus cachorros... ficam lindos... maravilhosos branquinhos... ((risos)) é que eu dô banho neles todo dia... então esse é o meu lazer...”

As diferenças, porém, falam mais alto:

“lazer do homem é igual ou diferente do lazer da mulher (frase interrogativa) é isso que na verdade cê quer falar (frase interrogativa) **porque tudo que é diversão é lazer**... então... no caso não é o lazer do homem que tem que ser igual ao da mulher... a forma de lazer do homem é diferente do da mulher porque tudo é diferente na vida...”

Uma jovem argumenta:

“é diferente a forma de lazer do filho homem da casa... ele pode sair pra noite e pode chegar a hora que quiser... agora a menina não... cara... já tem restrição na hora de sair... na hora de chegar... não pode namorar assim... não pode fazer assim... agora o homem não... o homem é liberado entendeu? essa é uma forma de lazer que é diferente do homem e da mulher...”

Nesse mesmo grupo, outra jovem ressaltou:

“eu mudaria a cabeça dos homens... porque os homens só pensam em sexo e futebol... ((muitos risos de todos)) É VERDADE... NÃO VEM NÃO ((os jovens reclamam))... É OU NÃO É... os meninos de hoje só ficam com as meninas assim... querendo passar a mão... tipo assim... vão ali no cantinho (frase interrogativa) e depois eles mete o pé na bunda das meninas... nem todos... mas a maioria são assim...”

Logo um dos jovens contra-argumentou:

"eu tô no nem todos... ((risos)) porque... porque... o seguinte... eu não sou praticante de futebol... só torço pro time que me dá muito orgulho e nem assim tô muito ligado nele... o Cruzeiro é claro... ((risos e vaias)) eu não pratico futebol porque eu sou uma íngua... uma baba... não sei jogar muito bem... e agora esse negócio que tinha falado aí que homem só quer saber de passar a mão... só quer sexo... não... às vezes tem uns homens que gostam de uma cabeça bem-feita né? ((as jovens reforçam NEM TODOS)) entendeu! porque às vezes você vai ficar com uma menina a menina tem produto... mas você vai conversar com a menina a menina só fala besteira... abobrinha e aí (frase interrogativa) que graça tem ficar com uma menina dessa (frase interrogativa)”

Com ironia e falas marcadas por contestações, as jovens do Aglomerado colocam as condições sociais em que vivem e protestam contra as discriminações, mas, ao mesmo tempo, mostram-se também preconceituosas. Seus argumentos, fundados no “senso comum”, expressam inconformidade com essas condições, demonstrando, pouca visão crítica sobre os direitos da mulher, como um todo e também em relação ao tempo de lazer. Esse é valorizado apenas como tempo fútil usufruído somente pelos homens, sem que haja imposição moral sobre eles.¹¹⁸

“como ela falou... as formas de lazer são impostas desde pequeno... a mulher brinca de bambolê, de casinha e pula corda... o homem tem que brincar de futebol... de guerrinha... carrinho... essas coisas assim... por isso é que temos que ir pra escola pra abrir nossos conhecimentos porque se fica só na família a pessoa só vai crescer

¹¹⁸ Os estudos de Sousa (1994) mostram como em nossa educação escolar jogos e brincadeiras ensinadas e promovidas para as crianças e os jovens reproduzem estereótipos de papéis masculinos e femininos.

sabendo brincar de pular corda... bambolê e amarela... homem futebol e umas coisinhas mais... bolinhas de gude... por isso a escola tem que entrar nisso aí agora...”

“nó:: mas os meninos também brincam... já brinquei demais de casinha também...”

“a desigualdade... tipo assim... não está em todo lugar mas... tipo assim... por exemplo... tem um time de futebol de homem e tem um futebol de mulher... os homens sempre acham que a mulher não sabe jogar bola... isso põe a desigualdade porque eles acham que são sempre melhores em tudo e aí vem também as mulheres que acham que são melhores que os homens em tudo num grupo... aí fica aquela desigualdade entre os dois entendeu (frase interrogativa) só isso...”

Mais uma vez, percebi uma ambigüidade na fala dos jovens. Pois, ao mesmo em tempo em que dão visibilidade a preconceitos que permanecem em nossa sociedade -, fazendo denúncias contra as violências simbólicas às quais os corpos se submetem, a falta de liberdade na ocupação dos espaços públicos, a participação no esporte, a realização de tarefas domésticas como atividades essencialmente femininas (embora na pesquisa os meninos afirmem, também, realizá-las), - demonstram que esses preconceitos estão “naturalizados”, revelando-os como sujeitos também preconceituosos. Reproduzem, assim, inúmeros dilemas, historicamente enfrentados pela mulher em nossa cultura.

O depoimento de um dos estudantes do GRUPO 7 reforça a diferença entre os homens e as mulheres:

“eu acho que existem diferenças com relação ao lazer da mulher em Belo Horizonte... uma coisa que eu percebi aqui quando eles estavam falando n... que a mulher precisa de mais oportunidade mais... eu lembro dos meus amigos também nos outros Pólos do Programa e era mais ou menos por aí existem uma série de obrigações que a mulher tinha que dá conta dentro daquele grupo social... dos vários grupos que eu participei isso apareceu bem forte... obrigação com filho... com família... com casa e isso me pareceu assim umas das coisas que impedia um pouco essa coisa das mulheres saírem... de terem oportunidade de participar... de se divertir... de ter suas experiências com o lazer... coisas que tanto os homens da comunidade cobram isso delas quanto as mulheres também se cobravam... eu lembro delas... as meninas lá nos falavam assim... **muitas tinham filho então porque com isso elas eram respeitadas...**”

Essa fala me mobilizou a realizar outras buscas, por meio de conversas informais, com vários jovens do Aglomerado e confirmar que, em geral, nas vilas e favelas, quando uma jovem concebe um filho, sua identidade como mãe lhe atribui

respeitabilidade. As jovens se orgulham dessa condição, por força de características da cultura local, deixando-me perceber que isso pode ocorrer pelo fato de passarem a desempenhar um papel social previsto para o grupo ao qual pertencem.

Ainda sobre o lazer de homens e mulheres, os jovens continuam denunciando as relações desiguais entre sujeitos. Desigualdades que, segundo Guacira Louro¹¹⁹, se instalam nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação:

“mulher não tem nada só fica presa arrumando casa sabe (frase interrogativa) eu não gosto de sair não... só fico dentro de casa... só vou pra escola né (frase interrogativa) as mulheres só fica dentro de casa... arrumando casa... arrumando casa... ((risos)) fazendo comida... debaixo do fogão... só não tem nada...”

“mulher também tem que ter liberdade pra sair... pra divertir né (frase interrogativa) não é só ficar presa dentro de casa não... tipo assim... enquanto tá jovem não tem família... vamos supô... eu digo assim... não tem filho sabe (frase interrogativa) aí sim... quando tá sozinha aí pode tá saindo... agora depois quando arruma filho né? tem família... aí fica mais presa... tem que cuidar do seu filho... fazer comida... lavar vasilha... “mulher não pode ir na tal de Fusaca... eu nem sei o que é Fusaca eu nunca fui... Fusaca é uma danceteria... eu não gosto disso... lá dá muita briga... morte... eles dão tiro lá direto... lá o bicho pega... só favelado... só gente estranha... gente que vai pra lá em vez de curtir vai só pra arrumar confusão... querendo roubar os outros... eu fui lá umas cinco vezes... vou mais não... muita briga... em tempo de você tomar uma balada na cara afora lá...”

Por outro lado, os jovens fazem referência às suas mães desenhando um quadro de conquistas femininas: citam as mães que trabalham fora do lar (hospitais, projetos políticas, etc.), mesmo que lembradas pela sua principal responsabilidade, que é a educação dos filhos.

O controle arbitrário da maioria das mães é alicerçado por meio de discursos que vêm sendo perpetuados em nossa sociedade: quanto ao seu papel de guardião do bem-estar dos filhos, principalmente das mais jovens e mulheres. A mãe, na maioria das vezes, é um agente representativo de sanções normativas do meio social.

¹¹⁹ Louro, 1997.

Confirmando esse argumento, diz uma jovem do GRUPO 4:

“pode até ter muitas oportunidades de lazer... mas **tem muitas mães que prendem os filhos...** aí não tem como se divertir... porque... tipo assim... tem muitas pessoas aqui... **a maioria nunca foi num pagode... nunca foi saiu com os amigos... nunca teve oportunidade de ir na casa de um colega...** eu acho isso... **que tem mãe que prende pra caramba...**”

Outra jovem desse grupo:

“a mãe prende... mas também depende do filho pra mãe prender... tipo assim... nem todo mundo gosta de pagode... mas se for responsável acho que a mãe não vai prender se confiar...”

A primeira jovem completou:

“a mãe não quer saber se o filho tem responsabilidade ou não... as filhas mulheres são presas com certeza...”

Porém, um jovem discordou:

“eu discordo do que vocês tão falando que só mulher fica dentro de casa... quem disse isso (frase interrogativa) **minha mãe também não deixa eu sair assim não...** né (frase interrogativa) e **eu tenho responsabilidade... sou mais ou menos maior... tenho dezesseis anos...**”

Outro jovem se manifestou:

“no dia que eu fui para casa da minha tia sem a minha mãe saber eu quase apanhei...”

O primeiro jovem a intervir volta a dizer:

“eu até os dezesseis anos eu não saía de casa não... sério? mas também depois que meu pai me liberou também eu não parava nem um dia em casa... **minha mãe me segurava demais... ela morria de ciúme de mim...** aí a **minha irmã... que tem a minha idade hoje...** ela extrapola as pampas entendeu (frase interrogativa)” ((risos e um tempo de conversa de todos))”

E outra completou:

“**também podia deixar os pais se divertir mais...** porque se eles não se divertirem e aprender acaba que a gente não se diverte também... se eles divertem... a gente também diverte...”

As falas dos jovens das diferentes camadas sociais revelam a relação do lazer dos pais ao fator econômico, destacando-se as mães. Os menos favorecidos afirmaram que tudo mudaria se eles tivessem mais lazer, pois consideram a vida deles muito dura, sem dinheiro. Por sua vez, os jovens ricos disseram que o lazer

dos pais, principalmente a mãe, é comprar, hábito regido pela moral pecuniária onde é o dinheiro que define o valor da experiência.

Ao lançarem mão de suas lembranças familiares, os jovens revelam trajetórias históricas específicas que mostram o lugar social da mulher definido, mas também sonhos de mudança. Em síntese, falam da desigualdade social justificada pelo senso comum que perpetua gostos, modos de vida e experiências com possibilidades diferentes de acesso às mulheres e aos homens.

Há que se considerar nessas análises as redes de poder (instituições, discurso e símbolos), que constituem hierarquias entre os gêneros.

“ela tá falando 'ah homem pode ir pro barzinho... sentar... beber... bater papo com os amigos...' isso é uma forma de um preconceito porque quando eu vou com as minhas amigas assim para um barzinho pra gente bater papo assim e tal o povo fica olhando... fica horrorizado falam pô:: as meninas estão sozinhas numa mesa (frase interrogativa) não tem nenhum rapaz com elas (frase interrogativa) não sei mais o quê... é uma forma também de preconceito em relação às mulheres... eles não... a gente tá lá só pra se divertir e o povo acha que tamos procurando homem... tem isso também... eu tenho certeza que pensam desse jeito... só o modo de olhar eu tenho certeza que tão pensando dessa forma...”

“o que eu vejo assim é o tipo de programa que eu acho que é diferente né (frase interrogativa) pra mim... pra maioria da pessoas... se minha namorada tivesse aqui ela até...que tem uma parte que gosta de acampar... gosta de ir pro mato também não importa... gosta de pedalar... eu acho que é um pouco meio cultural mesmo... o programa que as mulheres gostam de fazer e que de repente tem que ser um pouco mais organizada sabe... não vai tanto na aventura assim de quatro amigos... mesmo até por causa da violência influi um pouco... acho que as mulheres ficam um pouco com meio de receio de sair quatro meninas ir pra Raposos sem ter lugar pra ficar... então isso acaba de marcar muito o homem porque é uma aventura... realmente ela tá lá só que ele tá sujeito a sofrer qualquer tipo de problema né (frase interrogativa) o que ele conta... conta com os amigos ali e com a esperteza dele pra tentar sair né (frase interrogativa) as mulheres também têm essa mesma oportunidade... mas eu acho que ela ficam um pouco mais com pé atrás...”

Entender o lazer como constituinte das identidades dos sujeitos (plurais), que se transformam, que podem ser contraditórias, que têm sentidos diferentes segundo os pertencimento segundo conquistados por pelos grupos (étnicos,

sexuais, de classe, gênero) transcende o cumprimento de papéis e precisa ser compreendido como parte da constituição de sujeitos.

Na discussão alavancada pelo tempo de lazer, os sujeitos são afirmação de liberdade, desafiando a ordem social vigente. A afirmação desse poder os leva a resistir e questionar a condição como são reconhecidos. A afirmação de sua liberdade pessoal é, pois, parte de movimentos sociais mais amplos, que mostram uma sociedade multicultural nada conformada com os valores vigentes. Contexto no qual “vale tudo”, até mesmo a comercialização do erotismo e pornografia, subjacente ao seguinte discurso colocado pelos jovens do GRUPO 2, em que as condições sociais se tornam limites naturalizados, banalizados:

“lazer no Brasil... tem muita opção... eu acho que o Brasil é um País para passear... pro turismo... mas pro lazer mesmo... o povo de lá fora vê o Brasil pô... CARNAVAL... MULHER PELADA... ((risos)) o Brasil é mais isso mesmo... brasileiro em termos de lazer... o meu irmão foi para os Estados Unidos ficou seis meses lá... ficou na casa de meu tio... ah:: Brasil... eu sou brasileiro e tal... aí o povo ah:: Ronaldo... Romário... carnaval e mulher pelada... ((risos))”

Fala que revela uma visão culturalista, melhor dizendo, como o lazer está moldado na “cabeça” desses jovens.

A questão do reconhecimento e respeitabilidade do sujeito, especialmente da mulher, gerou um diálogo que revela um amontoado de lugares comuns, que reforçam velhos preconceitos, iniciado por uma jovem do GRUPO 5, que assim se manifestou:

“a gente tava falando que o lazer pra gente é uma coisa meio assim limitada porque o homem... o lazer do homem... aquela coisa de sair fazendo o que quiser... ficar com um monte de mulheres porque é um garanhão... ele pode... ele é gostoso e não sei o quê... agora se a menina for praticar esse tipo de lazer aí ela já é uma... aí já não é mais o nome dela né (frase interrogativa) JÁ É OUTRA COISA...”

Um jovem a contradisse:

“é só valorizar... é uma forma de lazer o cara querer ficar com várias mulheres... e uma forma de lazer de cada um né (frase interrogativa)”

A jovem questionou:

“então ficar com vários homens é uma forma de lazer (frase interrogativa)”

O jovem respondeu:

“é uma forma de lazer só que é mal vista entendeu? A mulher ficar com vários homens...”

Outro jovem completou:

“a mulher não se impõe...”

Outro reforçou esse argumento:

“não se impõe mais desde criança...”

A jovem questionou:

“você vai se impor diante de uma sociedade grande desse jeito (frase interrogativa)”

O primeiro jovem a falar neste debate, ironizando, disse:

“já pensou um tanto de mulheres galinha (frase exclamativa) imagina só aí!”

Outro também disse:

“eu não vou ficar mais com mulher galinha se todas as mulheres agirem assim...”

A jovem também ironizou:

“aí você vai comer galinha cara (frase interrogativa)”

Outra jovem também falou ironicamente:

“aí... já pensou se a irmã dele passar a ficar com um monte de homens também aí da mesma maneira que ele 122a falando... ah:: já pensou sua irmã incluída no monte de mulheres galinhas que ficam com um monte de homens... entendeu (frase interrogativa)”

E o jovem respondeu imediatamente:

“graças a Deus eu não tenho irmã... pra mim é normal... eu acho que sexo é uma grande forma de lazer se é isso que você pensou agora não né (frase interrogativa)”

Volto a dizer: é importante observar como esses jovens naturalizam as relações. O próprio vocabulário usado sai do senso comum do velho realismo “garanhão”, para designar homens que atraem muitas mulheres, e “galinhas”, para as mulheres que buscam a companhia dos homens. Dado que, ao mesmo tempo, sinaliza para outro dado novo na pesquisa: o sexo como uma forma de lazer.

2.3 TEMPO DE LAZER COMO ENCONTRO

O tempo de lazer, fundamentalmente, é conceito relacional e plural. Construções que ocorrem nas múltiplas situações discursivas de encontro com o outro, mediadas por linguagens, códigos e símbolos diversos. Sendo plurais, se transformam continuamente, podendo mesmo gerar sentidos e significados contraditórios, que participam do conjunto das práticas sociais e culturais constituintes de sujeitos, contextos, instituições. Encontros vividos em circunstância de co-presença ou não. E, nesse último caso, mediados pelas tecnologias informacionais.

Os sentidos e significados de tempo de lazer, assim, integram o conjunto de experiências cotidianas de encontro, ao meio de inúmeros limites, como mostra a narrativa seguinte, que aponta limites à medida que o jovem do GRUPO 6 foi imaginando o que gostaria de viver no seu tempo de lazer:

“eu gosto de encontrar com os amigos... assim... ah gente fomo acampá... ah:: foi bom demais... a gente **no meio do mato**... experiência né? fazendo comida ((risos)) é ninguém sabia... na hora mesmo a gente fomo... ah:: vão... vão... juntamos nossas coisas e **fomo pro meio do mato**... ficamos quatro dias em Macacos...ah:: lá é gostoso demais... lá é uma cidadezinha pequenininha... e lá é bom... tem uns lugar de nadá lá beleza... só que a água lá é gelada demais mas dá pra passar batido... ah:: natureza... ar puro... **não vê violência... não vê nada**... só mato... bom demais...”

Também o outro jovem desse GRUPO 6, morador na Vila afirmou:

“é muito bom a natureza... ar puro... **não vê violência**... só mato... é bom demais...”

Nessa descoberta da pesquisa, é colocado em evidência o tempo de lazer “fazendo parte” da constituição e do (re)conhecimento de indivíduos, do outro e das experiências compartilhadas por ambos na vida cotidiana, como ajudaram-me compreender outros discursos, analisados a seguir.

2.3.1 “não me lembro de quem não gosta de lazer pois esse não seria meu amigo...
sem amizade... sem companheirismo... não rola lazer...”

A constituição dos sentidos e significados de tempo de lazer implicam uma ambiência necessária à sua estruturação, sendo a amizade o marco essencial gerador do contexto de encontro nas experiências vividas no tempo de lazer.

Assim, para os jovens da presente pesquisa, os sentidos e significados de experiências de tempo como lazer são constituídos, especialmente, nos cenários cotidianos onde acontecem os rotineiros encontros de amigos, *locus* onde o tempo-espaço vivido é construído de modo integrado às experiências de afeto e escolha dos sujeitos.

Segundo Maffesoli, poderíamos dizer que o tempo de lazer é lugar que se torna laço. “E isso nos lembra que talvez estejamos diante de uma estrutura antropológica que faz com que a agregação em torno de um espaço [tempo] seja o dado básico de toda forma de socialidade”¹²⁰. Considerando, na presente pesquisa, especialmente a socialidade que dá sentido e significado ao que chamamos de tempo de lazer.

Esse significado de tempo de lazer foi colocado desde o primeiro contato que estabeleci com dois jovens para a organização do GRUPO 1. Nessa nossa conversa, em dado momento, perguntei se lembravam de algum amigo que não gostava de lazer. Um deles, imediatamente, disse:

“claro que não... porque esse não seria meu amigo (frase exclamativa)”

E, durante o primeiro Grupo Focal, de várias formas, esse jovem reafirmou seu argumento, por exemplo, ao dizer:

“tirando dormir e tomar banho todas as atividades são boas de fazer com os amigos...” ((Risos))

¹²⁰ Maffesoli, 1987:181.

Também no GRUPO 1 a amizade como referência do tempo de lazer foi colocada como questão de debate. Em um deles, um jovem iniciou dizendo:

“*shopping* é igual no mundo inteiro... não adianta você procurar coisas diferentes por aqui...”

Outro jovem refletiu:

“mas, não sei? tem alguma coisa no *BH Shopping* que é diferente... que é melhor pro meu amigo...”

Um terceiro jovem argumentou:

“talvez porque lá é que vai a turma que vocês têm afinidade...”

Completo um quarto jovem:

“o importante para o lazer é manter contato com amigos... posso fazer muita coisa... mas tenho que encontrar os amigos alguma hora... acho que isso é importante pra todo mundo... por isso é que falei que de certo modo ir pro Colégio é bom... lá eu encontro com meus amigos todos os dias...”

Nesse sentido, as experiências de lazer fundadas na amizade me parecem representar comunhão de idéias, compartilhar de preocupações e alegrias, construção de estabilidade da estrutura cultural. Que supera as particularidades dos indivíduos e gera ambiência necessária para “vir à tona” as características essenciais de cada pessoa e do grupo, que se estruturam no compartilhar de gostos, modos de fazer, de sentir, de valorizar o vivido e constituir o respeito pelo outro.

É por isso que um dos jovens do GRUPO 5 disse, em dado momento do seu Grupo Focal:

“lazer tem que ter amizade porque sem amizade... tá entendendo? você vai... como se diz... praticar um esporte... um lazer sem amizade acho que num rola... rola mais atrito... rola confusão sabe? então não fica um clima gostoso... um clima legal... um dia de lazer é um clima gostoso é um dia que a gente aproveita bem o tempo todo... então a amizade é fundamental...”

Outro colega completou:

“não tem graça brincar... fazer lazer sem amizade...”

Retomando a palavra, o primeiro jovem disse:

“porque se você fala do lazer quer dizer que você acha aquilo que é bom... que você acha gostoso... aí cai naquela faixa do companheirismo... se você acha que é bom fazer aquilo você quer compartilhar aquilo com alguém... isso acontece com qualquer pessoa... aí se torna uma amizade gostosa... prazerosa... e o lazer se torna mais gostoso... mais prazeroso...”

Sobre o tempo de lazer como tempo de amizade, uma jovem do GRUPO 3 assim se expressou:

“eu sou uma pessoa alegre... estou sempre rindo com alguém e tal... fazendo palhaçada... a coisa que mais gosto de fazer é assim... estar com meus amigos... conversar... sair todo dia...”

Significado que também é destacado por outros jovens, como esta do GRUPO 4 que, relatando seu dia de lazer, disse:

“no dia que escolhi reuni com meus amigos... nós conversamos... divertimos... saímos e ficamos numa boa... dia de lazer para mim foi segunda-feira...”

Esses jovens destacam a importância da socialidade construída nas experiências de encontro entre amigos no tempo de lazer, que implica o estabelecimento de contratos de convivência entre os sujeitos. As regras são decididas nas próprias interações, envolvendo exercício de liberdades individuais e coletivas, organização de interesses, tolerância, afeto, amor e, sobretudo, amizade.

O sentido da constituição de significados de tempo de lazer pelos laços da amizade envolve projetos de vida pessoal e esforços coletivos na construção de sujeitos, relacionando sonhos e realidade. A amizade gera a ambiência definidora das relações entre os sujeitos, traduzindo-se na humanização das relações ali construídas. Coloca em evidência, assim, o lazer como tempo-espaco-experiência, que dá visibilidade a representações primárias de reconhecimento dos indivíduos e alicerces da autoconfiança dos sujeitos.

2.3.2 “preparo o lanche e saio com o carro... o som do carro ligado... Lagoa Santa... parada na padaria... futura namorada e mais estrada... o som agora vai baixinho... muita conversa e risada... olhadinha de lado e um suspirinho... chego... peço licença... enconstadinha... uma olhadinha e um risinho... beijinho... pôr-do-sol do alto é lindo...”

Compreendido na ótica relacional, o tempo de lazer é construído com o outro. Num estar-junto, diz Maffesoli¹²¹, que permite se ver e ser visto, ouvir e ser ouvido, tocar e ser tocado, experimentando as múltiplas dimensões das relações éticas e sensíveis da existência social. Experiência que é um dos pilares sustentadores das interações de amor, afeto, carinho e sexualidade como narrado por uma das jovens do GRUPO 7, ao dizer que:

“eu gosto muito de viajar e de namorar... então eu escolhi um dia eu que tinha essas duas coisas juntas... foi uma viagem ao Rio que eu fiz há pouco tempo em janeiro deste ano... e aí eu peguei um dia dessa viagem... eu acordei né:: estava no hotel... só de estar no hotel no Rio de Janeiro já ajuda não é (frase interrogativa) aí levantei e olhei para o céu... aquele céu superazul depois de um mês inteiro de chuva em BH eu estava vendo pela primeira vez o céu azul... eu todo dia que eu levanto... a minha cama é do lado da janela... eu olho para o céu para ver se ele está azul... é uma coisa que já melhora meu ânimo... eu adoro ver que o dia... o tempo está bom... eu fico mais feliz... aí eu estava também do lado do meu namorado novo e estava também muito feliz por isso... e aí nós tomamos café na cobertura do hotel e de lá você vê o mar de frente... aí a gente saiu pra praia... ficamos andando no calçadão da praia... era uma coisa que eu sempre tive vontade de fazer... aí ficamos na praia a tarde inteira... tomando água de coco... conversando... curtinho a praia... o sol... o mar... andava voltava... aí depois fomos para o hotel... descansamos... dormimos... assistimos TV... Depois fomos passear de carro nos bairros do Rio... fomos ao Leblon... Ipanema... Copacabana... na Barra... aí depois fomos jantar e depois dormimos... então foi um dia de muito tempero... uma viagem que vivi muito o lazer...”

Essa fala focaliza a oportunidade, vivida por essa jovem, da experiência do estar-junto numa convivência que integra os sujeitos e o ambiente, reveladora de modos de vida e olhares sobre a existência de sujeitos de camada social economicamente privilegiada. Oportunidade de encontro conquistada pela jovem

¹²¹ Maffesoli, 1998.

como experiência de escolha pela viagem, que se transformou em hedonismo, revelando a o reconhecimento de sujeitos na relação com o outro e lugares comuns: tomar água de coco... conversando... curtinho a praia... o sol... o mar... andando.... A fala expressa o tempo de vivência do afeto pelo pertencimento.

Noutro sentido, jovens do GRUPO 4, que possuem condição econômica bem diversa da jovem que fez o relato anterior, dialogam dizendo:

“em Belo Horizonte não tem nada de interessante (frase interrogativa)”

O outro jovem imediatamente falou:

“TEM SIM... um lugar interessante... é o Parque das Mangabeiras... porque a moçada aqui... os homens gostam muito de jogar futebol... lá tem quadra para jogar futebol... lá tem espaço para jogar queimada... as meninas podem jogar queimada... lá tem espaço para os meninos e meninas dar beijo na boca... mirante...”

Esses diálogos dos jovens dos GRUPOS 7 e 4 relacionam o tempo de lazer com tempo de prazer, de intimidade e namoro destacando várias questões que poderiam ser aqui aprofundadas. Uma delas são os preconceitos observados tanto no nível das interações (diferenças entre o socialmente permitido ao homem e às mulheres) como das relações sociais considerando o posicionamento de cada sujeito no espaço social.

Isso me faz lembrar que, após a realização do Grupo Focal do GRUPO 4, um jovem me procurou, particularmente, e disse que, na verdade, ele queria ter dito que o melhor dia de lazer para ele foi o dia que namorou pela primeira vez. E completou dizendo que não falou isso no grupo, pois os colegas iriam “gozá-lo”.

Na juventude a sexualidade tem importância especial na constituição das identidades dos sujeitos. O encontro, o afeto e a paixão ocupam lugar importante nas relações humanas estabelecidas.¹²²

Integrado às decisões individuais quanto aos modos de vida, os sujeitos buscam eleger formas de relacionamento que melhor correspondem ao “projeto reflexivo do eu”, que Giddens chama de “relacionamento puro”. Do seu ponto de vista, trata-se da relação social assumida pelo sentido da própria relação e

¹²² Maffesoli, 1987:31.

manutenção de uma associação entre cada pessoa com outra enquanto ambas consideram que vivem satisfações suficientes, para que cada uma, individualmente, nela permaneça.¹²³

Nessa linha de raciocínio, Giddens analisa a intimidade entre homem e mulher, revelando diferenças, co-dependências e complexidades entre “relacionamento puro” — que é datado e contingente — e o “amor confluyente”. Esses estudos destacam dois aspectos importantes: há uma tensão permanente à medida que a cumplicidade aumenta. Ao mesmo tempo, esta situação mostra possibilidades e capacidades que o indivíduo reflexivo tem de viver um tempo singular em sua plenitude.

2.3.3 “gosto muito de encontrar com os amigos pra ficar batendo papo... sem fazer nada... jogar conversa fora... mesmo...”

“Pequenos nada” podem materializar a construção do encontro com o outro que atribui sentidos e significados especiais ao tempo de lazer:

“no fim de semana eu gosto muito de sair à noite tipo assim... eu não costumo ir muito à boate... essas coisas não... vou mais é a restaurante tipo... o quê? a gente fica sentado... batendo papo... mais é pra encontrar os amigos... jogar conversa fora... mesmo... às vezes vou na casa de alguém... gosto muito de vir na Savassi e ficar SEM FAZER NADA... gosto muito mesmo é de encontrar amigos pra ficar batendo papo... só à toa mesmo... o domingo passado... eu acordei... eu tinha saído sábado à noite também... eu tinha ido inclusive no ED bater papo com uns amigos meus lá... eu acordei com meu amigo ligando... tinha combinado com ele no sábado de ir pro clube...” (Um jovem do GRUPO 2)

O afeto instala a ligação dos sujeitos ao território e o “estar” passa a constituir uma maneira de viver no presente. Os gestos banais, que estruturam a cultura da vida cotidiana, passam a estruturar, também, o tempo vivido como lazer

¹²³ Giddens, 2001.

que, nesse sentido, é representado pelo aperitivo ao final da tarde, os rituais do vestir para ir namorar, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado. Enfim, são muitos os “pequenos nada” que materializam a existência e que se inscrevem num lugar em processos de construção de socialidade, como argumenta Maffesoli em suas análises sobre a vida cotidiana.¹²⁴

Diz um jovem do GRUPO 1:

“eu **fiz** o sábado também... comecei às zero horas e ai até as duas assim eu **fico** na internet conversando com amigos... visitando sites interessantes que eu quero ver... assim... **bobagem mesmo... não tem nada de sério** (risos)... ai eu **durmo até umas onze horas**... meu lazer predileto. [é interessante observar que na descrição escrita este jovem escreveu que: 2h - vou dormir; 3h - estou dormindo; 4h - começo a sonhar; de 5 às 10 h - **durmo**; e às onze eu começo a acordar] assim... **fico vendo** TV... **nada de sério... qualquer desenho... qualquer bobagem** (risos)... uma hora almoço... duas horas da tarde eu **durmo**... às três eu **leio algum** jornal assim... pois eu acho isto importante pra danar... quatro da tarde eu **vou** para o clube... **jogo** futebol... vôlei... **fico** na beira da piscina só tomando uma cerveja... assim... ou **nado** um pouco também... ai **fico** no clube até as sete... sete horas **chego** em casa e **faço** um lanche enquanto vejo uma TV e **leio algum** jornal ou **alguma coisa** que vai me acrescentar mais... **fico vendo** TV até as nove assim e começo a tomar banho e me **preparar** pra sair à **noite**... ai às dez horas da noite eu **saio pra algum lugar** assim... **vou** ao bar... ao cinema ou a **algum** forró... atualmente eu tô indo muito em forró a gente sempre vai à casa **de alguém** onde **tiver uma festa** ou **um** jogo de pôquer... e lá **fico o resto da noite porque gosto muito**... só...”

Esse discurso me chamou a atenção, especialmente, por dois motivos. Primeiro pelos tempos verbais da narração que, mesmo começando com o verbo no passado “eu fiz o sábado também”, referindo-se à atividade da pesquisa que estava sendo realizada, que requereu o repensar do passado, ao narrar as memórias lembradas, esse jovem usou todos os verbos no tempo presente.

Há uma fusão do tempo (passado, presente), que deixa evidente a marca substancial e viva do passado no presente: repleto de atividades, numa organização temporal que mostra que há possibilidade para o lazer nas 24 horas diárias, inclusive no dormir, pois até o momento do sonho é qualificado, sonho integrado ao contexto vivido no dia. De novo lembro Bakhtin: quando analisa a

¹²⁴ Maffesoli, 1998.

fusão do passado e presente ele entende que isto ocorre porque o passado traz experiências necessárias e visíveis na realidade do hoje.¹²⁵

Em segundo lugar, há o uso excessivo de articuladores lógicos de indeterminação na curta fala. Vejam quantos foram usados: “qualquer desenho, qualquer bobagem, algum jornal, vejo uma TV, leio algum jornal ou alguma coisa, saio pra algum lugar, algum forró, à casa de alguém onde tiver uma festa ou um jogo de pôquer...”

Essa operação discursiva me faz pensar que as expressões “estar junto, à toa, sem fazer nada”, como discute Simmel¹²⁶, e, ainda, como dizem os jovens: “fazendo alguma coisa, bobagem mesmo, jogando prosa fora...” e com outras expressões que nos apontam para situações cotidianas, são construídas com base no tempo presente, no tempo da interação com o outro. Tempo, como afirma Maffesoli, que se contrai no espaço e onde o que predomina é o presente vivido com o outro, e em algum lugar.¹²⁷ Discurso revelador de modo de vida baseado na perspectiva orgânica do grupo, sua afinidade e cumplicidade, laços de reciprocidade que inter cruzam afetos e fazeres, consolidando amizades.

2.3.4 “tem gente que lazer é ficar na dele também... tipo assim... o cara gosta de ficar no mundo dele né? [...] a descontração realmente é lazer... estamos rindo assim e é bom... é um lazer também fazer os outros rirem...”

“o pobre se diverte até correndo de tiro cara... é mesmo! a gente corre... corre... depois que pára a gente fica pensando nó:: aquela foi doida! e dana a ri um do outro...” ((risos))

¹²⁵ Bakhtin, 1992 -B.

¹²⁶ Simmel, 1990.

¹²⁷ Maffesoli, 1998.

A construção lúdica de sentidos e significados de tempo de lazer estabelece a intimidade necessária às relações, fundada na “lei do segredo” que, para Maffesoli, é um modo privilegiado de compreendermos os jogos de cumplicidade estabelecidos nas relações sociais. Jogos mediados por inúmeras linguagens que preservam o interior dessas relações e que, na presente pesquisa, chamou minha atenção, especialmente, pelas linguagens do silêncio, do riso e da ironia nas experiências de encontro construtoras de tempo de lazer.

A máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas na forma de moda, ou ainda, o conformismo de um estilo ‘gente bem’. Em qualquer caso, ela subordina a pessoa a esta sociedade secreta que é o grupo afinitário escolhido.¹²⁸

A confiança, que se estabelece entre os participantes do grupo, se exprime por meio de rituais, de signos com reconhecimentos específicos e outros modos cujo objetivo é fortalecer o grupo pelo afeto, a amizade e a cumplicidade.

É nesse sentido que identificamos nesta pesquisa o silêncio, o riso, a ironia. Um exemplo interessante foi observado no GRUPO 1: chamou a atenção dos colegas o fato de um jovem desse grupo não ter participado dos debates, permanecendo em silêncio a partir da sua narração sobre o dia de lazer lembrado. E, por isso, seu colega, em determinado momento do Grupo Focal, disse:

“(esse meu amigo aqui do lado) tem algum comentário aí? (esse jovem, durante o “Grupo Focal”, que falou apenas na sua apresentação, fica sério)... tem gente que lazer é ficar na dele também... tipo assim... o cara gosta de ficar no mundo dele né? [...] a descontração realmente é lazer... estamos rindo assim e é bom... é um lazer também fazer os outros rirem... até ele ((o amigo que ficou em silêncio todo tempo)) tá rindo... ele é meio tímido frente as câmaras... mas realmente longe dela ele solta a franga...”

Silêncios, olhares, gírias, ironias, humores e outras “manhas do corpo” são códigos muito usados que afirmam palavras não aceitas ou desejos de preservação de idéias entre os parceiros do grupo. São linguagens reveladoras de nítidas cumplicidades entre amigos. Como sentido de resistência ou como

¹²⁸ Simmel *apud* Maffesoli, 1987:128.

linguagem construída para preservar a intimidade com o outro, pressupõem o monitoramento reflexivo das condutas na e por meio da co-presença, que implica, no ambiente, a ordem temporal dos gestos e da conversação.

Nunca será demais reforçar a função unificadora do silêncio, que os grandes místicos compreenderam como a forma por excelência da comunicação. Existe um laço entre o mistério, o místico e o mudo; este laço é o da iniciação que permite partilhar um segredo. Que este último seja insignificante ou mesmo, objetivamente inexistente, não é essencial. Basta que, embora de maneira fantástica, os iniciados possam partilhar qualquer coisa. [...] Cada vez que se deseja instaurar, restaurar, corrigir uma ordem de coisas e uma comunidade, toma-se por base o segredo que reforça e confirma a solidariedade fundamental. O silêncio relativo ao político fala do ressurgimento da socialidade.¹²⁹

Assim,

na verdade, o fato de constituir uma ‘panelinha’, tal como ocorre nas redes sociais, não significa o fim do estar-junto, mas, simplesmente, que este foi investido em outra parte que não as formas reconhecidas pela legalidade institucional.¹³⁰

As “manhas do corpo” no jogo do silêncio evidenciam, também, que os limites não são tão rígidos quanto podem nos parecer. O corpo “voa”, mesmo sob a coação do outro. E quanto mais é coagido mais ele desenvolve outras capacidades interativas com seus pares, por meio de códigos e linguagens que, muitas vezes, somente os parceiros entendem. A palavra, que sempre articula razão e emoção, supera situações de rigidez impostas na relação entre discurso e prazer. As “manhas do corpo” evidenciaram diversificados modos de manejo das linguagens que integram o sistema expressivo-comunicativo que os corpos são capazes de criar e usar.

Essa reflexão mostra que, às vezes, o segredo pode ser o meio de estabelecer o contato com a alteridade no quadro de um grupo restrito; ao mesmo tempo ele condiciona a atitude deste último diante do exterior, qualquer que seja ele. Essa hipótese é a da socialidade. Suas expressões podem ser, na verdade, muito diferenciadas, mas sua lógica é a do partilhar um hábito, uma ideologia, um

¹²⁹ Maffesoli, 1998:129.

¹³⁰ Maffesoli, 1987:134-136.

ideal, que determinam o estar-junto, o que implica uma proteção contra as imposições.¹³¹

O ardil, o silêncio, a abstenção, as “manhas do corpo”, tal como o riso e a ironia, podem desestabilizar opressões, como mostra a fala a seguir:

“o pobre se diverte até correndo de tiro cara... é mesmo! a gente corre... corre... depois que pára a gente fica pensando nó:: aquela foi doida! e dana a ri um do outro...” ((risos))

Esses e outros exemplos que pude observar nas minhas buscas mostram que no tempo de lazer, como em todos os momentos da vida cotidiana, o riso tem sido um gesto ambivalente que pode significar alegria ou meio de camuflar: “não posso dizer-lhe o que me faz rir”. O humor nasce, assim, de ruptura, do contraste, da dissonância criada entre imagem recebida e efeitos incongruentes que os valores em jogo acarretam.

Às vezes, como mostra o diálogo a seguir, o humor e a ironia, ligados ao sarcasmo, são modos de denunciar, pelas suas “entrelinhas”, a violência.

Um jovem do GRUPO 5:

“eu daria mais liberdade... a gente hoje vive muito preso entendeu (frase interrogativa) limitado naquele mundinho pequeno... como se diz... é porque a gente é morador de favela então a gente fica muito limitado aqui dentro... muito preso... então a liberdade é muito importante pro lazer...”

Uma jovem:

“A GENTE TEM QUE FICAR NO NOSSO LUGAR NÉ... O NOSSO LUGAR É AQUI PRONTO E ACABOU...”

O jovem:

“ironizando porque (frase interrogativa) se você pensar eu não tenho que ficar aqui dentro e pronto só vai ser isso aqui na vida... meu mundinho fechado aqui... vou arrumar serviço aqui dentro... aquela coisa de não pensar em expandir... NOSSA SENHORA...”

Com isso, como argumenta Giddens, uma atividade que tem significação numa estrutura primária recebe um significado numa estrutura secundária. Nesse

¹³¹ Maffesoli, 1998.

sentido, violência vira piada e essa, um mecanismo de resistência em relação à própria violência.¹³²

Mais sutil, a ironia, geralmente, opõe dois elementos distantes, revelando, quase sempre, uma certa frustração, dada a disparidade entre expectativa e poder de acessibilidade do que é colocado. O humor supõe contradição de natureza interna, que permite compreender que, quase sempre, quem ri vai ao encontro de si mesmo, e é nesse encontro que o humorista exerce sua verve. O humor é, pois, uma distância. A ironia também, embora mais dura, e implacável. Ambas são narrações que fazem ouvir uma verdade de modo manhoso, fingindo dizer o contrário.

Mais sutil, a ironia opõe dois elementos distantes, revelando, quase sempre, uma certa frustração, dada a disparidade entre expectativa e poder de acessibilidade do que é colocado.

A leitura das várias linguagens do corpo, reveladoras de suas competências individual e grupal, é fundamental para a compreensão dos modos de vida dos sujeitos e sobre como cada um deles lida com seus limites, o que a narrativa a seguir também nos mostrou.

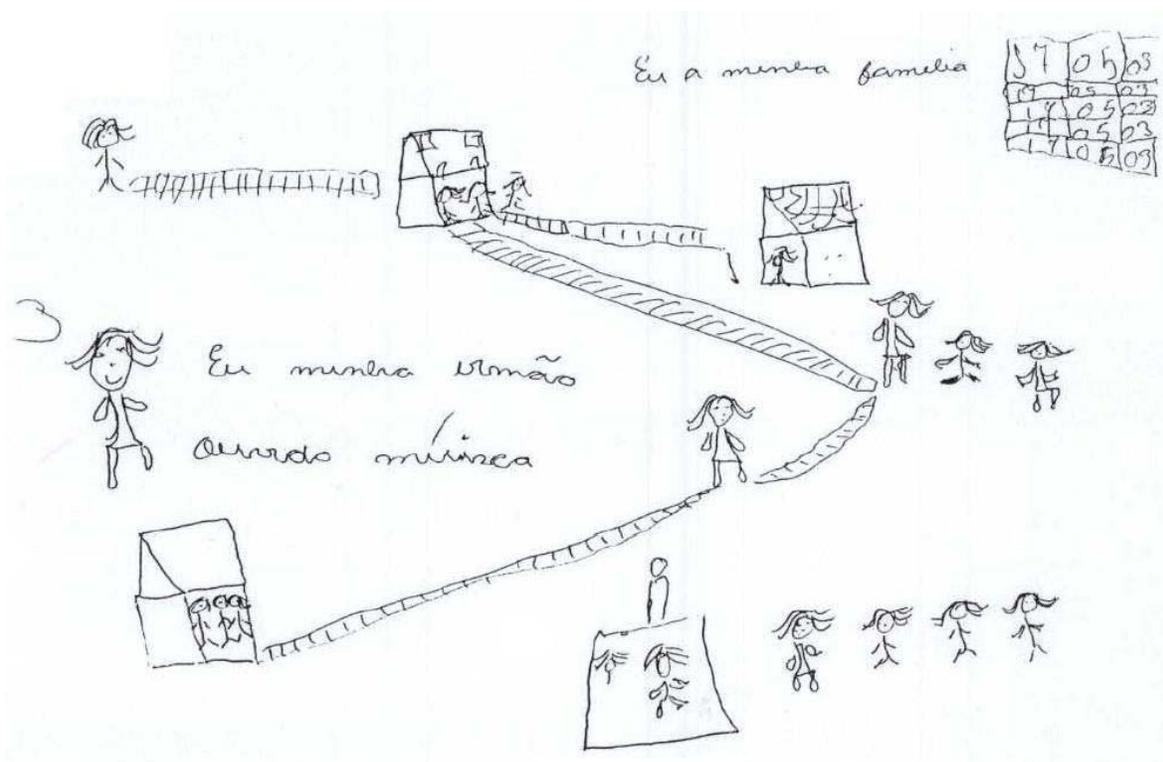
A jovem (18 anos) participante do GRUPO 6, moradora em uma Vila, referendou a denúncia de limites vividos para o lazer feita pelos seus colegas, ao expor sobre seu registro de um dia de lazer para o grupo, dizendo:

“ah:: eu levanto cedo... vou pra escola... chego da escola vou pra casa... arrumo casa... depois levo minha irmã pra escola... fico com minha irmã ouvindo música aí depois vou buscar minha irmã na escola... agora eu não faço mais curso porque eu já fazia... já saí... só:: fico assistindo televisão e vou dormir e amanhã faço tudo de novo ... só... acabou...”

“eu gosto de ficá arrumando casa ouvindo música... ensaiando a vida... ficá pensando:: é bom ouvir música sabe?”

Narrativa que ficou significativamente desvendada no registro que fez por meio do seguinte desenho.

¹³² Giddens, 1993.W



As falas explicitadas neste item, bem como em outras expressas ao longo deste texto, mostram contrastes sociais muito grandes entre os grupos, chamando atenção sobre a condição de extremo controle social e risco vividos pelos moradores da Vila, participantes desta pesquisa.

O modo como os três jovens moradores da Vila relatam suas experiências de lazer — centradas em suas casas (homens e mulheres) e fora desse local (homens) — colocam outra evidência neste estudo sobre sentidos e significados de tempo de lazer, ou seja, nesse tipo de situação, os sujeitos buscam o lazer, sobretudo, pela vivência de sonhos. Sonhos permitidos a esses jovens a partir da negociação em grupo, que aconteceu desde a primeira intervenção deles no Grupo Focal, e explicitado ao longo de todo o encontro pela imaginação criadora, colocada em evidência pelos três participantes que, de vários modos“, ensaiaram a vida”, como disse a jovem em seu primeiro depoimento.

Baseando-se nos estudos de Giddens sobre transformação da intimidade na modernidade, Castells enfatiza a possibilidade dos corpos submetidos a excessivos controles expandirem fantasias e ações “libertário-recreativas” — com

autonomia e prazer —, pelas quais o prazer torna-se de propriedade do indivíduo.

E complementa:

onde Foucault percebeu o prolongamento dos instrumentos do poder na questão sexualmente elaborada/interpretada, Giddens vê, e eu concordo, a luta entre o poder e a identidade nesse campo de batalha que é o corpo humano.¹³³

O corpo não é, pois, apenas objeto sobre o qual age o poder disciplinar controlador. O corpo é também portador de auto identidade.

O que é revelado pelo silêncio dos jovens moradores da Vila sobre o que acontece nela é contundente no sentido de revelar o alto nível de controle e violência desse lugar. Essa descoberta me fez observar a Vila. Percebi que possíveis espaços para o lazer — como uma quadra esportiva situada no limite externo da região — são pontos para o controle e o tráfico de drogas.

Nesse local, as casas são consideradas “portos seguros”, e o tempo de lazer, para os homens que podem aventurar-se pela cidade, acontece onde for possível, como mostram as várias narrações apresentadas neste texto: nas ruas, na igreja, na natureza. Experiências de vida diferentes das relatadas pelos jovens moradores no Aglomerado que, nos limites desse local, realizam várias experiências de lazer dentro e fora de casa, na rua ou em outros locais da região.

Esta pesquisa revelou significativas diferenças no *modus vivendi* encontrado na Vila e no Aglomerado. Neste último, as várias intervenções sociais educativas, desenvolvidas por iniciativas dos setores público, privado e do Terceiro Setor, vêm trazendo novas possibilidades para a comunidade e seus moradores.

Os efeitos da violência, inclusive da violência simbólica, como nos diz Bourdieu e Passeron¹³⁴, são devastadores. Eles instauram preconceitos que discriminam mulheres, negros, índios, portadores de necessidades especiais,

¹³³ Castells, 2000: 275. V. 2

¹³⁴ Prática que visa à mudança de comportamento do outro por meio de procedimentos, técnicos ou discursivos, que levam o indivíduo a interiorizar normas, valores, idéias e crenças, que privilegiam alguns grupos na sociedade em detrimento de outros (BOURDIEU, PASSERON, 1992).

além de outros setores minoritários da sociedade. Suas vítimas não aparecem de imediato. Levam-se às vezes, anos para se verificar o que eles produziram nos indivíduos: medo, insegurança, baixa auto-estima, sentimentos de humilhação e vergonha, perda de identidade ética e cultural, dificuldade de inserção social e desenvolvimento de atitudes hostis contra modelos e/ou instituições de sociedade.

Uma profissional que atua com projetos sociais, entrevistada nesta pesquisa, afirmou que, em geral, as discussões realizadas sobre e com os jovens conviventes em áreas de risco em nossos grandes centros urbanos não contemplam o lazer, somente o trabalho e a qualificação profissional (leia-se qualificação numa perspectiva restrita, ou seja, limitada à qualificação para uma profissão, por exemplo: padeiro). Essa profissional esclarece que não se trata de desconsiderar a importância das qualificações profissionais: a questão é fazer isso sem considerar a formação humana desse jovem, fundada numa política social que priorize o autoconhecimento, a percepção de suas potencialidades, ampliando seus horizontes, para que ele possa sonhar, arquitetar outras perspectivas e construir projetos de vida para si e para a comunidade na qual está inserido.

2.3.5 “o lazer é importante como um tempo pra você se autoconhecer...”

Como experiência relacional o tempo de lazer é experiência de construção e conhecimento das diferenças.

A construção de estilos de vida no tempo de lazer torna-se uma das condições de reconhecimento do indivíduo e dos sujeitos. O diálogo seguinte do GRUPO 1 mobilizou a reflexão sobre esse argumento.

Um jovem:

“o lazer é importante como um **tempo pra você se autoconhecer... ver suas potencialidades...** cada um aqui mostrou isto ao falar que gosta de futebol e violão... cada um faz uma atividade que às vezes é **a mãe que fala, que escolhe...** mas muitas crianças e jovens pedem... eles mesmos têm vontade de conhecer alguma coisa nova... eu fiz teatro um tempo... eu me autoconheci muito neste tempo e acho que cada um faz uma coisa que gosta e que acha que tem talento para isto...”

Uma jovem:

“isso aconteceu comigo... a **minha mãe disse:** ‘você vai fazer piano’ e eu **fiquei sete anos aprendendo piano até não agüentar mais...** estava sendo ótimo pra mim mas no ano passado estava a ponto de explodir... foi ‘um saco’ ficar lá o ano passado sem querer e minha mãe insistindo... **acabei gostando foi muito bom depois...**”

Um segundo jovem:

“meu caso foi o contrário dela... **implorei pra minha mãe me colocar na aula de violão e em um mês de aula odiei e saí...** eu **queria o violão como uma coisa de lazer** e não agüentei mais porque não gosto de treinar... eu sou preguiçoso... minha aula passou para meu irmão porque exige muito tempo e eu **não tenho a mínima vontade durante a semana** de ficar sozinho lá tocando...”

O primeiro jovem:

“é porque deixou de ser lazer...”

Um segundo jovem:

“deixou... meu irmão como já tocava gostou da idéia da aula... ele era muito ruim e agora está mais ou menos...”

Pensando sobre a fala desses jovens, considerando a construção de estilos de vida na contemporaneidade, vemos que eles falam de um mundo em que, para poder produzir e construir, os atores sociais devem “reconhecer-se” na identidade que constroem ou naquela que lhes é imposta pela multiplicidade de pertencimentos sociais e sistemas de regras que os governam. A sociedade contemporânea tem possibilitado a construção de diferentes estilos de vida, definindo sentidos e orientações da ação individual por meio de processos capilares, diferenciados e pontuais de difusão de modelos simbólicos. Os estilos de vida falam de um mundo em que,

para poder produzir e construir, os atores sociais devem ‘reconhecer-se’ na identidade que estão em condições de construir ou naquela que lhes é imposta pela multiplicidade de

pertencimentos sociais e pelos sistemas de regras que o governam. Uma sociedade de aparatos impõe identidade, definindo o sentido e as orientações da ação individual por meio de processos capilares, diferenciados e pontuais de difusão de modelos simbólicos¹³⁵.

Falam de como os atores sociais, com modos de vida estranhos uns aos outros, criam formas de viver em comum, permanecendo fiéis à especificidade de cada um. Nesse contexto, o indivíduo não basta por si mesmo. Ao contrário, nas suas interações grupais vive papéis diferentes, faz negociações diversas e retoma a importância do afeto na vida social. O grupo, “a tribo” como fala Maffesoli, é penhor da solidariedade, vivência intensa de empatia, afetividade imediata, mas, também, a possibilidade de controle.

Nesse mundo de fluxos globais de riqueza, imagens e poder, tão repleto de alternativas e, ao mesmo tempo, tão constrangedor, as escolhas dos sujeitos dizem respeito à sua identidade, pois,

quando grandes áreas da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a negociar opções de estilos de vida. Além disso — e isto é crucial —, tais escolhas não são apenas aspectos ‘externos’ ou marginais das atitudes dos indivíduos, mas que definem quem o indivíduo é¹³⁶.

Mas, também, nesse mesmo contexto, os atores sociais criam formas de viver em comum, segundo suas culturas. Nas suas interações grupais, vivem papéis diferentes, fazem negociações diversas e cada vez mais atribuem importância ao afeto na vida social.

Como ressalta Featherstone,

‘estilos de vida’ é uma expressão que, com as transformações contemporâneas, deixou de ser concebida como conjunto relativamente fixo de disposições, gostos e práticas culturais que demarcavam fronteiras entre grupos para, na cidade contemporânea, se constituir de maneira mais dinâmica. Em decorrência, o estilo de vida não mais se constrói com base nas relações de classe ou de vizinhança, mas na dinâmica do

¹³⁵ Melucci, 2001:80.

¹³⁶ Giddens, 1993:87.

cotidiano, onde a coerência e a unidade dão lugar à exploração de experiências transitórias com efeitos diversos.¹³⁷

Nesse contexto, os estilos de vida, para Giddens, revelam que, quando grandes áreas da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a negociar opções de estilos de vida.

Além disso, tais escolhas não são apenas aspectos “externos” ou marginais das atitudes dos indivíduos, mas definem suas identidades. Isso porque, ao lado da homogeneização provocada pela globalização econômica e cultural, acentuam-se as diferenças, conflitos e desigualdades sociais. Para Giddens, na atualidade, se de um lado se destacam as influências globalizantes, de outro as disposições pessoais que movem os sujeitos a negociar estilos de vida em meio as suas oportunidades culturais. Em decorrência, esses são levados a planejar a vida reflexivamente, o que se torna uma das características básicas da construção da auto-identidade.¹³⁸

Outra face dessa discussão revelou o lazer como possível espaço de abertura de diálogo com o outro, exercício de encontro necessário para o reconhecimento do sujeito. Um relato de experiência vivida com jovens em “liberdade assistida”¹³⁹, apontou nesse sentido.

“um depoimento pra nós foi superforte... é que a gente tinha um jovem que foi encaminhado pelo Programa Liberdade Assistida que está inserido no núcleo... então quando o jovem é encaminhado e ele está no núcleo além dele estar no núcleo ele continua tendo um acompanhamento do programa que é o acompanhamento mais individual... tem uma técnica que acompanha esse jovem, faz encontros com ele... tenta trabalhar com ele no sentido de tentar ajudá-lo a construir uma saída pra ele e tal... aí ela fala assim... que com esse jovem não tinha jeito... quer dizer... ela não conseguiu criar algum vínculo de confiança... de diálogo com esse jovem... e isso tem que se ter... e ela não estava conseguindo com esse jovem... não tinha... não chegava... sentava e pronto e não se conversava... aí aconteceu um episódio que a deixou superentusiasmada porque... o núcleo começou a ter oficina de esporte e lazer e nessa

¹³⁷ Featherstone, 1995:119.

¹³⁸ Giddens, 1991.

¹³⁹ Medida educativa determinada judicialmente aos adolescentes em conflito com A Lei. Ver: Estatuto da Criança e do Adolescente, Seção V, Art.118. (CRESS, 2003)

oficina uma das propostas foi organizar uma rua de lazer na comunidade... além do intercâmbio do encontro entre os núcleos a partir de atividades de esporte e lazer... e aí a educadora que estava atuando propôs que quem iria organizar essa rua de lazer eram os jovens... então ele dividiu todos em grupos... aí então o jovem... não sei se a tarefa dele era viabilizar gelo... não sei o que era... era alguma coisa... e ele chegou no encontro e pediu assim... estou precisando de sua ajuda... [...] e foi aí que ele começou a conversar com ela e contar da oficina... foi a primeira vez que ele está entusiasmado por alguma coisa... nesse tempo todo que ela trabalhou com ele não tinha nada que o mobilizava e aí ele tá todo entusiasmado... a gente achou a ponte a partir da qual começou a conversar com esse jovem...”

Mesmo que essa dinâmica de grupo tenha objetivos próprios e sendo finalística, ou seja, pretendendo chegar a algum lugar e, por isso, não é formulada pelos próprios jovens, ela sinaliza para a mobilização do jovem analisado, via as ações de lazer. O relato aponta mudança na vivência temporal desse sujeito a partir da proposta de lazer, o que indica um provável motivo para o reconhecimento desse jovem como sujeito-autor do processo vivido. Permito-me a essa análise considerando as minhas experiências em campo nos Grupos Focais onde, diversas vezes, pude perceber mudanças no comportamento dos jovens na medida em que se sentiam autores do processo organizado para a pesquisa, inicialmente proposto pela pesquisadora como dinâmica de levantamento de dados.

2.3.6 “fui na Praça do Papa ver o show do *Tia Anastácia*... tinha um monte assim de grupos assim de gente assim de todos os lugares de Minas sabe... de todo jeito...”

A comunhão de emoções ou de sensações vividas nas experiências compartilhadas no tempo de lazer participam da constituição de identidades dos sujeitos e grupos, como identificado na pesquisa, relacionado ao gosto dos jovens,

das diferentes camadas sociais, pela música do grupo musical *Tia Anastácia*, citado no GRUPO 3¹⁴⁰ e no GRUPO 4, por exemplo.

“meu dia de lazer preferido pra mim foi um dia que juntou todo mundo do grupo de jovem e a gente foi no Parque das Mangabeiras... a gente tava comemorando o dia acho que nacional da juventude não lembro... isso foi em 2002... um tempo... aí foi todo mundo e tal aí ia ter show do *Tia Anastácia*... de um monte assim de grupos assim e lá tinha gente assim de todos os lugares de Minas sabe... de todo jeito... conheci tanta gente diferente acho que foi um dia muito legal...”

Essa fala, de uma jovem do GRUPO 4, instiga-me a refletir sobre o fato de que a sociedade não se resume numa mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se (re)organiza nos seus (re)encontros, nas experiências no seio dos diversos grupos aos quais pertencem os indivíduos. Esses grupos, uns com os outros, constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada de polaridades muito diversificadas¹⁴¹.

A experiência vivida no show na praça torna-se oportunidade de lazer não só pela possibilidade da comunhão de emoções ou sensações, sem as quais perderiam muito de seu significado como lazer e referência como grupo que compartilha do mesmo gosto, como também como expressão do tempo de lazer localizado em torno de locais que passam a ter referência de território, no seu sentido amplo de termo. Ou seja, como lugar que integra representações, estilos de vida e esperanças de grupos que compartilham de afinidades, como discute Maffesoli¹⁴². Experiência tanto difundida cotidianamente, que funda a vida social ou que faz lembrar sua fundação, o que ocorre com os grandes acontecimentos comemorativos. “O lúdico é, portanto e [...] fundamentalmente, o efeito e a consequência de uma socialidade em ato”.¹⁴³

¹⁴⁰ Ver relato registrado na página 99 do presente texto.

¹⁴¹ Maffesoli, 1987:124.

¹⁴² Maffesoli, 1998.

¹⁴³ Maffesoli, 1998: 71.

2.3.7 “meu dia de lazer... eu fui pra fazenda dos meus avós com meus amigos... a gente foi sozinho sem nenhum adulto... aconteceu de tudo... tinha que parecer que a gente tava dormindo... aí aquela coisa só a luz de vela que tava acesa... e aí a gente escutava cada barulho... naquele escuro... cada mosca que entrava era um monstro...”

“gosto de arrumar casa... ouvindo música ensaiando a vida... sabe?”

O imaginal, o ficcional, enfim, o fantástico, foi outra condição de estruturação de sentido e significado de tempo de lazer evidenciada nesta pesquisa, como exemplifica a narração seguinte, do jovem do GRUPO 3.

“bom o meu dia de lazer foi um dia que eu fui pra fazenda dos meus avós... foi a primeira vez que a gente foi sozinho sem nenhum adulto... fomos eu... um amigo... minha prima e uma amiga dela... ((risos)) então... assim a gente chegou e teve um dia que a gente acordou assim... aí a gente foi tomar café e tal... café assim de fazenda... café com leite aquela coisa... aí fomos andar a cavalo... bem assim aquela coisa calma e tal... aí chegamos... comemos aquela comida gostosa mesmo... bem de roça e tal e aí é supergostoso assim... aí depois ficamos de tarde lá à toa jogando conversa fora... jogando Wor e tal aquela coisa super à toa... todo mundo lá só conversando e tal... um ia lá pegava uma coisa... pegava um doce de leite... comia... só assim... só à toa... numa moleza... aí depois fomos jantar ainda... comer mais comida... sempre comendo... comendo... parece que a gente estava ali só esperando a próxima comida... aí a gente comeu bastante e depois a gente foi ver filme né... aí depois vimos o filme e o melhor foi à noite né... quase acabando o dia né... aí a gente dentro da sala assim... acabou o filme aí a gente foi jogar buraco... viramos a noite jogando buraco... e aí a gente no meio da noite... começamos a escutar uns barulhos e apagamos as luzes todas... ninguém podia ver que a casa estava acesa né... porque senão eles iam achar que a gente estava acordado... tinha que parecer que a gente tava dormindo... aí apagamos tudo... aí aquela coisa só a luz de vela que tava acesa... e aí a gente escutava cada barulho... virou assim... ah meu Deus do céu... e aí meia-noite... naquele escuro... aquela coisa... cada mosca que entrava era um monstro... assim viramos a noite... quando o dia foi amanhecendo fomos dormir... e isso aí... pra mim assim... você falou assim em lazer... a primeira coisa que veio na minha cabeça foi esse dia tão gostoso que eu nem percebi esse dia passar...”

Essa narrativa nos remete à discussão sobre o imaginário representado naquilo que chamamos de “minúsculas situações da vida cotidiana”. Vários estudos mostram como essas experiências estruturam a socialidade básica e, como dizem os jovens nesta presente pesquisa, também o tempo de lazer. Maffesoli é um desses estudiosos que analisa como o fantástico e o ficcional participam na constituição da realidade das relações entre os sujeitos.

Como mostra a fala anterior, o tempo de lazer narrado é, especialmente, lúdico representado pelo exercício de combinações diversas para satisfazer fantasias, curiosidades e necessidades. O fantástico nasceu da escolha de alguém e materializou-se no mundo dos desejos, na libertação das normas, no compartilhamento da vida coletiva, tornando-se um visível invisível com possibilidades de transformações no mundo-jogo da realidade. O imaginário do grupo ampliou-se com a confiança entre os participantes, alicerçada pela vivência do encontro.

O imaginário permite a duplicidade de intenção dos indivíduos, muitas vezes apenas aparentemente integrados na ordem social, mas ao modo de cada um, preservando, para si e para seus amigos íntimos, experiências que lhes permitem sobreviver às várias imposições da ordem social vivida. O cinema e a obra de ficção são exemplos disso, tempo-espço de vivência do duplo, cuja forma mais completa é o sonho, que permite essa “distância de si para si”.¹⁴⁴

Outro exemplo é dado por uma jovem do GRUPO 6, moradora em um contexto social muito controlado que lhe dá apenas como possibilidade de viver o lazer em casa, nos seus afazeres domésticos, onde vive seu tempo de lazer:

“gosto de arrumar casa... fazer comida... levar minhas irmãs pra escola... ouvir música... assistir televisão... depois fazer os deveres as tarefas... eu **gosto de ficar arrumando casa ouvindo música ensaiando a vida...** ficar pensando:: é bom ouvir música sabe (frase interrogativa)”

Na vida cotidiana, banal, encontramos uma importante dimensão fantástica que tem origem na brecha instaladora da duplicidade, do desdobramento. Ficar

¹⁴⁴ Maffesoli, 1998.

fora de si, como é freqüente também quando alguém assiste a uma sessão de cinema, é uma atitude fantástica, mágica, que permite a resistência à injunção da identidade que nos obriga a ser isto ou aquilo, operário, homem, mulher, oprimido. Esse desdobramento mágico, que possibilita “navegar” infinitamente num tempo-espaço livre de liberdade, permite-nos a compreensão de tudo que o curso existencial e social possui de caótico, imprevisto, aleatório e conflitante.¹⁴⁵

O fantástico e a ficção tornam-se fatores de organização do tempo-espaço vital, tornando o cotidiano aceitável. Histórias de fantasmas, monstros, o fantasiar da vida cotidiana

constituem o substrato dos mitos e discursos cotidianos, sem que estejam tão cristalizadas como ficção romanesca ou cinematográfica. E desempenham papel de senhas, sinais de reconhecimento, permitindo a comunicação de base [...]. Assim, frente a gestão da existência que é sobretudo linear, planificada, cheia de sentido e racional, o duplo introduz a descontinuidade, o *non sense*, a acentuação do presente. [...] Viver o instante, vivê-lo plenamente sem se preocupar com o futuro, é onde o fantástico se reúne ao mito que recapitula na simultaneidade, aquilo que a história dispersa no tempo linear. Nesse sentido, a ficção é o "duplo" da vida cotidiana, no sentido mais forte do termo, o desejo de eternidade.¹⁴⁶

A poética da vida cotidiana e suas criações muitas vezes imperceptíveis permitem perdurar a socialidade, a experiência mágica que contribui para superar a dominação do querer-viver no tempo social, enfatizada pela condição social da jovem do GRUPO 6 — no seu tempo de lazer em casa — seja pelo jovem do GRUPO 3 — nas suas experiências na fazenda da avó sem presença de adultos.

Esses e outros casos mostram como, para esses jovens, no encontro consigo mesmos e com o outro, pelas experiências da fantasia, estão reconhecendo-se como sujeitos que, ludicamente, ocupam lugar central na experiência vivida, que nasce dele, da sua curiosidade e capacidade de transformar o desejado em algo possível. Experiência que provoca sua

¹⁴⁵ Maffesoli, 1998.

¹⁴⁶ Maffesoli, 1998:101-103.

imaginação, sua vontade, seu poder e pluralidade de realizações. Mostra as situações do “faz-de-conta” como oportunidade dos sujeitos de pensar, decidir e agir não necessariamente de modo congruente com o jogo da realidade sociocultural mais ampla onde se insere.

Assim, do vestuário à habitação ao encontro, sem esquecer o fantástico de todos os dias, o presente se instala, divertindo e criando ilusões diferentes.

2.3.8 “eu no domingo vou para casa de minha avó... visito as pessoas lá e eu considero isso lazer porque a gente sente que os parentes sentem bem quando a gente vai visitá-los e dar uma alegrada com o pessoal”

O tempo de lazer é parte de jogos que entrelaçam também histórias construídas e sentidas que representam a teatralização da vida cotidiana, reveladora de significados de tempo de lazer identificados em algumas situações da presente pesquisa, como as identificadas a seguir.

Um jovem do GRUPO 1, ao narrar seu dia de lazer, enfatizou o tempo de lazer como sentir-se bem entre os parentes:

“a gente sempre vai a algum lugar... aí vamos supor umas duas, três horas assim vou para casa de minha avó... visito as pessoas lá e eu considero isso lazer porque a gente sente que os parentes sentem bem quando a gente vai visitá-los dar uma alegrada com o pessoal...”

E, quando perguntei a todos o que acharam de interessante na fala dos colegas, outro jovem disse:

“eu **achei diferente** que pro ((o que esse colega disse) **visitar família é lazer**... não vejo isto como lazer predileto e nem como lazer... nem curto tanto visitar parentes... **achei interessante ele curtir isto**...”

Argumento discutido por outro jovem do grupo ao se referir ao domingo como um dia de rotina:

“o domingo da nossa família é dedicado à família... a gente vai na avó e na casa ((de uma suas tias))... é dia que a gente fica conversando com vizinhos...”

E, narrando o seu dia de lazer, a jovem falou também destaca como lazer uma rotina na tarde de sexta-feira:

“eu saio com minha vizinha... dou umas voltas e fico atééééé quatro horas... quatro e meia vou para o clube encontrar o povo lá e fico jogando vôlei ou tipo conversando... de seis e quinze às oito e quinze estou na aula de vôlei... aí tomo banho vou pra casa da minha vizinha e a gente sai para o Parada... lá é um lugar gostoso com música ao vivo... aí eu volto pra casa e durmo...”

Mas foi a leitura que um jovem do GRUPO 4 que dá ênfase a rotina dos encontros familiares:

“quando eu era menor meu pai e minha mãe me levavam nos locais que eu nunca ouvi falar... uns locais que só gente antiga gosta de ir... eu era obrigado a ir... entendeu (frase interrogativa) PARENTE DE NÃO SE DE LÁ ONDE... MADRINHA QUE NÃO SEI DE LÁ ONDE... FULANO DE NÃO SEI DE LÁ ONDE... e eu que nem conheço o pessoal tinha de ir... chega lá e ainda escutar aquela coisa... NÓ! ELE CRESCEU NÉ? OLHA! ((risos))”

Uma jovem desse grupo completa dizendo que

“os pais antes eles tinham aquela coisa... quando a gente é pequeno tem que pedir bença aos mais velhos... tem que dá braço a fulano... a ciclano... isso também cansa né:”

As experiências familiares relatadas enfatizam o tempo de lazer como tempo de rotina. Falas fundadas nas idéias de reprodução e hábitos tradicionais cristãos, que elegem o domingo como o “dia da família”. Dia em que se vive o tempo disponível.

Ao mesmo tempo, essas falas revelam rituais cotidianos que, mesmo nas formas mais convencionais, exteriorizam trocas, que constituem a organização social e tempos de lazer. Nesse sentido, as experiências convencionais, nesses casos narrados pelos jovens, podem, ao meu ver ser compreendidas como

modulações do sagrado, desde que se compreenda que o divino é a auto-afirmação do social. Do ‘bom-dia’ banal às discussões acadêmicas mais elaboradas, das frases anedóticas, que pontuam nossas ações de todos os dias, às trocas afetivas que dão

qualidade a existência, o ritual teatral (a etiqueta) é operante, ele permite a comunicação, a troca, isto é, ele permite o ser social¹⁴⁷.

Teatro da continuidade, expresso como representação da vida cotidiana. É a sociedade como encontros que negociam presenças mútuas, “representações” nas quais os “papéis” se trocam, se sucedem, se opõem. Encenação cotidiana que nos ensina sobre ordens diversas-produtiva, lúdica, tecnológica e outras que participam de (re)encaixe de situações. Mostram que podemos compreender o dinamismo criador, próprio do tempo de lazer, em formas sociais, “aparentemente” formais e tradicionalmente “obrigatórias”. Em práticas realizadas na família, escola e em todas “instituições” em que são estabelecidas relações face a face entre pessoas, por meio das quais podemos identificar a vida social construída de teatralidade e contradições.

Nesse sentido, a fala da jovem do GRUPO 5, colocada a seguir, ao mesmo tempo que expressa lazer, coloca a condição da mulher num contexto social que limita suas experiências aos espaços privados, especialmente o lar. Com isso, o que é, muitas vezes, considerado lazer pode também representar limite social, por exemplo:

“meu dia de lazer é quando eu ouço música porque todo dia eu ouço música lá em casa... eu coloco as músicas que eu mais gosto... coloco na maior altura e quem não tiver gostando eu não tou nem aí... o que importa é que eu tô gostando... eu também adoro cuidar das plantas de lá de casa... fica tudo verdinho porque só eu que cuido porque eu amo planta... e dá banho nos meus cachorros... ficam lindos... maravilhosos branquinhos... ((risos)) é que eu dô banho neles todo dia... então esse é o meu lazer...”

O mesmo acontece com uma jovem do GRUPO 1, que disse:

“mas lazer também não é só sair de casa... por exemplo, na esquina da minha casa tem uma locadora e eu tô a fim de ver um filme bem legal, eu vou lá pego um filme e vou curtir-lo dentro de casa...” (o colega faz gesto de dúvida com a cabeça)

Também o jovem do GRUPO 4 diz:

“eu ligo o som e arrumo casa divertindo...”

¹⁴⁷ Maffesoli, 1998:181.

Essas falas expressam a teatralização da vida cotidiana estruturando significado de tempo de lazer como experiência simultânea de papéis e atividades sociais cotidianas das mulheres e dos homens. Simultaneidade que representa uma das características da vida moderna, propiciada pela ampliação simbólica de tempo social, mudança de significado de tempo de lazer, que passa a comportar possibilidades simultâneas de, como mostram outros exemplos, comer e ler; comer e ver televisão; trabalhar ouvindo música; costurar ouvindo rádio; realizar tarefas domésticas cantando, ver TV e dançar, e outras.

As experiências dos sujeitos são construídas por meio de múltiplas combinações de linguagens, modos de expressão, afeto e racionalidade, movimentos e posturas, modos de decidir, agir e divertir. Contexto que reúne (re)combinações diversas das atividades cotidianas, com vista a ressignificação de tempos e atividades. (Re)combinações reveladoras de uma vida instável, permanentemente modificada, por meio de influências múltiplas, especialmente articuladas pelas redes de informação e “novas tecnologias”, um dos itens a ser tratados na próxima reflexão.

2.4 TEMPO DE LAZER COMO REPETIÇÃO CRIATIVA

Estou denominando de “repetição criativa” as situações discursivas, aparentemente “comuns”, que representam oportunidades de os sujeitos tornarem-se autores de suas experiências no tempo vivido, compreendidas pelos sujeitos da pesquisa como experiências de lazer.

Essa compreensão foi construída a partir do momento que a pesquisa me mostrou o tempo de lazer significando repetições criativas concretizadas em oportunidades possíveis vivenciadas nas instituições sociais como escola, igreja, trabalho, mídias e outras. Nas quais, em geral, têm sido, historicamente, marcadas por experiências homogeneizadoras.

Os dados apresentados e analisados nesse item mostram que há possibilidades de as rotinas no tempo cotidiano serem reversíveis, o que indica que seus fluxos não são apenas representativos de reprodução social, mas também de recursividade – que pode ser repetido, re-criado. Esses dois termos mostram o caráter repetitivo da vida cotidiana com sentidos e significados diferentes, segundo certa leitura que fazemos do que acontece nos fluxos dos dias, meses e anos, nos encontros dos sujeitos e seus modos de concretizar o domínio sobre os tempos-lugares e relações institucionais.

Para Mafessoli, a repetição representa negação do tempo, um signo de um “não-tempo” na vida cotidiana, instante vivido que permite à socialidade perdurar. Uma ação contrária à uniformização e ao totalitarismo de um processo linear e progressivo de tempo. Um dos meios de (re)estruturação social pela negociação dos seus desafios temporoespaciais, que pode ser considerado como um horizonte do ritual social vivido seja no auge da dor, da compulsividade ou da alegria¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Talvez a categoria “excesso” com a qual Callois (1988) diferencia a festa do jogo, do brincar, tenha o mesmo significado aqui atribuído à repetição criativa.

No ímpeto da alegria, a repetição criativa acentua o querer-viver no presente, que participa da contínua (re)habilitação desse viver. Nesse sentido, a repetição parece ser um modo desse (re)viver,

que podemos chamar de a *temática cíclica* [conteúdo simbólico do imaginário coletivo e individual]; na repetição se exprime um relativismo criador. A repetição arquetípica não significa obrigatoriamente estagnação, pois pode haver nela reapropriação efetiva e original de práticas e de situações que se enraízam fortemente numa qualidade da vida [pelos mitos, lendas, manifestações artísticas].¹⁴⁹

Nessa mesma perspectiva, Benjamim analisa a lei fundamental que rege a experiência do brincar, que, para ele, tem como premissa fundamental a lei da repetição. Ele nos orienta a ver que, por exemplo, nada alegra mais a criança do que o “mais uma vez”. Para ela, não basta realizar a atividade poucas vezes, mas, sim, sempre de “novo”, inúmeras vezes. E complementa:

também os adultos, ao narrar uma experiência [...] gozam novamente de uma felicidade. A criança volta a criar para si o fato vivido, começa mais uma vez do início. A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito.¹⁵⁰

Com esse olhar, passo a expor situações que identifiquei como possíveis experiências de repetições criativas vividas em várias instituições.

2.4.1 “o povo anda igual menininho... não tem espaço... vai inventando...”

“o dia D... é o dia em que os alunos do terceiro ano vão fantasiados assistir aula...”

“nos recreios de toda sexta feira o grêmio promove *show...*”

¹⁴⁹ Maffesoli, 1998:120.

¹⁵⁰ Benjamim, 1984:74-75.

“alguns professores de português... de história gostam muito de promover idas aos teatros e cinemas para começar alguma discussão da disciplina... todo mundo adora”

No encontro com os jovens do GRUPO 2, iniciei um diálogo assim dizendo:

“como é que vocês vêm o lazer na cidade de Belo Horizonte (frase interrogativa)”

O primeiro jovem respondeu:

“todo mundo sai sábado à noite...”

O segundo jovem falou:

“é porque o lazer segue mais ou menos a mesma linha... todo mundo faz as mesmas coisas no lazer... porque também não tem muita variedade... ou você faz aquilo ou não faz nada... ou você vai sair... vai pro clube... joga futebol nada ou fica em casa dormindo...”

O primeiro jovem voltou a dizer:

“só se for no domingo... de manhã... de manhã não tem nada pra fazer mesmo... de tarde a gente tem cinema... *shopping* ou sei lá... de manhã ou você vai no clube ou cê fica em casa vendo TV... não tem muita escolha não... ou você dorme...”

O segundo jovem, desenhando a rua como lugar seguro/perigoso, disse:

“antigamente meu pai até fala... antigamente eu ficava na rua jogando pião... bola de gude não sei o quê... mais aqui a gente não tem espaço... por até ter espaço mas não tem gente... às vezes não tem segurança pra você jogar futebol na rua... então eu acho que a sociedade mudou...”

A terceira jovem completou:

“esse negócio que eles estão falando... brincar na rua e tal... quando eu era mais nova... até os meus 10... 11 anos e tal... eu morava em bairro de periferia... então lá... tipo assim... eu morava com meus primos e lá todos pertos e tal... eu ia soltar papagaio na rua... bolinha de gude... andava no meio da rua... esses trem tudo... então eu acho assim que esse negócio de ir pro clube é mais elitizado... é um grupo que tem mais... poder aquisitivo que pode ir pra esses clubes... igual provavelmente é o Minas hoje... eu sou sócia mais quando eu era mais nova a minha família não era tão rica como é hoje... então de vez em quando a gente ia soltar papagaio... jogar dedanha... jogar pelada no meio da rua... quer dizer... tinha essas coisas... lugar tem... depende da camada social de cada um...”

O primeiro jovem retomou a fala e, expressando a dicotomia da ausência da rua pela sua presença imaginária, diz:

“igual você falou... eu sempre fui criado em apartamento eu não tinha lugar pra fazer isso... ah empinar pipa... eu não sei empina pipa até hoje... não sei jogar bolinha de gude direito... esses negócios...”

O segundo jovem lembrou que:

“morei mais no Sion... Anchieta ou então São Pedro que é perto do Santo Antônio... então eu sempre brinquei pra esses lados aqui... eu já morei no São Pedro... eu joguei bola na rua mais mesmo assim não é a mesma coisa... no interior eu vejo que não é a mesma coisa... aqui a gente pegava um portão de uma garagem... toda vez que tremia os portões eles viviam xingando a gente jogava mesmo assim só quando dava porque tinha que ser lá perto porque senão ficava complicado... mais eu vejo no interior... você vai lá pra o cafundó do Judas ou na porta de casa com todo mundo entrando e saindo e você consegue fazer esse tipo de coisa...”

O primeiro jovem relembrou:

“a gente começava a jogar bola no prédio... o síndico começava a xingar – vão para de jogar bola... o teto é mais baixo... lá não podia jogar porque quebrava o vidro...”

O segundo jovem argumentou:

“o povo anda igual menininho... não tem espaço vai inventando... como eu no São Pedro... eu fiquei nesse prédio dos 7 até 14 anos... então o que eu mais aprontei foi lá entendeu (frase interrogativa) não podia jogar bola só que a gente inventava... até banco pra fazer rede de tênis nós fizemos lá... não podia... era xingando todo dia mais faz parte...”

O primeiro jovem concordou:

“nós jogava bola na sala lá de casa mesmo que era grande... jogava todo dia... pegava 5 menininhos... a gente ainda era pequeno... pegava um sofá colocava num lado... pegava o outro e jogava lá em casa mesmo... minha mãe não implicava muito...”

O segundo jovem lembrou de outra experiência:

“e estudava.. ((Escola de Língua Inglesa)) minha aula era 6 e meia... eu saia de casa às 5 e meia... Ia eu os meninos... lembra do Zé Bicha (frase interrogativa)... nós dois saíamos às 5 e meia... nós íamos pra lá pra sala... arredava as cadeiras deixava só 4... juntava um monte de folheto de papel e jogava no meio da sala do curso... entendeu (frase interrogativa) hoje não tem espaço mas o povo se vira... não tem essa do menino ficar na frente do vídeo game... sentado ali parado ali porque não tem não ... alguns inventam...”

Curiosamente, esses jovens estudam em um tradicional colégio de Belo Horizonte, escola de formação franciscana e reconhecida pela busca e conquista de melhores desempenhos de seus alunos no vestibular. E foi nessa escola que

se destacaram falas que mais revelaram significados relacionados a repetições criativas que buscavam “abrir espaços para o tempo de lazer”. A começar por experiências fundadas na ressignificação de brincadeiras tradicionais, parte da nossa cultura popular, incorporadas nas histórias desses jovens como estratégias de (re)organização das experiências cotidianas, nelas incluindo as experiências escolares.

Isso se revelou à medida que os alunos buscavam reconstituir cenários de suas brincadeiras vividas na infância, como mostra a narrativa a seguir:

“na educação que eu tive tanto no meu Colégio quanto na minha família... sempre foi muito dado o valor a você crescer como pessoa... e uma maneira de você crescer como pessoa é fazer aquilo que você gosta e o lazer é uma das atividades... é um conjunto de atividades que você faz e que você gosta e você pode aproveitar pra crescer como pessoa... isso eu adquiri desde pequeno... na minha casa... na minha casa sempre ouviu-se muita música desde pequenininho... então isso já me despertou muito... a minha infância foi fundamental porque a minha infância eu passei em Itabira e eu brincava muito na rua... andava de bicicleta... então FUI UMA CRIANÇA LIVRE... LIVRE MESMO... não era daquelas crianças que ficavam assistindo televisão e isso me ajudou... foi fundamental porque eu adquiri uma riqueza de visão do mundo assim... o mundo para mim não era só a minha casa... a minha escola... era toda a minha vila onde eu morava que era enorme... aquilo ali era um mundo gigantesco... uma criança de cinco anos... aquilo ali era um mundo... então isso foi ótimo para o meu crescimento... deve ter despertado a minha inteligência...”

O ir e vir entre passado e presente recriou habilidades e valores vividos que estão nas falas desses alunos, que insistiam em revelar modos como lidam com os limites de suas experiências escolares. Mostram como valores assimilados pelos jogos na infância têm conseqüências significativas ao longo das suas vidas, integrando a constituição de suas identidades. Mostram, com isso também, significados de brincar como reflexos de valores sociais dominantes e do jogo simbólico que se opera nas relações de poder e que funciona, mesmo como mecanismo de resistência a controles.

As experiências relatadas como tempos de lazer vividos na instituição, ao mesmo tempo desenhavam práticas tradicionais evidentes no mesmo contexto.

Nesse sentido, a primeira evidência levantada foi relatada por um professor da escola que, disse, na entrevista:

“eles ((os estudantes)) têm lá no Colégio o hábito de... eu acho que é até na última sexta-feira de cada mês que eles chamam de dia D... é um dia em que os alunos do terceiro ano ((ano no qual os alunos são mais cobrados dada a preparação para o vestibular)) vão fantasiados assistir aula... eles elegem um tema... por exemplo... o tema de hoje é idoso... então eles vão fantasiados de idoso... fazem uma corcunda ou põem uma barriga ou fingem de calvos ou qualquer coisa que seja... e isso é combinado com a coordenação... também não sei como é que isso começou... mas é uma coisa que isso é antigo no Colégio... eu me lembro que no último feriado que teve antes da semana santa os meninos foram correndo atrás da coordenação para pedir autorização porque... parece que tem uma história de que antes de feriado não se pode fazer dia D... eu não conheço bem as regras disso... mas é uma coisa dos alunos que permitida pela escola... os professores até se queixam que nesse dia que é uma vez por mês é difícil dar aula porque os alunos ficam agitados então os professores comentam que é difícil dar aula no dia D... então acontece... tem dias em que eles vão de pijama... mas eu não sei direito as regras... eu sei que é uma festa... mas que não tem vinculação com nada...”

Esse jogo lúdico de recriação de ambiente escolar, definido por meio de negociações com professores e a coordenação da escola, abre espaços de repetições criativas em um contexto de intenso trabalho escolar. Ao que parece, essa oportunidade pode ser justificada de vários modos, seja por razões funcionalistas, utilitaristas e compensatórias atribuídas pela escola, considerando as necessidades de relaxamento dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio – ano de preparação para o vestibular. Entretanto, aos olhos dos alunos, diz um deles, elas valem muito porque “a gente não pode esquecer de brincar...”

Também, nesse sentido, as falas de um jovem do GRUPO 4, do Aglomerado, mostram como experiências tradicionalmente reconhecidas como de crianças e jovens, realizadas em parques públicos da cidade, têm sido assimiladas pelos adultos, mesmo causando estranheza por parte do jovem depoente nesta pesquisa, que assim narrou:

“um lugar interessante é o Parque das Mangabeiras... porque a moçada aqui... os homens gostam muito de jogar futebol... lá tem quadra para jogar futebol... lá tem espaço para jogar queimada... as meninas podem jogar queimada... lá tem espaço para os meninos e meninas dar beijo na boca... mirante... lá tem espaço pra gente que

gosta de umas coisas meio cefalóide... sabe? eu gosto de subir a Serra Mangabeiras... apesar que eu já até caí e quebrei um braço lá... mas... lá tem esportes para vários praticantes... de vez enquanto você encontra uns praticantes até meio esquisitos lá... aqueles cara que você vê subindo no meio das árvores... você acha que é um menino e cê olha pra cima e vê aquele homão de trinta... quarenta anos... parece até macaco (frase exclamativa) cê vai perguntar quê o que é... é terapia (frase exclamativa) SÉRIO!”

“quando você é menor de idade você... tem uns dez anos pra baixo... tem lugar para ir... Zoológico... Parque Municipal... dos doze pros quinze tem aquela moçada meio cismada a rebeldia... né:: quando não é cismada a rebeldia é cismada a ir no pagode... aí às vezes não tem lugar pra ir... ou outra coisa que ele curte... aí tem aquelas pessoas que chega na berada dos dezessete aos vinte anos... que costuma não tá nem aí pra onde vai... vai para qualquer lugar... só tá animado... já tá indo... entendeu? tem a praça aqui perto... a lagoa... tem a Assembléia... tem a perto da Faculdade de Odontologia lá em baixo... tem o Tom Jobim e também outros lugares... ocê não vai porque não quer...”

Essas falas chamam a minha atenção para a necessidade de superação da finalidade moralista atribuída, muitas vezes ainda, ao lazer e ao lúdico. Visão preconceituosa de brincar e lazerar tratadas como “coisas de vagabundo”, “inúteis” para uma sociedade que valoriza a sisudez, especialmente para os adultos.

Nesse sentido, tanto as experiências lúdicas são permanentemente fiscalizadas e valorizadas se, tão somente se, forem promotoras da ocupação “produtiva, positiva e útil” dos “tempos livres” [tempos de lazer] das pessoas de todas as idades.

Com essa finalidade, encontramos, ainda muitos educadores ensinando crianças a brincar, considerando que elas não sabem fazê-lo do modo disciplinado que os adultos desejam. Outro exemplo é o uso das atividades lúdicas no lazer como único argumento para “tirar jovens das ruas”, valorizando a ludicidade unicamente como meio de canalizar tensões, reduzir problemas sociais, agir como válvula de escape para prevenir violências. Esse argumento, além de reduzir a compreensão do lúdico na vida desses jovens, reduz também a compreensão da violência, que implica muitos fatores sociais e culturais. Além desses, outro exemplo comum nesse sentido é o argumento de que brincar só é importante para as crianças, porque tanto as experiências lúdicas como a própria criança não são sérias. Em outras palavras, as crianças, os jovens, os adultos e os idosos não são

levadas a sério. E o brincar não é destacado como fundamental em todas as fases da vida.

2.4.2 “Os alunos sempre acham um tempo na escola e vão brincar...”

Essa foi outra evidência identificada na pesquisa, que instigou-me a pensar sobre “novos olhares” sobre os tempos, espaços e atividades escolares, sobre sua (re)criação.

Para os alunos de um dos colégios de bairros da Regional Centro-Sul de Belo Horizonte, o recreio não é apenas o tempo formal definido pela escola para esse fim. Aos olhos deles, todo tempo com possibilidades de recreio na escola é vivido com intensidade pelos alunos, isto é, antes, entre e depois das atividades formais, o tempo escolar permite “brechas” para experiências criativas.

Além disso, nas variadas oportunidades de recreio, repetições criativas foram identificadas como metodologia do ensino de várias disciplinas, em atividades organizadas pelo Grêmio ou pela escola como atividades de extensão. Vejamos algumas dessas situações relatadas.

Um jovem do GRUPO 2 dá ênfase a outros tempos e espaços desse cotidiano escolar. Para ele,

“nos intervalos das aulas também é muito bom... todo tempinho a turma tá lá jogando bola ou brincando de qualquer jeito... em qualquer lugar tá bom...”

Para o professor:

“no recreio isso já é fato... mas nos horários que não são de recreio mais são horários que eles têm entre uma aula de redação e uma aula de reforço de química... sei lá... eles tendo tempo... então esses espaços estão permanentemente ocupados e depois... até parece uma desculpa dizer porque os meninos estão tendo que forçosamente ir para o Colégio... mas sempre entre uma atividade e outra eles acham um tempo e

vão jogar em algum lugar da escola... depois de dezessete e trinta todos esses espaços... alguns ocupados com as equipes do Colégio e outros ocupados com meninos que ficam lá só para brincar... para jogar bola por conta deles... inclusive... os pátios são ocupados o tempo todo... [...] são coisas que os meninos fazem voluntariamente... [...] é uma coisa interessante... praticamente todo dia de segunda à sexta até oito e meia com os alunos e de oito e meia as dez da noite os ex-alunos estão lá e no sábado tem turma de ex-alunos que o Colégio cede o espaço para eles jogar bola à tarde lá... então quer dizer enquanto o Colégio está aberto é quase impossível você achar um desses espaços ociosos...”

O ex-aluno ouvido nesta pesquisa valoriza o papel do Grêmio no sentido das conquistas de tempos e espaços de lazer nesse Colégio. Para ele, é claro,

“o Grêmio basicamente... faz desde coisas que todo mundo faz... carteira para estudante até atividades mais específicas... mas de uns anos pra cá eles têm desenvolvido muitas atividades e várias auxiliando instituições como creches... coisas desse tipo... já é uma coisa que virou até hábito lá no Colégio nos últimos anos que é o festival de tortas que eles fazem todo ano... os professores dão torta ou alguns professores dão dinheiro para compra de tortas e eles fazem isso no sábado... alunos e famílias compram ingressos para participarem desse festival onde cada um tem direito de três a quatro pedaços de torta mais um refrigerante e o dinheiro arrecadado pelo Grêmio é depois... ou eles compram alimentos ou roupas ou eles doam diretamente para algumas instituições...”

O professor também destacou o envolvimento do Grêmio com outras atividades. Por exemplo,

“o Grêmio publica um jornal que chama *Ipis Literes* é um jornal mensal ou bimestral onde eles tem matérias sobre temas de hoje como sobre a guerra do Iraque... ou o que quer que eles queiram escrever... sobre temas internos do Colégio... questões relativas a formação deles...”

O ex-aluno do Colégio também lembra muito do jornal publicado pelo Grêmio e fala de lembranças marcantes nessa construção:

“têm algumas matérias do jornal que fazem críticas do que é preciso melhorar no Colégio [...] também a turma promove alguns eventos que a gente faz como festival de jogos... torneios internos [...] na época de eleição eles levaram candidatos a prefeito... a governador pra lá foi iniciativa do grêmio...”

O professor complementa:

“alguns alunos do Grêmio têm participado pelo Grêmio do Colégio do fórum social mundial... por exemplo... então eles têm uma série de atividades... mas

principalmente os alunos do ensino médio... **eles até têm tentado trazer os alunos do ensino fundamental... mas o grêmio basicamente move mais uma turma do ensino médio...** eles mesmos **fazem as matérias...** eles **têm alguns patrocinadores...** vamos dizer... o jornal **não é impresso no próprio Colégio não...** tem uma firma de jornalismo... não sei detalhes... mais é uma empresa que faz o serviço de edição... o jornal até eu não sei dizer exatamente todo o funcionamento mas de certa forma um corpo independente da estrutura do Colégio porque... claro que o Colégio dá apoio onde precisa... o próprio Colégio dá liberdade aos alunos de editarem o jornal mais me parece que a edição e a impressão são feitas... se não estou enganado... é algum jornal de Pernambuco... não sei como eles chegaram lá não... mas em um dos jornais eu li essa informação...”

Diz um ex-aluno desse Colégio:

“isso é ótimo porque **os alunos curtem música... teatro... dança...** isso é na verdade uma coisa que no meu tempo não existia... mas não é tão antiga a questão do Colégio ter aberto turmas de hoje em dia a gente **tem dança... dança folclórica... tem o coral** já tem uns cinco anos...”

No entendimento de um professor desse Colégio,

“nas conversas dos alunos que fazem teatro ou que têm um grupo de *rock*... que fazem dança... a gente vê que eles gostam de dança não no sentido de corpo de baile... **eles querem aprender a dança para curtir nas festas ou nos forrós... onde quer que seja...**”

Todas essas recriações são estratégias que resignificam o que, tradicionalmente, vem sendo vivido nas nossas escolas. Com isso, o que, a princípio, parecia-me conhecido pela freqüência com que acontecia no cotidiano escolar, com a “quentura” das falas dos jovens revelaram-se como outras experiências, algumas percebidas pelos professores e outras, não, que são partilhadas apenas pelos colegas dos jogos lúdicos realizados. Essas experiências participam da constituição de identidades desses sujeitos e que, segundo os jovens, educam para seus tempos privilegiados de lazer, fora da escola.

2.4.3 “no sábado fui pro clube porque eu tinha um campeonato tipo esses trens de colégio aqui... mais pra brincadeira mesmo... foi bom demais...”

“essa discussão valeu porque a gente voltou pensando nesse negócio da questão pública e tal que deveria ter mais espaço público para o lazer...”

As repetições criativas vividas pelos alunos provocam (re)leituras de processos didáticos e novas descobertas de sentidos e significados de tempo de lazer.

Em diálogo com os jovens do GRUPO 2, a pesquisadora perguntou:

“você já discutiram sobre o lazer alguma vez” (frase interrogativa)

A jovem do GRUPO 2 confirmou:

“eu acho que uma vez...”

O primeiro jovem ponderou:

“aqui no Colégio o lazer é meio mal visto também porque – ah:: vão matar aula... vão matar aula de Educação Física... Educação Física é sempre é a inútil – ah:: então vão pra casa sabe... sexta-feira... a Educação Física era sempre nos dois últimos horários... o que? é Educação Física então o que você está fazendo aqui (frase interrogativa) vai pra casa estudar...”

O segundo jovem pontuou:

“um tipo de coisa que não faço é matar a aula de Educação Física... às vezes eu tenho aula de Inglês aí eu vou para a aula de Educação Física da outra turma... eu acho que é o tipo da coisa que eu gosto de fazer né:: coisa que eu gosto de participar né:: eu vou... até um pouco tempo atrás... estou lembrando quando eu era aluno antigo... a Educação Física aqui no Colégio era soltar a bola e a gente jogava tá entendendo? agora tá mudando... agora tem os projetos... não é só de futebol... tem também de vôlei e basquete... tem dança... tem não sei que lá... tem ginástica... tem jogos... tem várias coisas... tá mudando... é difícil de explicar sabe... tá mudando... tá começando mas ainda está assimilada direito essa idéia da Educação Física... é diferente de esporte entendeu? não é o vamos jogar... entendeu?”

Esse mesmo jovem, porém, em outro momento do estudo, destaca como um dia de lazer, de imediato:

“no sábado fui pro clube porque eu tinha um campeonato tipo esses trens de Colégio aqui... mais pra brincadeira mesmo...”

Essa conversa mostrou-me que os meios didáticos que vêm representando experiências significativas na formação para o lazer pressupõem processos de ensino e aprendizagem que representem *locus* para a apropriação de competência social, decorrentes da interação. Com isso, os jovens revelam como momentos importantes aqueles em que puderam ser protagonistas do processo vivido, especialmente quando puderam dialogicamente estabelecer construção de sentidos e significados para as experiências realizadas.

Os exemplos lembrados sobre a importância do Grêmio na vida deles é uma dessas experiências, quando o saber/saber fazer/por que fazer foi construído com a participação deles. O mesmo acontece nas estratégias de ensino da Educação Física por projetos, lembradas nesse último diálogo aqui mencionado.

Outros exemplos nesse sentido, vividos em escolas diferentes, são destacados pelos alunos.

Uma dessas situações, identificada no GRUPO 2, fala da experiência da “curtição” dos alunos como ponto de partida que o professor pode assumir no ensino de seus conteúdos.

“o professor de Português levou a turma pro cinema... foi uma curtição só...”

Segundo um professor desse Colégio,

“alguns professores de Português... de História gostam muito também de promover idas aos teatros... aos cinemas... normalmente o ponto de partida é alguma discussão da disciplina... mas da mesma forma que essas atividades também... quer dizer... são atividades que os meninos adoram... por mais que eles saibam que depois vai ter algum conteúdo que a ser trabalhado a partir daquilo... são atividades que eles adoram porque fogem da rotina da sala de aula e possibilita que eles mesmos possam ter um outro tipo de relação com o conteúdo...”

Sobre suas experiências vividas em outra escola, uma jovem do GRUPO 2 lembra um estudo realizado há dois anos no seu Colégio, no qual o lazer foi “descoberto” em pesquisas em campo realizadas pelos alunos:

“no trabalho interdisciplinar do colégio fomos para as regionais estudar as condições dos bairros... os problemas... os métodos que eles estavam usando para melhorar... o lazer apareceu na comunidade que a gente foi...”

Outra jovem completou:

“o lazer apareceu... na Regional que a gente foi... apareceu dessa forma assim... a gente perguntou como eles faziam pra curtir o lazer e aí eles falaram que eles tinham alguns espaços... algumas quadras assim... muito vinculadas à escola e tal... foi mais isso... eu fiquei sabendo de outras regionais mas eu não lembro... não lembro se apareceu o lazer... deve ter aparecido né:”

A primeira jovem a participar desse diálogo retoma a fala fazendo análises do vivido nesse estudo e de como hoje, dois anos depois, compreende essa experiência segundo o contexto social de demandas para o lazer:

“essa discussão valeu porque a gente voltou pensando nesse negócio da questão pública e tal que deveria ter mais espaço público para o lazer... eu acho que esse é o principal ponto [...] agora a gente não tinha falado nisso antes mas hoje eu penso quanta gente não tem o que a gente faz e faz coisas diferentes... ontem eu estava com uma amiga minha... a gente estava numa pracinha perto da casa dela... aí eu parei e fiquei olhando assim... aí virei pra ela e falei o que não tinha pensado ainda... você já parou pra pensar que esse povo que mora aqui é totalmente diferente da gente (frase interrogativa)”

Nesse sentido, o seu colega participante desse GRUPO ampliou a discussão dizendo:

“eles não têm as mesmas condições... eles não estudam no nosso Colégio... a gente não conhece... a gente não sabe nada da vida deles e eles também nunca viram a gente na vida mas eles partilham o mesmo espaço que a gente... ah:: eu sempre fico pensando assim quando eu saio na rua e tal...”

2.4.4 “eu já tive na minha igreja... tô lembrando aqui de um acampamento que teve... eles alugaram um clube também...”

“no feriado de *Corpus Christi* eu viajei para o Rio de Janeiro...”

O GRUPO 6, formado pelos jovens moradores da Vila, foi o único grupo que colocou em debate o tempo vivido nas igrejas compreendido por eles como experiências de lazer, como pode ser observado no seguinte diálogo:

Pesquisadora:

“o que vocês acham de interessante na fala do outro” (frase interrogativa)

Um dos estudantes universitários, participante desse GRUPO, perguntou:

“quando você ((um dos jovens moradores da Vila)) falou em igreja... a igreja é lazer para você (frase interrogativa)”

O jovem citado:

“é... uai (frase interrogativa)”

O estudante universitário:

“por quê (frase interrogativa)”

O jovem interlocutor deste diálogo:

“sinto bem lá uai... é um lugar gostoso... uai? ((riso)) eu oro... participo uai? do culto...”

Pesquisadora:

“alguém mais aqui já teve alguma experiência de lazer na igreja (frase interrogativa)”

O outro jovem morador da Vila:

“eu já tive na minha igreja também ((outra igreja evangélica)) ah:: que eu tô lembrando aqui de um acampamento que teve... aí eles alugaram um clube também pra gente entrar lá... com o pessoal da igreja... pra gente praticar esporte...”

Este diálogo, analisado considerando o contexto social vivido pelos jovens moradores da Vila, situação de risco com alto nível de vulnerabilidade, levou-me a crer que os jovens apoderam-se das experiências promovidas pela Igreja e as resignificam como possibilidades que têm para o lazer. As igrejas, aos olhos deles, servem de nicho para a partilha de experiências de afeto e de convivência de grupos com a mesma afinidade, entre outros sentimentos que esses sujeitos buscam vivenciar nas oportunidades restritas que encontram para o tempo de lazer.

“no feriado de *Corpus Christi* eu viajei para o Rio de Janeiro...”

Em sua fala sobre o dia de lazer que relatou inicialmente nesta pesquisa, uma jovem do GRUPO 2 disse:

“foi assim... no feriado de *Corpus Christi* eu viajei para o Rio de Janeiro... eu vou lá assim com frequência... então eu tenho muitas amigas assim que moram no meu prédio... e lá assim quando a gente chega uma liga pra outra... a gente combina de sair... faz altas coisas... só que nessa época tava tendo uns jogos de vôlei... só que nesses jogos eram com aquelas pessoas muito boas sabe... aí a gente resolveu se inscrever... aí a gente foi lá... eu e mais umas cinco amigas montamos um time... aí a gente foi jogar com eles... só que tava muito difícil e tal... lutando tanto porque todo mundo assim adora esporte... aí a gente vai pra praia... faz um tanto de coisa... e tava maior difícil... a gente tava toda empolgada tentando ganhar assim... aí acabou que a gente ficou em terceiro lugar... foi um lazer maravilhoso...”

Essa narrativa levou-me a identificar uma repetição criativa que acontece não só com essa jovem, mas isso não ocorre em toda nossa sociedade na atualidade. Ou seja, coloca-se cada vez mais em destaque a secularização dos feriados religiosos e o domingo, mudando seu sentido de celebração religiosa para tempo de lazer, historicamente constituído e legitimado¹⁵¹.

Resignificação que pode ser identificada nos vários feriados religiosos. Por exemplo, a festa de Natal se tornou a única do ano que é um marco tanto para os ateus como os religiosos em todo mundo e que de celebração passou a representar, especialmente, festa da família e momento de presentear os amigos. Não só o Natal, mas também a Semana Santa, a Ascensão, o Pentecostes, o *Corpus Christi*, dias dos santos padroeiros e outros celebrados pelos calendários religiosos, são feriados que, atualmente, cada vez mais simbolizam tempo de lazer, de diversão, uma vez que são feriados que possibilitam o desfrutar de “fins de semana prolongados” – traço característico da nossa cultura. Por exemplo, a rotina anual de compromissos no Brasil (calendário das escolas, o ano fiscal, etc.), em geral, só começa depois do carnaval, revelando não só influências dos ciclos de comemorações religiosas tradicionais de várias religiões no País, como também traços culturais marcantes de uma cultura na qual o prolongamento de tempos disponíveis para o lazer é busca de todos, revelado por expressões do senso comum como: “nada pior quando o feriado cai num fim de semana!”

¹⁵¹ Vale lembrar que com a promulgação, 1943, da CLT (Consolidação da Lei do Trabalho) os fins de semana, férias e feriados consolidaram-se como tempo de não trabalho, historicamente legitimado como privilegiados tempos de lazer.

Situação reveladora, também, de um “rompimento” da ancoragem social na religião e conseqüente integração dos feriados religiosos aos acontecimentos da vida cotidiana. Nesse contexto, os calendários e os marcos temporais neles registrados só se tornam significativos quando se transformam em períodos de experiências de interesse para os sujeitos.

2.4.5 “outro dia tava falando ((pela internet)) com um menino que era de São Paulo... eu nunca fui em São Paulo... ele tinha um papo muito legal...”

“gosto de assistir novela acho... só porque tem muito conflito... e eu gosto de ver o circo pegar fogo... adoro uma confusão...”

Neste estudo, as falas dos jovens levaram-me à identificação de repetições criativas em suas experiências com as mídias, especialmente a internet e a televisão, participando da constituição de “novos” sujeitos relacionais em “novas” e lúdicas formas de relação entre receptores e os meios de comunicação. Formas que envolvem todas as instituições em espaço compartilhado, em um mesmo tempo, por sujeitos de diferentes lugares geográficos.

Uma primeira evidência se destacou no diálogo entre participantes do GRUPO 4, jovens moradores no Aglomerado, sujeitos que vivem em condições precárias de vida. Diálogo que se iniciou com um depoimento de uma jovem:

“na minha escola eu achei legal mexer com computador... eu comecei com trabalho de escola... só que aí o trabalho começou a ficar chato e eu entrei em uma sala de bate-papo... aí conversei... brinquei muito...”

Pesquisadora:

“como foi essa experiência (frase interrogativa)”

Ela explicou:

“você pega o computador e põe num site aí acessa lá uma sala de bate-papo... aí você escolhe alguém para conversar... aí você escolhe conversar com todo mundo ou reservadamente... aí vai conversando... igual uma vez... tava conversando... eu... uma

garota e mais um garoto... aí a gente tava conversando nós três e depois entrou um outro na mesma conversa... aí o que a gente está escrevendo... qualquer um pode ver... **outro dia tava falando com um menino que era de São Paulo... eu nunca fui em São Paulo... ele tinha um papo legal... uma vez eu conversei com uma senhora já... ela me contou como conheceu o marido** ela... fico conhecendo as histórias das pessoas... com esse negócio da internet quando eu acesso a sala de bate-papo tem lá sala de namoro... amizade e umas outras coisas lá que não tinha **antes de ter Internet... as pessoas faziam isso por telefone... igual... minha mãe contando uma história de quando ela era mais nova... fazia isso... aí chamava... conversava com as pessoas... aí marcava encontro... aí falava... vai do jeito tal... aí elas iam de outro jeito... aí via primeiro como que a pessoa era... é muito divertido...**”

Comentando a fala da colega, um jovem participante desse grupo falou:

“olha só... eu tô olhando aí você falando de Internet... aqui tem um pouco essa questão de comunicação... **nem todos aqui tem acesso ao computador entendeu** (frase interrogativa) **o único acesso ao computador que tem às vezes é na Associação** ((Comunitária do Aglomerado))... **às vezes** tem uns aqui que **nem conhece a sala de bate-papo... conhece a internet... conhece para que serve a Internet... mas nunca entrou... entendeu** (frase interrogativa) **porque... não é que não tem conhecimento é porque não tem oportunidade de conhecer mais mesmo...**”

Discordando do colega, outra jovem do grupo disse:

“tem a internet comunitária lá em baixo... não sei se todos já foram...”

Retomando a palavra, o jovem levantou um limite:

“o único problema dessa internet comunitária é que por ela ter uma pessoa responsável e essa... **nem sempre ele tá lá... sempre tá fechado... entendeu?** então os meninos vai ficando perdidos nessa...”

Esse caso chamou minha a atenção, sobretudo, a respeito de alguns aspectos. Primeiro, refere à diferenciadas oportunidades de acesso às “novas tecnologias da informação e comunicação”, considerando as condições de vida desses sujeitos.

Segundo, mostrou-me outro olhar sobre a recepção da mídia pelas pessoas na vida cotidiana e os efeitos que exercem sobre os sujeitos. No caso narrado, a mídia mediou situação divertida e excitante que fez a jovem “sentir-se

incluída” em meio às pessoas e acontecimentos cotidianos, observação que vários estudos vêm colocando em destaque.¹⁵²

A narrativa da jovem aqui destacada, porém, sinaliza para uma repetição criativa desse processo de recepção midiática, pois provocou curiosidade e diálogo para além do vivido na oportunidade de encontro e conversa estabelecidos com os “novos” amigos internaltas. Essa vivência gerou diálogo com a mãe e outras oportunidades de descobertas sobre suas experiências de vida. Situação que se destaca, especialmente considerando o contexto da vida social vivida por essa jovem, na qual são restritos os diálogos em família, o que foi revelado pelo conjunto de dados reunidos na pesquisa sobre esses jovens.

Porém, alerta Giovani Pires¹⁵³,

num meio em que a publicidade tornou-se o pano de fundo da informação e do entretenimento eletronicamente disponibilizado, é necessário entender e investigar o consumo tanto como lugar de demarcação das diferenças sociais e de afirmação da distinção simbólica entre classes, quanto a circulação de evidências dessas diferenças, isto é, de comunicação entre si dos sentidos próprios atribuídos por cada classe, para que tal distinção seja reconhecida e legitimada. Estão ligadas a esta categoria as exclusões e segregações como o consumo de cultura popular e erudita, de gêneros (literário, cinematográfico, TV aberta X assinatura, etc.), de lazeres e outros.

Se a internet foi citada como mediadora de encontros em situação de co-presença no GRUPO 4, outro relato, de uma jovem do GRUPO 2, moradora em um bairro, destaca seu fascínio pelas novelas, o que gerou uma discussão com os participantes de seu Grupo Focal, na qual destacou-se a necessidade da reflexão sobre a influência da TV na formação cultural, requerendo maior senso crítico por parte dos receptores.

A jovem iniciou dizendo:

“na TV eu gosto de assistir só novela... só uma também...”

O jovem:

¹⁵² Bucht & Feilitzen, 2002.

¹⁵³ Pires, 2000:102.

“*Mulheres Apaixonadas* (frase interrogativa)”

A jovem:

“é...”

Pesquisadora:

“por quê (frase interrogativa)”

A jovem:

“ah:: não sei por quê... olha acho só porque tem muito conflito... e eu gosto de ver o circo pegar fogo... eu adoro uma confusão...”

A jovem:

“essa novela é assim bem a atualidade... mostra uma coisa assim que acontece... não tem uma família que não tem um distúrbio... também porque nove horas da noite geralmente é quando eu (...) acabei de fazer todos os meus deveres... eu falo assim depois que acabar essa novela eu vou dormir pra eu poder ir pro Colégio no outro dia de manhã cedo... (...) então é mais por falta de opção mesmo que eu gosto de novela... aí você acaba ficando escrava daquele negócio... você quer sempre vê... você quer saber o que aconteceu e tal... mas eu acho que televisão... esses negócios prendem as pessoas a fazer coisas que realmente dão prazer...entendeu?”

O jovem:

“eu particularmente não concordo com novelas justamente por causa disso... eu acho que ela preenche assim o tempo das pessoas com uma coisa que... existe outras formas de lazer mais interessantes... na minha opinião... claro... mas as novelas que não são assim... eu acho que as novelas são um pouco batidas... aquele Manoel Carlos ele pega a mesma trama e toda vez dá uma mexidinha e roda de novo... assim eu acho que tem outras formas mais criativas...”

Outra jovem do grupo coloca:

“eu sou contra esse negócio de assistir novela... eu acho que é um meio de incentivar as pessoas a fazer as coisas que não são boas... uma realidade muito sofrida daquelas pessoas... eu acho que a mídia coloca esses problemas assim pra poder incentivar as pessoas a vê entendeu? tipo assim como você... entendeu? ela prende as pessoas pra as pessoas ficarem sempre vendo... sempre querendo saber das confusões que acontecem... eu não acho legal... eu acho que tem coisas mais importantes na vida que a gente pode aproveitar nosso tempo melhor fazendo (...) agora eu também acho que a mídia atrapalha na vida das pessoas porque muitas vezes você vê aquela atriz bonita... com aquele corpo... não sei o quê... as pessoas ficam preocupadas em ser como ela de usar o que ela usa e acaba que ela não tem um tempo de lazer assim pessoal sabe... você não fica bem como você mesma então você acaba não ficando feliz... lazer pra mim faz parte da felicidade...”

Nesse caso, a experiência excitante provocativa pelas novelas é, sobretudo, traduzida pela emoção sentida pelos receptores que sentem que elas os ensinam a viver, a perceber e a compreender os problemas morais e sociais da sua vida social.

Isso mostra que,

quanto à televisão, apesar de seu alcance, ela não é mais portadora de uma mensagem única e válida para todos. Ela se dirige, cada vez mais, a conjuntos particulares. A imagem não é mais longínqua, formal, totalmente abstrata, mas se inscreve na proximidade. Se é para o melhor ou para o pior, não vem ao caso, a verdade é que ela irá representar o papel de ícone familiar.¹⁵⁴

Com isso, penso que outra repetição criativa (modo de agir e de pensar) é identificada, pois, como é mostrado na fala dos jovens, o receptor é sujeito atuante nas relações estabelecidas, o que pode ser observado nas suas identificação do que é encenado com o presente vivido no cotidiano. Isso provoca uma duplicidade do sujeito: ao mesmo tempo ator e personagem; espectador e personagem; espectador e ator. Movimentos nos quais as histórias são resignificadas em repetições criativas que influem não só nos conteúdos da vida cotidiana, como também nas tramas escritas pelos autores das novelas.

As “mexidinhas” dos autores das novelas falam muito sobre a proximidade entre ficção e realidade, sobre a influência dos espectadores nos “rumos” das histórias encenadas e das trocas simbólicas cujas recepções, como alertam Bucht e Feilitzen, diferenciam-se profundamente em razão da idade, do gênero, da classe, do estilo de vida urbano ou rural, da etnia, da religião e da nacionalidade do sujeito receptor. Situação discursiva que, especialmente, coloca em destaque que os sujeitos receptores são atuantes e,

nesse contexto, o indivíduo constrói o sentido e o significado dos conteúdos da mídia, da mesma maneira como faz com todas as outras atividades e contatos sociais, ao tentar se orientar no ambiente, organizar sua vida e encontrar para si um lugar e uma identidade aceitável por meio desse processo de negociação¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Maffesoli, 2001:31.

¹⁵⁵ Bucht; Feilitzen, 2002:80.

2.4.6 “dia de lazer foi um campeonato na escola... meu time tava ganhando todas e aí no final perdeu de onze a um e eu fiz o gol de honra... aí eu fiz o gol de honra... foi demais...”

Do modo como, nos sete Grupos Focais, os jovens participantes desta pesquisa narravam suas experiências com o esporte – e é indispensável ressaltar que o esporte foi mencionado inúmeras vezes em todos esses grupos – parecia-me impossível identificar essa prática cultural numa ótica da qual Giovani Pires trata em sua tese de doutorado.¹⁵⁶ Ou seja, O discurso midiático é, atualmente, um dos principais promotores de sentidos e significados estabelecidos sobre as experiências do cotidiano. Por meio da globalização da economia e mundialização das culturas trocas simbólicas são operadas continuamente, agindo como determinações muitas vezes perversas no interior desse processo. Pires, analisando a cultura esportiva constituída nesse processo, nos faz pensar como cada vez mais cresce a necessidade da educação crítica também mediada pelas diferentes mídias, promotora da repetição criativa do consumo do esporte.

Não há dúvida de que o esporte é um dos fenômenos sociais de maior expansão e valorização cultural dos últimos tempos. Amplamente divulgado pelas mídias e práticas de lazer, na nossa sociedade hoje é especialmente valorizado pelos seus resultados. Porém, na fala de um jovem do GRUPO 5 a experiência esportiva aparece com outro significado:

“meu dia de lazer foi um campeonato na escola... meu time tava ganhando todas e aí no final perdeu de onze a um e eu fiz o gol de honra... ((risos)) aí eu fiz o gol de honra... nó:: foi demais...”

Essa fala ficou ainda mais curiosa quando pude ler os gestos desse rapaz no momento deste depoimento, pois foi visível sua euforia ao narrar uma derrota

¹⁵⁶ Pires, 2000.

tão significativa – por 11 a 1 em final de um campeonato cuja equipe que, como ele mesmo disse, “ganhava todas” – e, ao mesmo tempo, resignificada, com tanta alegria, reconhecimento de sua presença nesse jogo.

O discurso coloca, assim, em evidência, o sujeito, e não o resultado do jogo, como em geral acontece nas nossas práticas esportivas, que não só valoriza o esporte pelos seus resultados, mas coloca o alcance desses resultados, muitas vezes, acima dos praticantes. A exacerbação do rendimento esportivo como principal valor das experiências esportivas difundidas especialmente no lazer influi na formação de comportamentos, valores e hábitos que valorizam a competição esportiva pelo seu significado como sobrepujança, ou seja, como busca de vitória sobre adversário – e não como manifestação lúdica significativa da nossa cultura corporal.¹⁵⁷ Significado de esporte pactuado com o da produção capitalista.

A discussão sobre o esporte nos remete a reflexão das relações historicamente construídas entre lazer e trabalho.

2.4.7 “às vezes você junta o trabalho com diversão pode dá um bom serviço...”

“tem gente que tem lazer no trabalho... que faz uma coisa que gosta e se realiza...”

“o trabalho dele era ficar brincando com os bonequinhos... testar brinquedos entende? então pra ele aquilo não era trabalho era um lazer...”

“quando comecei a escalar era lazer puro... 100% era só diversão e agora eu começo a pensar nesse esporte escalada já como opção de trabalho...”

Seguindo a linha de raciocínio da reflexão construída no item anterior, quatro situações discursivas identificadas nos diálogos com os jovens desta

¹⁵⁷ Kunz, 1994.

pesquisa revelam-me possibilidades de repetições criativas quanto à relação lazer e trabalho na atualidade, especialmente considerando novos valores sobre o lazer e sua influência na constituição de “novos” conceitos de trabalho.

Essa evidência é particularmente significativa nos estudos sobre o lazer, uma vez que o lazer, como mostram os resultados das várias pesquisa neste campo – citadas na problematização inicial do presente texto como evento da sociedade industrial –, é estruturado pelos princípios fundantes do mundo do trabalho industrial capitalista. É o que se pode observar nas várias falas dos jovens nesta pesquisa.

Uma jovem moradora em bairro, de 21 anos, disse:

“eu acho assim... quando a gente vira adulto aí a gente tem que trabalhar... trabalhar... trabalhar e produzir alguma coisa útil... então não é permitido você viver o lazer... principalmente nos dias de semana... o que é permitido é nos finais de semana... quando você tem tempo para isso... principalmente nas férias... parece que são tempos destinados ao lazer que é cobrado da gente... acho que é por isso que eu não me recordo tanto da minha infância porque era quando a gente não tinha tanta obrigatoriedade e a gente simplesmente vivia e vivia muito o lazer... a gente não tinha aquela obrigação... compromissos relacionados a um futuro... a gente tem que dar conta da gente... não... a gente dependia de nossos pais e não ficamos pensando no futuro... a gente só vivia... e aí que eu sinto falta do meu lazer... a gente estava sempre vivendo o lazer no dia-a-dia... na escola... em casa... brincando... à noite... o tempo inteiro era uma festa... hoje não... hoje parece que a gente tem tempo destinado ao lazer...”

A riqueza dos dados destaca a influência da visão do mundo adulto no da criança. Influência instigada pela relação entre lazer e trabalho, que na história da sociedade ocidental desde a Antigüidade nasce destacando o significado de lazer como oposto ao de ocupação obrigatória, principalmente do trabalho.

Nesse diálogo um jovem morador no Aglomerado, de 18 anos, também falou:

“eu acho o momento de lazer... a hora de lazer que a gente tem é as férias... fins de semana... feriado... agora cada um tem que se encontrar disponível pra tá indo pra tá se divertindo... pra tá... como se diz... no seu momento de lazer...”

A relação histórica destacada por esse jovem nos remete à situação histórica que culminou com a legalização do tempo de lazer como direito, melhor dizendo, como direito dos trabalhadores pela promulgação, em 1943, da Consolidação da Lei do Trabalho (CLT). Tempo que, no nosso país, passou a ser reconhecido como tempo de lazer somente após a promulgação da Constituição de 1988.

Assim, as relações entre lazer e trabalho no Brasil estão, umbilicalmente, associadas ao processo de industrialização capitalista, iniciado na “Velha República”, com a criação do Estado Populista, em 1930. A legislação trabalhista posta em vigor pelo primeiro governo Vargas era de natureza paternalista e assistencialista, restringindo aos assalariados urbanos a jornada de oito horas diárias de trabalho, descanso semanal remunerado, férias anuais, aposentadoria, regulamentação do trabalho feminino e infantil, salário mínimo, etc.¹⁵⁸ A cristalização desse processo se deu com a promulgação da CLT¹⁵⁹, que, além dos

¹⁵⁸ Desse modo, a legalização de um tempo de não-trabalho nasceu restrita aos trabalhadores assalariados urbanos, direito somente ampliado a todos os trabalhadores do País com a disseminação da legislação trabalhista ao campo, obra do governo Castelo Branco pouco depois do golpe militar de 1964. Os sindicatos rurais foram criados durante o efêmero período parlamentarista (1961-1963) e meses depois do golpe de 1964 foram promulgados o Estatuto da Terra e o Estatuto do Trabalhador Rural. Este último propunha a extensão aos trabalhadores rurais de uma série de direitos concedidos aos trabalhadores urbanos, entre eles as férias, 13º salário, aposentadoria e outros. (DIEESE, 2002)

¹⁵⁹ A criação da CLT (BRASIL, 1943) foi recebida como um avanço nas relações sociais do País e passo decisivo não só na nossa evolução econômica, como também no desenvolvimento social e humano no Brasil. E, curiosamente, até o fim do século XX, sofreu mudanças somente em tópicos específicos como na remuneração das férias, o que pode ser interpretado de diferentes modos. De um lado, essas mudanças podem ter ocorrido pelo motivo de o direito ao tempo de lazer no Brasil ter sido criado e sustentado, principalmente, pelos significados de tempo de lazer como tempo livre, liberado, disponível para experiências não-obrigatórias do trabalho, em um contexto histórico no qual o capitalismo precisava substancialmente dos aparatos legais para se sedimentar e da formação de valores que são básicos ao modo de produção que se estabelecia no País. Resultado: o tempo de lazer foi reconhecido como norma e usado pelo próprio Estado, e a Economia como meio privilegiado de educação disciplinadora do corpo, moralista, utilitarista e compensatória em relação ao trabalho. No final do século XX, porém, o contexto mudou em vários aspectos, perpetuando outros. Novas demandas e crises econômicas do País vêm alterando a estrutura do sistema de produção e de contratação, a desregulação e a flexibilidade do mercado de trabalho, o crescente individualismo, a competitividade e o culto ao mercado são algumas das razões que indicam a primazia do econômico sobre o político e, em decorrência, o questionamento de direitos ao tempo de lazer por parte de empregadores. Ao mesmo tempo, a discussão sobre mudanças na CLT que provocou o País coloca em evidência reflexividades individuais e coletivas que se transformam em "lutas" pela concretude desse direito, traduzindo a dimensão da solidariedade operária mais local, cuja identidade foi construída pelas lutas contra o capital e,

direitos trabalhistas propriamente ditos, inspirada na *Carta del Lavoro* da Itália fascista,¹⁶⁰ regulamentava as relações entre patrões e empregados na industrialização em nossa sociedade.¹⁶¹

Nesse contexto, em geral, o lazer é concebido pela sua relação com o trabalho, reproduzindo valores moralistas, utilitaristas e compensatórios favorecedores das relações de produção. Mas, como evidenciado por jovens desta pesquisa, repetições criativas vêm apontando noutro sentido, ou seja, na construção de sentidos e significados de trabalho a partir de experiências do lazer, como analiso a seguir.

Um jovem do GRUPO 2, falando sobre o lazer, inicia um diálogo que reproduz a relação trabalho e lazer como característica da sociedade industrial, colocando o seguinte argumento logo como sua primeira fala no Grupo Focal:

“a primeira coisa que eu acho é que o lazer na sociedade atual ainda é meio visto como inutilidade... tudo ter que tem uma utilidade pra você fazer e tal... mas se você vai ao lazer é visto... ah:: todo mundo diz é inútil... na verdade não é que você não vai fazer nada... não é isso... é tipo... você está livrando sua mente dos problemas... buscando mudanças... abrindo a mente pra outras coisas e não ficando só no que todos exigam que você faça normalmente ((risos)) ...”

E seu colega, concordando com ele, exemplifica:

ainda, a reação humana à nova configuração temporoespacial da época, estabelecida por interações tecidas por meio de duas categorias fundamentais à constituição da Era Moderna – o trabalho livre e a cidadania –, ambas codificadas por meio de constituições e ordem jurídica. Nesse sentido, é importante lembrar que a CLT foi criada em um momento histórico da "Declaração Universal dos Direitos do Homem" (1948), os quais não conseguiram, na sua proclamação, a síntese entre liberdade, igualdade e equidade. Apesar disso, essa declaração representou avanço significativo no sentido de destacar o direito ao tempo de lazer colocado para além do direito ao tempo de repouso, como dispõe o seu *art. 24^o*. Mas foi em 1993, durante a *Conferência Mundial da ONU*, realizada em Viena, que as mulheres conseguiram ser reconhecidas como parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos, revelando o contexto das lutas empreendidas pelos movimentos sociais na “modernidade tardia”. A universalização dos direitos sociais só acontece no Brasil a partir de 1988, com a Constituição Brasileira estendendo a toda população os direitos que legisla (BRASIL, 1988). No entanto, não há transposição automática da lei para a prática, sendo que muitas leis apenas ficam no papel.

¹⁶⁰ Ver: FGV; FAE, 1987.

¹⁶¹ Em outras sociedades, como a indígena, o tempo cotidiano, não sendo submetido à lógica de tempo de produção e consumo cumulativo de bens e capital, restringe-se à satisfação das necessidades, especialmente a de festas e rituais, como mostram estudos de Clastres (1982) e Alves (2003).

“tem um detalhe também do que você está falando... eu vi um filme... não lembro como é que chama... sobre um menino que inventou uma maquininha pra crescer... ele muda de cidade... não sei lá... e começa a trabalhar numa empresa de jogos não sei que lá... **o trabalho dele era ficar brincando com os bonequinhos... testar brinquedos... entende? então pra ele aquilo não era trabalho era um lazer... acho que o que ele fala seria um trem desse...**”

E, no final do encontro, o primeiro jovem conclui dizendo:

“eu acho que **o ideal seria o homem conseguir fazer do trabalho um lazer... o ideal seria isso... que o trabalho não fosse visto somente como uma obrigação... um modo de ganhar dinheiro e sustentar... seria o ideal se conseguisse as duas coisas... buscar o lazer pra acabar com o estresse da sua profissão... ((risos))** tipo aquele cara que fica em frente da televisão numa empresa... o cara começa tipo - que estresse - e depois começa a brincar com os negócios lá... ((risos)) vai brincar com vídeo game... depois computadores... vai jogar futebol ((risos))”

As falas desses jovens fazem-me refletir sobre mudanças de significados na relação trabalho e lazer na vida moderna e, especialmente, no ideal de um conceito de trabalho enriquecido com experiências lúdicas.¹⁶² Compreensão que não pode ser entendida uso utilitarista do tempo de lazer como tempo de reposição da força de trabalho ou tempo de alavancar novas e inúmeras formas de consumo.

Como diz Giddens, nos últimos três séculos, duas fases marcam o desenvolvimento das instituições: a primeira, fundada na disciplina e a segunda, em uma onda de hedonismo associada à sociedade de consumo. É por isso que ele, diferentemente de Weber, argumenta que o âmago do espírito capitalista não foi tanto sua ética de negação, mas sua urgência motivacional, despojada da estrutura tradicional que relacionava esforço e moralidade. O sucesso da sociedade de consumo é, pois, traduzido mais em prazer do que em dor, tendendo, ainda, a uma inclinação emocional para a repetição¹⁶³.

Para Giddens, a onda de hedonismo, associada à sociedade de consumo, influenciou tanto no âmbito da vida como nos setores privados e públicos, pois passou

¹⁶² Dado também levantado por Fonseca (2003) no seu estudo empírico sobre significados de experiências na empresa vividas como lazer.

¹⁶³ Giddens, 2001.

a ser preciso (re)organizar o aproveitamento do tempo cotidiano para que possa ser melhor “aproveitado”, tanto em termo de quantidade de oferta de serviços e produção de bens como em qualidade do acesso a essas oportunidades oferecidas, levando as pessoas a dedicar maior tempo ao consumo desses bens e serviços, muitas vezes representando momentos de lazer.¹⁶⁴

Vivido que, como mostram as falas dos jovens, passou a incorporar valores, sentidos e significados que resignificam as relações de lazer e trabalho, que passam a ser valorizadas na ótica dos benefícios para os sujeitos, independentemente do que representam para a produção e o capital. Como afirma um jovem morador do Aglomerado,

“depende do olhar né (frase interrogativa)... se for um olhar meio empreendedor... às vezes **você junta o trabalho com diversão** pode dá um bom serviço... por exemplo... eu conheço uma empresa ai que eu até ia trabalhar nela... que o funcionário tem uma data específica para entregar certo o trabalho... aí se ele entregar o trabalho no dia certo o resto dos outros dias ele fica de folga... então ele pode ficar por lá mesmo brincar... entendeu (frase interrogativa) isso depende...”

E, em outro momento do Grupo Focal, complementa:

“**tem gente que tem lazer no trabalho**... que faz uma coisa que gosta e se realiza... por exemplo... muitas pessoas que vêm trabalhar aqui com a gente acho que têm lazer aqui com os jovens... eu acho que é isso que a gente deve perseguir... aquilo que dá prazer e sentido pra gente... pra gente poder estar realizando mais um trabalho...”

Essa repetição criativa da relação lazer trabalho é também destacada por um jovem estudante universitário, quando diz o seguinte:

“**esta questão de lazer e trabalho**... eu quando comecei a escalar era lazer puro... 100% era só diversão e agora eu começo a pensar nesse esporte escalada já como **opção de trabalho**... já venho me profissionalizando para entrar no mercado... eu ainda não entrei porque eu acho que tem que ser o momento certo... eu queria ver quando realmente eu me profissionalizar se eu vou continuar vendo escalada como lazer ou se esta visão vai mudar... entendeu (frase interrogativa).”

Outro jovem, seu colega no GRUPO 7, analisa sua fala dizendo:

¹⁶⁴ Giddens, 2001.

“talvez serão tempos diferentes pra você... um tempo pra você trabalhar com a escalada e um tempo pra você curtir a escalada com os amigos... como lazer...”

O primeiro depoente esclarece o que disse:

“eu acredito que possa seguir dois caminhos... vou estar trabalhando com prazer mas sem lazer propriamente dito pelo o que eu entendo de lazer...”

O segundo depoente avança na discussão:

“como responsabilidade pedagógica... talvez... claro você aprende muita coisa no lazer... mas é agora um profissional...”

Uma jovem desse grupo problematiza:

“mas como é isso (frase interrogativa) como trabalhar ensinando lazer se você aprendeu a atividade como lazer (frase interrogativa)”

O segundo jovem a participar desse diálogo começa a pensar o ensino do lazer pelas práticas escolares e diz:

“lazer tem que estar dentro da escola e **para isso primeiro ele vai ter que ser tratado como um conteúdo e vai ter que ter um conteúdo pedagógico [...]** aí a gente vai cair num problema conceitual muito grande... talvez o aluno resolva esse problema na vivência mas o professor na hora de colocar isso em pauta vai cair em uma série de debates... ah:: como fulano de tal diz isso... aquele autor diz isso e não está batendo... talvez eu vejo ainda uma distância em conseguir expressar o conceito em palavras mas talvez ele se concretize na realização... talvez seja porque os conceitos que lemos sobre lazer estão distantes das vivências...”

A jovem que instigou essa reflexão disse:

“eu acho que o aluno na escola tem que vivenciar o lazer... tem que sentir e tem que discutir encima da prática dele... na aula dele... e ainda acima de tudo discutir o que ele está vivendo na sociedade... esse lazer pode ser bom ou de má qualidade não é (frase interrogativa)”

Um terceiro jovem participa do diálogo dizendo:

“mas você acha que o conteúdo do lazer seria... por exemplo... a Educação Física tem o esporte... a dança e o lazer (frase interrogativa) ou **será que o lazer no organograma não tem que estar em tudo** (frase interrogativa)... aí que está o negócio para mim... a minha confusão está aí... eu não consigo ver... por exemplo... hoje a aula é de vôlei... amanhã é aula de lazer... não é assim que eu vejo... **o lazer não pode ser só o meio... ele tem que estar nos conteúdos...**”

O segundo jovem volta a falar:

“por isso que eu acho que lá... na escola tem que aprender sim... **a partir do lazer para poder lá fora vivenciar o lazer de forma crítica... de forma criativa...** não receber passivamente... eu acho que o que pega sabe... é a questão conceitual mesmo... **as pessoas não sabem bem o que é o lazer e é por isso que tem esse tanto de abordagens... de práticas diferentes... pensamentos e tudo...** e é aí que... como os dois falaram um pouco e que a gente estava falando também... que as pessoas acham absurdo a gente poder viver o lazer dia de semana por que (frase interrogativa) é uma coisa cultural mesmo... então eh:: aí eu acho que mais uma justificativa de **extrema importância do lazer como tema da Educação Básica para essa discussão poder começar a crescer e as pessoas começarem a poder elaborar um conceito de lazer que possa ser aplicado na vida delas...**”

Os dados mostram que a influência da experiência do lazer no trabalho pode representar visão prospectiva utópica de resignificação das relações de trabalho, considerando o concreto vivido crítica e criativamente no lúdico. Utopias que nascem de vivências lúdicas construídas em meio a conflitos, despertando para desejo de transgressão da ordem vigente, recriações diversas.

Um exemplo nesse sentido vem da escola, das relações não-confessáveis vividas pela turma malcomportada, “a turma de trás” como descreve Brandão em texto curiosamente datado "Campinas, 8 de janeiro de 1986, sábado de Carnaval. (Quem diria?)" Falando do seu tempo de “turma de trás”, esse autor buscou na memória lembranças dos colégios por onde andou. Do Colégio Paulista,

só me lembro de algumas ‘festinhas’ que, sendo escolares e, ainda por cima, ‘paulistas’ nunca foram muito animadas. Depois de algumas mudanças de escolas tive sorte, porque eu fui aceito no Colégio Andrews. Finalmente um colégio leigo, com menos espaços e cantos escondidos para as farras ocultas, mas ao mesmo tempo sério e mais tolerante. Pela primeira vez, também, eu ingressava em um “colégio misto”, uma das melhores invenções da pedagogia ocidental [...] Ninguém na minha família conseguiu até hoje explicar como um vagabundo de carreira, como eu, consegui ser aprovado para o Colégio Naval e para a EPC Ar. Minha parentela sempre gostou muito de ter engenheiros, médicos e oficiais da marinha. Mas eu consegui ser moderadamente rebelde uma vez mais e acabei resolvendo ir para a aeronáutica, contra a vontade de todos. [...] Jamais saberia comandar um navio, mas um avião lá em cima, sozinho, dono de mim, arriscado a tocar com as mãos às estrelas... isso fazia o meu estilo. Na ECP Ar aprontei de novo grandes farras. [Sustamento, detenção, prisão]

Fui useiro das três. [...] Qualquer das punições usuais era terrível, não pela ‘mancha’ que deixava na ‘ficha do aluno’, mas porque depois de uma semana duríssima [...] o paraíso era a pequena e cativante Barbacena, com tantas moças bonitas e com três ‘casas de zona’ razoáveis, para o poder aquisitivo de aluno como eu [...] Nas férias de meu primeiro ano eu fracturei gravemente a espinha mergulhando em um ribeirão em Itatiaia [...] quando fiquei bom, voltei lá e mergulhei no mesmo lugar (agora com mais inteligência); virei escalador de montanhas e, depois, guia de escalada; voltei ao Colégio Andrews e me tornei ‘aluno exemplar’. Inconformados com a minha ‘mudança’, os amigos queridos da Rua Cedro, na Gávea, dizem até hoje que a culpa de tudo foi a pedra do rio onde bati com a cabeça. [...] hoje sou antropólogo e passo metade do meu tempo ‘livre’ investigando ‘comunidades camponesas’ de Goiás, Minas e São Paulo. Para os antigos habitantes das últimas carteiras da sala de aula, o melhor do colégio sempre foi ‘a hora da saída [...] Depois, o melhor era o ‘recreio’. Pior que a hora da ‘entrada no colégio’, só mesmo a da ‘entrada na sala de aula. Por isso, sempre houve entre eles o empenho seríssimo de trazer para ela o que era possível do espaço e da ‘vida do recreio’. [...] O recreio do meu tempo, no Andrews pelo menos, no São Bento e na EPC do Ar, era muito divertido. Havia jogos permitidos e conversas alegres sob as vistas dos inspetores. Mas nos recantos ocultos — parques, mato, retiros e fundos de muros, no amplo ‘canto do banheiro — havia de tudo.¹⁶⁵

Esse relato é rico de possibilidades de tempos criativos em um cotidiano cheio de contradições. Novas dimensões temporais que transgridem a ação nascem de convivências com outras dimensões do tempo. Com punições pelo tempo de sustamento, detenção e prisão; onde pior que a hora da entrada no colégio, só mesmo a da entrada na sala de aula, também convivem tempos de sonhos: a hora da saída, a vida do recreio, o paraíso depois de uma semana duríssima e as férias que, mesmo em meio a acidente grave, iniciam uma aprendizagem para lidar com riscos e a natureza — virei escalador de montanhas e, depois, guia de escalada. E hoje esse autor como antropólogo passa a metade do seu tempo ‘livre’ investigando comunidades camponesas.

¹⁶⁵ Brandão, 1988: 107-114.

2.4.8 “relógio e lazer não combinam muito não porque quando você está no lazer você não está nem aí para a hora... você não se preocupa se o lazer está acabando... pelo contrário... no lazer o tempo passa voando e a gente nem vê passar...”

“por exemplo... agora já acabou [nossa pesquisa] são seis horas e nós estamos aqui fora e nem percebemos que escureceu tanto... preciso até acender a luz...”

Esse diálogo evidencia outro exemplo de repetição criativa das experiências vividas como lazer, aqui destacando-se resignificações do tempo. Nesse sentido, segundo os jovens depoentes, o tempo de lazer não é compreendido na contraposição às obrigações cotidianas, lógica fundante do mundo da produção alicerçada pelo entendimento de tempo *chronos*. A possibilidade de tempo de lazer deixa de se submeter às obrigações agendadas pelo relógio e calendário, principais marcadores de tempo na sociedade moderna industrializada.

“no lazer o tempo passa voando e a gente nem vê passar...”

O tempo de lazer passa a ser regido pela lógica *kairós* de tempo, que acentua as ocasiões vividas como oportunidades significativas para os indivíduos. Traduz sentidos orientados, como diz os jovens nesta pesquisa, pelas experiências de encontro, pertencimento e repetição criativa, como exemplificam as falas destacadas neste item.

Esse sentido de tempo de lazer parte das escolhas e experiências das pessoas, do seu vivido, lidando com limites na concretização dessa experiência. Limites diversos, mas que, sobretudo, representam limites de tempo de possibilidade de ação. Não sendo compreendido como tempo fracionado linearmente, o tempo de lazer passa a ser estruturado e espacializado com base nos objetivos do sujeito que o vive e os desafios da experiência nele construída.

Entre nós, hoje, o sonho do tempo *kairós* tem ganhado espaço a partir das conquistas cidadãs que, sobretudo, dão visibilidade aos sujeitos, aos seus desejos e diferenças nos modos como organizam e vivem o cotidiano, potencializando

todas as oportunidades de tempo com possibilidades de vivências de lazer, especialmente concebidas pela alegria construída pelo exercício da liberdade.

Analisando “esse novo tempo”, como discute Baudrillard, na modernização, a liberdade é formal, o povo se torna massa, a cultura se torna moda. Na atualidade, busca-se, cada vez mais, viver a liberdade plena, uma vez que ela deixou de ser norma da economia e passou a ser condição da existência humana¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Baudrillard, 1981.

TERCEIRA PARTE

RE(VI)VENDO SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TEMPO DE LAZER NA ATUALIDADE

Revedo... Vendo... Vivendo... Revivendo...

A realização deste estudo possibilitou-me refletir sobre minha própria vida. Deparei com questões que venho perseguindo ao longo de todos esses anos e, que, antes de tudo, “fazem sentido e têm significado”, sobretudo, para minha própria constituição como sujeito, educadora e pesquisadora. Contrapondo a idéia de circularidade que nos remete a uma dinâmica inteiramente fechada e repetitiva, vivenciei um movimento recursivo como num circuito aberto, no qual me inseri com o “jogo desta pesquisa”. Nele, ao mesmo em tempo que estudava experiências narradas, fui-me (re)descobrimo como pesquisadora do campo do lazer, renovando meus conhecimentos. Nesse movimento, retomei construções e inquietações presentes em outros momentos de minha vida, com a clareza de que estava me deslocando a partir de novos pontos de partida e em direção a novos pontos de passagem.

Nesse movimento espiral, a questão que moveu o estudo — “que sentidos e significados são atribuídos ao tempo de lazer na atualidade?” — direcionou a eleição de uma curiosidade decisiva nesta problematização. Afinal, o que mudou na compreensão do tempo de lazer hoje? Pergunta que faz sentido na medida em que os estudiosos em nosso contexto continuam pensando a dimensão do tempo do lazer com base na sua constituição nas sociedades industriais modernas.

A vida cotidiana de jovens belo-horizontinos foi o território a partir do qual procurei ler possíveis mudanças sobre o tempo de lazer, buscando não deixar escapar o olhar crítico sobre as descobertas mais simples. Os dados apontaram, o tempo todo, para o sujeito social que constrói o tempo de lazer na convivência com seus amigos, na sua cultura, lidando com as condições sociais possíveis.

Ao discutir sobre tempo de lazer, os jovens debateram sobre eles mesmos e a vida vivida em vários tempos juvenis.

Ao me debruçar sobre o narrado pelos jovens participantes do estudo, busquei ler o tempo de lazer no “invisível do dia a dia”. Ou seja, construir respostas para a investigação proposta, tendo como matéria-prima aquilo que, cotidianamente, vemos sem, muitas vezes, percebemos na vida social, mas que dá sentido e significado a ela: as escolhas, desejos, resistências, hábitos, linguagens, enfim, práticas culturais que dão identidade aos fazeres. Aquilo que Maffesoli investiga na “centralidade subterrânea” da vida social, e que se encontra nos meandros do dia-a-dia, que está nas pessoas, no seu jeito de ser, de gesticular, no seu tom de voz, no seu modo de (re)agir nos diálogos com o outro, de narrar fantasiando o vivido e conversar a respeito das alegrias e desprazeres vividas nessas experiências. Jeito de ser que, na maioria das vezes, não sabemos descrever, e nem (talvez) conseguiremos, mas que nos faz decidir pela seleção de episódios e falas que compõem o *corpus* de uma pesquisa que estimulou o participante a lembrar ou mesmo fantasiar momentos marcantes vividos com “alegria e liberdade”, como falam os jovens desta investigação.

Lembrando Bakhtin, quando lemos uma palavra, remetemos-nos a um repertório de informações e outras “leituras” que aprendemos nas nossas experiências ao longo da vida, que estão registradas na nossa memória. A cada “novo” movimento que fazemos para compreender os sentidos e significados das dimensões da vida, outras imagens e leituras vão se agregando ao nosso repertório, que se enriquece e se reorganiza com as (re)descobertas alcançadas.

E o que aprendi neste estudo?

O exercício investigativo realizado permitiu-me, sobretudo, algumas (re)descobertas.

No plano cultural: os sentidos e significados de tempo de lazer são construídos ludicamente nas experiências cotidianas de encontro, pertencimento e repetição criativa. Leitura que representa “um olhar”, o meu modo de ler, nesse

momento, as falas dos sujeitos históricos que buscam o reconhecimento e a posse de si, da relação com outro e com o ambiente vivido.

No plano social: a leitura que os jovens fazem sobre o tempo de lazer é regido pela lógica *kairós* de tempo e, como tal, compreende o tempo pela qualidade de sua constituição e não pela organização lógica instrumental de seus espaços e atividades neles vividas, como está na base da constituição histórica do lazer na sociedade industrial. Como tempo *kairós* para os jovens o tempo de lazer é tempo de experiências lúdicas, de escolha e construção de sujeitos. Tempo de exercício da autonomia, buscando superar limites sociais postos às realizações.

A pesquisa, assim, deu visibilidade a demandas e apelos dos sujeitos pela concretização do tempo de lazer como experiências pessoais e coletivas, circunscritas em dado contexto cultural, social e histórico.

Mostra significados de lazer no tempo juvenil, no tempo de corpos que vivem determinadas fronteiras de presença no mundo, que atribuem sentido à duração da vida cotidiana narrada, levando a sério o tempo-espaço de lazer, os modos de ser, de conviver, afetos e aprendizagens vividas. Com isso, nos ensinam que, sendo uma construção humana, a essência do tempo de lazer reside, em parte, do ajustamento das condutas dos sujeitos às regras institucionais (forte presença da família, escola, mídia, etc), mas, em parte também, à resistência a essa ordem, pois os eventos e rotinas não possuem fluxos de mão única. Aí reside a liberdade no tempo de lazer. Liberdade construída na relação entre produção e reprodução da vida social.

Por fim, essa investigação mostrou-me o quanto ainda tenho a investigar a respeito do que acontece no nosso cotidiano. Os próprios dados da pesquisa merecem aprofundamentos diversos, ampliando a compreensão dos sentidos e significados de tempo de lazer em nossa atualidade.

Afinal, há muito que sondar sobre sentidos e significados do tempo de lazer neste país do futebol, do chope gelado, do carnaval, da praia, do cafezinho e do bate-papo descontraído, de corpos que gingam, se expressam e comunicam por

meio de diferentes gestos musicalizados, do gosto pela leitura curiosa, a festa, a celebração, o riso fácil, o abraço, o irreverente jeito piadístico de ser e jeito poético de cantar a vida, enfrentando seus inúmeros dilemas sem deixar de, como diz Gonzaguinha,

Viver e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz.
Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será,
mas isso não impede que eu repita:
é bonita, é bonita e é bonita...

E a vida?
E a vida o que é diga lá meu irmão?
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?
Mas e a vida?
Ela é maravilha ou sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é o que é, meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente
é um nada no mundo,
é uma gota,
é um tempo que nem dá um segundo;
Há quem fale
Que é o divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
Ele diz que a vida é viver,
Ela diz que melhor é morrer pois amada não é e o verbo sofrer.

Eu só sei que confio na moça
e na moça eu ponho a força da fé,
somos nós que fazemos da vida
como der ou puder ou quiser.

Sempre desejada,
por mais que esteja errada.
Ninguém quer a morte
só saúde e sorte.

E a pergunta roda
e a cabeça agita
eu fico com a pureza da resposta das crianças:
é a vida, é bonita e é bonita...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites nômade*; espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 250p.

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Trad. João-Francisco Duarte Júnior. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1987. 199p.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *O corpo lúdico maxacali*; segredos de um “programa de índio”. Belo Horizonte: FUMEC/FACE, C/Arte, 2003. 102p.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*; introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994. 111p.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992. 196p.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 421p.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, Brasília: UnB, 1999. 196p.

BARTHES, Roland. *A aula*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1992. 89p.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. 86p.

BAUDRILLARD, Jean. *For a critique of the political economy of the sign*. Trad. Chrles Levin. St. Louuis: Telos Press, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões*; a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984. 117p.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON; Jean Claude. *A reprodução*; elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 238p.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer; concepções e significados. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 1,n. 1, p.9-17, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: MORAIS, Regis de (Org.). *Sala de aula... que espaço é esse?* 3 ed. Campinas: Papyrus, 1988. p.105-122.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. 110p.

BRUNHS, Heloísa Turini. Lazer, trabalho e tempo; uma discussão a partir de Thompson e De Grazia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, Belo Horizonte, UFMG, 1996, p. 362-369. *Coletânea*.

BUCHT, Catharina e FEILITZEN, Cecília Von. *Perspectivas sobre a criança e a mídia*. Trad. Patrícia de Queiróz Carvalho. Brasília: UNESCO. SEDH/Ministério da Justiça, 2002. 316 p.

CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988. 180p.

CALLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CAMARGO, Luiz Octávio. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998. 160p.

CAMPOS, Simone. *No shopping*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. 72p.

CARDARELLO, Andréa *et al.* Nos bastidores de um vídeo etnográfico. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Org.). *Desafios da imagem*;

fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998. p. 269-88.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003. 180p.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade; identidades e práticas culturais em Angra dos Reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPPERJ, 2002. 233p.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Mayer. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617 p. v.1.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. v.2.

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Mayer. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 497p. v.3.

CEHC/FJP. *1^o Guia cultural de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais/Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 1997. 408p.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Trad. Theo Santiago. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 152p.

CRESS/6^a Região/MG. *Coletânea de leis...* 2 ed. Belo Horizonte: CRESS, 2003. 374p.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena; o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. 365f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DAYRELL, Juarez. DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

DE GRAZIA, Sebastian. *Tiempo, trabajo y ocio*. Trad. Consuelo Vasquez de Parga. Madrid: Tecnos, 1966. 459p.

DEBUS, Mary; NOVELLI, Porter. *Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educacional Development, 1988. 97p.

DIEESE. *Jornada de trabalho por meio de banco de horas*. Brasília: 2002. Documento.

DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama; reflexões sobre o tempo e a história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. 256p.

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Éditions du Senil/Instituto Piaget, 1994. 282p.

DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. Trad. Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Nobel, 1995. 199p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Trad. Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1979. 333p.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.269-285.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 163p.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001. 319p.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223p.

FONSECA, Ana Rosa da Rosa. *Lazer na empresa; que jogo é este?* Salvador: Universidade de Salvador, 2003. 113p. (Mestrado em Administração) .

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 1959. 139f. Tese (Concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação) – Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 184p.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné Bissau; registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 173p

FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 158p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança; um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 245p

FRIEDMANN, George. *O trabalho em migalhas; especialização e lazeres*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS & MEC/FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE. *Dicionário de ciências sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, Campinas, Unicamp, 1994, p. 175-189. *Coletânea*.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. Campinas: Martins Fontes, 1994. 252p.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. 5. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 177p.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 4. ed. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993. 228p.

GIDDENS, Anthony. *Em defesa da sociologia; ensaios, interpretações e trépicas*. Trad. Roneide Venancio Mayer e Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 393p.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 458p.

GONÇALVES, Luiz Albert Oliveira; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. *O jogo das diferenças; multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens; o jogo como elemento da cultura*. 2. ed. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: perspectiva, 1980. 242p.

IBGE. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. *Tabulação avançada do censo demográfico 2000; resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. 174p

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 180p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos tradicionais infantis; o jogo, a criança e a educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 127p.

- KOCK, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 1994. 152p.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999. 131p.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991. 216p.
- LEWIS, J. David; WEIGERT, Andrew J. Estructura y significado del tiempo social. In: TORRE, Ramón Ramos (Org.). *Tiempo y sociedad*. Madrid: Centre de Investigaciones Sociológicas, 1992. p. 89-132.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3.ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 232 p.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente; por uma sociologia da vida cotidiana*. 2.ed. Trad. Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 1998. 231 p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas: Papyrus, 1983. 83p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papyrus, 1987. 164p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. São Paulo: Papyrus, 1990. 149p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) *Lazer e políticas públicas setoriais; o papel das prefeituras*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Lúdico, educação e educação física*. Ijuí: Unijuí, 1999. 230p.

MARX, Karl. *O capital*. Trad. de R. Sant'Ana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Livro 1: O processo de produção do capital.

MASCARENHAS, Fernando. Tempo de trabalho e tempo livre; algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. *Revista Licere*, Belo Horizonte, UFMG/CELAR, v. 3, n. 1, p. 72-89, 2000.

MÈLICH, Joan Carles. El tiempo ontológico. In: FERMOSE, Paciano (Org.). *El tiempo educativo y escolar*, estudio interdisciplinar. Barcelona: PPU, 1993. p. 13-32.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*; juventude e contemporaneidade. São Paulo, ANPEd, n. 5, mai/jun/jul/ago 1997 e n. 6, set/out/nov/dez/ 1997, p. 5-14.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente*; movimentos sociais nas sociedades complexas. Trad. Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001. 199p.

MUNNÉ, Frederic; CODINA, N. Psicología social del ocio y el tiempo libre. In: ALVARO, J. L., GARRIDO, A. & TORREGROSA, J. R. (Org.) *Psicología social aplicada*. Madrid: McGraw-Hill, 1996. p. 429-448.

ONU. Declaração dos direitos universais do homem. Genebra, Assembléia Geral da ONU, 10 de dez. de 1948. *Impresso*.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*; princípios e procedimentos. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001. 99p.

PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Trad. Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 184p.

PIEPER, Josef. *Leisure; the basis of culture*. 5 printing. New York: New American Library, 1963. 127p.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. *A recreação/lazer e a educação física; a manobra da autenticidade do jogo*. 1992. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, 1992.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Educação Física; dos jogos e do prazer. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, a.1, n.4, p.42-53, julh./ago./1995.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Sentidos do jogo na educação física escolar. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, a.7, n.8, 1996. p. 95-108.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. A construção da interdisciplinaridade no lazer; experiência política da Prefeitura de Belo Horizonte. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) *Lazer e políticas públicas setoriais; o papel das prefeituras*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer; concepções e significados. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.18-27, 1998.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e qualidade de vida; uma leitura do cotidiano de Belo Horizonte. In: CONGRESSO MUNDIAL DO LAZER, 5, 1998, São Paulo. *Anais... São Paulo*: SESC, 1998. p.99.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e trabalho em busca da qualidade lúdica; desafio da Prefeitura Municipal de Betim. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11, 1999, Foz do Iguaçu. *Anais...* p. 113-120.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Tempo/espaço de ser na educação física/ciências do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, a. 21, n. 1, p. 84-92, set. 1999.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e mercado. *Revista Licere*, Belo Horizonte/MG, Centro de Estudos de Recreação e Lazer/UFMG, a. 1; n. 3; p. 182-188, 2000.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Dicionário crítico da Educação; Lazer. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 7, n. 40, p. 90-93, 2001.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Formação de educadores e educadoras para o lazer; saberes e competências. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, mai. 2001, v. 22, n. 3, p. 53-72.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. *Lazer e estilos de vida*; reflexão e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. In: PINTO, Leila, M. S. M. (Org.) *Lazer e estilos de vida*. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 2002.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer na empresa. *Bahia Indústria - Revista da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*, a. 12, n. 120, p. 26, jan. 2002.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. O trabalho voluntário para esporte e lazer em políticas públicas: problemas e desafios enfrentados. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*. Campinas: Papyrus, 2003. p. 171-190.

PIRES, Giovani de Lorenzi. *A educação física e o discurso midiático*; abordagem crítico-emancipatória em pesquisa-ação no ensino de graduação. Subsídios para a saúde? 2000. 231f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Campinas, 2000.

POSSENTI, Sírio. Apresentação da análise do discurso. *Glotta*, São José do Rio Preto, Unesp, n.12, p. 45-59.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Guia cultural de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: BELOTUR/Secretaria Municipal Cultura, 2000.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Perfil de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PBH/Secretaria Municipal de Governo, Planejamento e Coordenação Geral/Secretaria Municipal de Modernização Administrativa e Informação/Gerência de Informações Técnicas, 2000. 27p.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Anuário estatístico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Secretaria Municipal de Planejamento, 2001.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Rede de apoio e orientação sociofamiliar*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Secretaria Municipal de Assistência Social, 2002. (mimeogr.)

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Relatório anual de atividades da URBEL*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), 2003. (mimeogr.)

QUINTÃO, André. Lazer; o público e o privado. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p.165-171, 2002.

RIESMAN, David. *A multidão solitária*; um estudo da mudança do caráter americano. Trad. Sérgio Micelli e Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1971. 393p.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição do sentido moderno de esporte*; pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube. 1996. 325f. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física da UFMG, Belo Horizonte, 1996.

RUSSEL, Bertrand. *O elogio do lazer*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. 193p.

SAN AGOSTÍN. *Las confesiones*. Madrid: Palavra, 1974.

SANTIN, Silvino. *Educação Física; da alegria do lúdico opressão do rendimento*. Porto Alegre: Edições EST/ESEF/UFRGS, 1994. 105p.

SIMMEL, Georg. *The philosophy of money*. Trad. Tom Bottomore & David Frisby. 2. ed. Londres: Routledge, 1990.

SOROKIN & MERTON. Tempo social; análise metodológico e funcional. In: TORRE, Ramón Ramos (Org.). *Tiempo y sociedad*. Madrid: Centre de Investigaciones Sociológicas, 1992. p. 73-87.

SOUSA, Eustáquia Sousa de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. 1997. 375f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, 1994.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. In: *Revista Brasileira de Educação; juventude e contemporaneidade*. São Paulo, ANPEd, n. 5, mai/jun/jul/ago 1997 e n. 6, set/out/nov/dez/1997, p. 37-52.

SZALAI, A. (Org.). *The use of time*. Haia: Mouton, 1972.

TEDESCO, Juan Carlos. *O novo pacto educativo; educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 2002. 150p.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Tempos enredados; teias da condição professor*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 372f. (Doutorado em Educação)

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: TOMAZ, Tadeu da Silva. *Trabalho, educação e prática social; por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 44-93.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna; teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia,

Comunicação e Representações Sociais da Pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUC/RS. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 427p.

TORRE, Ramón. *Tiempo y sociedad*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1992. 395p.

TOURAINÉ, Alain. *O que é democracia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

UNICEF. *A voz dos adolescentes*. Brasília: UNICEF, 2002. 236p.

UNICEF. *Situação da adolescência brasileira*. Brasília: UNICEF, 2002. 236p.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 180p.

WAJSKOP, Gisela. *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1995.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

WERNECK, Christianne. *Lazer, trabalho e educação; relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: CELAR/UFMG-Editora da UFMG, 2000. 157p.

ZINGONI, Patricia. *Lazer como ação socioeducativa para a cidadania; um estudo em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Universidade de São Marcos/São Paulo, 2001. 166p.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *Cidadania - Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, IPHAN, n. 24, 1996, p. 176.